



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

JAQUELINE ESTÁCIO BARBOSA DE JESUS SANTOS

**ASPECTOS DA ORALIDADE EM ‘VIDAS SECAS’:
REFLEXÕES LINGUÍSTICO-IDEOLÓGICAS**

Salvador
2017

JAQUELINE ESTÁCIO BARBOSA DE JESUS SANTOS

**ASPECTOS DA ORALIDADE EM ‘VIDAS SECAS’:
REFLEXÕES LINGUÍSTICO-IDEOLÓGICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lícia Maria Bahia Heine

Salvador
2017

À minha filha Jéssyca Calipso (*In memória*)
por ter lutado, nesta vida, até o último suspiro.
Ao meu filho Uesley Calipso pela segunda
oportunidade de ser mãe. Ao meu amado e
querido esposo Ubiracy Santos pelo amor e
carinho constante. Aos meus pais, Antonio
Calipso e Edinalva de Jesus, por terem ensinado-
me a não desistir. Ao meu irmão Jádison, sua
esposa Elissandra e minhas sobrinhas Samira e
Evelyn pela atenção.

AGRADECIMENTOS

A Deus sou eternamente grata pela vida, amor e dedicação à busca pelo conhecimento;

A Lícia Maria Bahia Heine, orientadora desta pesquisa, pela confiança, competência e dedicação;

Aos membros do Núcleo de Pesquisa do Discurso – NUPED/UFBA, pela oportunidade de discussões;

As minhas amigas Edinéia Oliveira, Valdenice Pestana e Normed Dantas, membros do NUPED, colegas de graduação e pós-graduação, pelo incentivo e constante apoio durante a minha jornada acadêmica;

Ao amigo Evanilton Gonçalves, companheiro de graduação e pós-graduação, pelo companheirismo e carinho;

A Aldacélis Lima, prima e companheira de estudo, pela paciência, pelos olhares cuidadosos para a minha escrita e pelo exemplo de dedicação;

Aos meus tios Egberto e Marinalva, com seus respectivos filhos e noras, pelo carinho, atenção e incentivo durante os momentos mais difíceis e alegres da minha vida;

As minhas avós, Palmira Marcelina (avó paterna) e Vitalina Estácio (avó materna), pela paciência e sábias palavras;

As amigas Vanildes, Sara, Edileuza, Raquel e Andréa, companheiras de projetos, pela união e dedicação;

Aos amigos Altair Pacheco e Pina Rabbiose, pela sensibilidade e escuta;

A diretoria e equipe da Casa do Sol Padre Luís Lintner, pela atenção e cuidado.

RESUMO

A presente pesquisa, cujo título é *Aspectos da oralidade em 'Vidas Secas': reflexões linguístico-ideológicas*, tem como finalidade identificar a ocorrência de fenômenos da oralidade na língua escrita, a partir de excertos do gênero romance da literatura brasileira, do autor Graciliano Ramos, visando destacar as marcas do texto híbrido na relação fala-escrita, na perspectiva de Marcuschi (2001). Para tanto, esta proposta pauta-se teórico-metodológica na Linguística de texto, uma das ramificações do paradigma funcional da linguagem, consoante às pós-teorias de texto, pondo em foco a proposta de Heine (2012), a partir da Fase Bakhtiniana, cujas pesquisas têm-se voltado para as noções de texto, pautadas sobretudo nos pressupostos do filósofo Bakhtin. Quanto aos aspectos metodológicos, a pesquisa apresenta duas categorias: o *corpus*, constituído de excertos textuais do romance de 'Vidas Secas' e a operacionalização das análises. Os resultados encontrados, consoante aos objetivos da pesquisa, evidenciam a ocorrência de estratégias de formulação do texto oral na referida obra, caracterizando, de modo incisivo, a hibridização textual. Desse modo, esta pesquisa permite a valorização dos gêneros híbridos, oportunizando o seu reconhecimento no que tange ao ensino da língua materna.

Palavras-chave: Oralidade. Gêneros híbridos. Fala-escrita. Texto.

ABSTRACT

The present research, whose title is *Aspects of orality in 'Vidas Secas': Linguistic-ideological reflections*, aims at identify the occurrence of orality phenomena in the written language, from excerpts of the novel genre of Brazilian literature, of the author Graciliano Ramos, aiming to highlight the marks of the hybrid text in the speech-writing relation, in the perspective of Marcuschi (2001). Therefore, this proposal is based on theoretical and methodological in Linguistics of text, one of the ramifications of the functional paradigm of language, according to post-theories of text, focusing on the proposal of Heine (2012), from the Bakhtinian Phase, whose research has turned to the notions of text, modeled on the presuppositions of the philosopher Bakhtin. As for the methodological aspects, the research presents two categories: The corpus, made up of textual excerpts from the novel of 'Vidas Secas' and the operationalization of the analyzes. The results found, according to the research objectives, show the occurrence of oral text formulation strategies in this work, characterizing, incisively the textual hybridization. In this way, this research allows the valorization of the hybrid genres, allowing their recognition regarding the teaching of the mother tongue.

Keywords: Orality. Hybrid genres. Speech-writing. Text.

LISTA DE QUADROS, TABELAS, GRÁFICO

QUADRO 1. Dicotomias estritas	39
QUADRO 2. Categorias de traços da oralidade	61
QUADRO 3. Constituição quantitativa do <i>corpus</i>	61
QUADRO 4. Ocorrência das hesitações	65
QUADRO 5. Ocorrência das repetições	77
QUADRO 6. Ocorrência de correções	88
QUADRO 7. Ocorrência de marcadores discursivos	95
QUADRO 8. Ocorrência de palavra genérica	10
TABELA 1. Frequência dos elementos de hesitações	65
GRÁFICO 1. Quantidade geral de traços da oralidade no total de 26 excertos	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PARADÍGMA FUNCIONAL DA LINGUAGEM	12
2 A LINGUÍSTICA TEXTUAL	20
2.1 AS FASES DA LINGUÍSTICA DE TEXTO	21
3 ASPECTOS DA ORALIDADE	43
3.1 O TEXTO ORAL E OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS	43
3.2 DEFINIÇÃO DO TEXTO ORAL	49
3.3 ASPECTOS DO TEXTO ORAL	50
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS	58
4.1 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	58
4.1.1 Caracterização do <i>corpus</i>	58
4.1.2 Tratamento preliminar dos dados	60
4.2 OPERACIONALIZAÇÃO DA ANÁLISE	62
5 ANÁLISE DOS DADOS	64
5.1 ASPECTOS GERAIS	64
5.2 ANALISANDO O <i>CORPUS</i>	64
5.2.1 Hesitações	64

5.2.2 Repetições	76
5.2.3 Correções	87
5.2.4 Marcadores Discursivos	94
5.2.5 Palavra genérica	103
5.3 CONSIDERAÇÕES DA ANÁLISE	106
6 CONCLUSÕES	108
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	116

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, intitulada *Aspectos da oralidade em 'Vidas Secas': reflexões linguístico-ideológicas*, tem como problema central identificar as expressões da modalidade oral, nos excertos da obra 'Vidas Secas', de Graciliano Ramos, visando ressaltar os traços híbridos da relação fala-escrita, a partir de um enfoque linguístico textual de cunho histórico-ideológico. Para tanto, tomam-se como base as seguintes hipóteses:

- os excertos do livro 'Vidas Secas' que, constituem o *corpus* desta pesquisa, evidenciam traços da oralidade e podem ser analisados a partir do contínuo fala – escrita, na perspectiva de Marcuschi (2001);
- os excertos da obra de 'Vidas Secas' evidenciam a frequência de características do texto oral, como hesitações, repetições, possibilitando tratar o romance como um gênero híbrido que pode ser utilizado no ensino de língua materna.

O interesse pela temática iniciou quando a discente, ainda graduanda¹ na Universidade Federal da Bahia, teve a oportunidade de participar, no segundo semestre do ano de 2012, como aluna especial, da disciplina de Tópicos em Língua Falada, promovida pelo curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA. Assim, as pesquisas da disciplina levaram a estudante a observar a ocorrência de traços da oralidade na escrita, em especial em romances. O crescente desejo em permanecer com a temática se firmou à medida que houve a participação em seminários de pesquisas.

A relevância do trabalho se justifica, sobretudo, por destacar traços da oralidade em 'Vidas Secas', romance clássico da literatura brasileira, publicado na década de 30 do século XX, possibilitando evidenciar a ocorrência de textos híbridos a partir dos aspectos do *contínuum* fala - escrita de Marcuschi (2001), entendendo que não há dicotomia entre fala e escrita. Embora a modalidade escrita formal seja a mais utilizada nas instituições escolares há, sobretudo, trabalhos com obras literárias que processam textos por meio da hibridização da relação fala-escrita. Esses textos contemplam aspectos da fala-escrita e devem ser vistos como modalidades de uso da língua a partir do contínuo tipológico.

¹ A discente cursa a graduação no curso de Letras Vernáculas na UFBA (início em 2010.2), mas como possuía uma formação acadêmica anterior, teve possibilidades de fazer a disciplina, como aluna especial, do curso de pós-graduação em Língua e Cultura da UFBA, no semestre de 2012.2.

Por outro lado, observa-se a ausência de estudos que tratam sobre hibridismo a partir da relação entre a fala e a escrita, na perspectiva de Marcuschi (2001), como também, verifica-se que há poucas pesquisas que destacam a evidência de traços da oralidade em romance, considerando os gêneros híbridos da relação fala-escrita; e, os que existem, pesquisam, em sua grande maioria, a partir da concepção clássica, pautada nos estudos formais da linguagem. Além disso, objetiva-se, nesta pesquisa, evidenciar o contínuo da fala - escrita, deixando específico que não há modalidades linguísticas homogêneas e nem dicotômicas. Assim como, apontar quais as consequências práticas do conceito de texto como evento dialógico, linguístico-semiótico.

Quanto à perspectiva teórica, a dissertação se insere na hodierna Linguística Textual (doravante LT), consoante à proposta de Heine (2012), pautada nas noções trabalhadas pelo filósofo Mikhail Bakhtin. Para tanto, a referida autora propõe a Fase Bakhtiniana, cujas reflexões sobre a significação do texto buscam considerar o contexto imediato, mas também o contexto mediato, isto é, o histórico, “elemento essencial/constitutivo do ser humano” (HEINE, 2014, p. 46). Ressalta-se sobre essa fase que, apesar da literatura vigente da LT incluir algumas noções bakhtinianas, os seus estudos não apresentam resultados significativos que considerem as propostas de Bakhtin, “[...] que, direta ou indiretamente, vem imprimindo uma ressignificação substantiva nos seus pilares básicos, a ponto de dar respaldo teórico para o surgimento de um novo momento” (HEINE, 2014, p. 46).

Portanto, a análise realizada no presente trabalho contribuirá, sobretudo, para o ensino de língua materna, na medida em que revela a importância do trabalho com um gênero híbrido, considerando a relação entre fala - escrita, modalidades de um único sistema linguístico.

Em sua constituição formal, a dissertação apresenta a introdução, seguida de seis capítulos: (1) *Considerações Acerca do Paradigma Funcional da Linguagem*, no qual, serão abordados aspectos gerais sobre o funcionalismo; (2) *A Linguística Textual*, seção que evidencia a trajetória das fases da LT; (3) *Aspectos da Oralidade*, capítulo que reflete acerca dos traços do texto oral oralidade; (4) *Aspectos Metodológicos*, seção que aponta os critérios para a análise dos dados; (5) *Análise do Corpus*, apresentação da análise feita, consoante aos objetivos da pesquisa; (6) *Conclusões*, momento em que são indicados os resultados alcançados, pautados nos objetivos traçados; *Referências*; *Anexos*.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PARADIGMA FUNCIONAL DA LINGUAGEM

A linguística no século XX é estudada, na tradição, tendo como base duas perspectivas de pesquisas, a saber: o Paradigma Formal da linguagem e o Paradigma Funcional da linguagem. Os estudos formais, hegemônicos na linguística, são ampliados a partir da pesquisa de cunho pragmático, conforme se observa no excerto textual a seguir:

[...] paralelamente a toda análise formal da língua, foram surgindo, nos anos 60 do século XX, novas tendências que fugiam à linguística hegemônica. Eram linhas de trabalho que buscavam observar a linguagem em seus usos efetivos. Tratava-se do que se chamou de a guinada pragmática, motivada em parte pela filosofia analítica da linguagem impulsionada tanto por Wittgenstein (1889-1951) como por Austin. A partir dos anos 1960, surgiram a pragmática, a sociolinguística, a psicolinguística, a análise de discurso, a análise da conversação, a etnolinguística e, neste contexto, também a Linguística Textual. (MARCUSCHI, 2008, p. 39)

Marcuschi (2008), quando assevera: “[...] paralelamente a toda análise formal da língua, foram surgindo, nos anos 60 do século XX, novas tendências que fugiam à linguística hegemônica”, ele refere-se às diversas tendências dos estudos linguísticos que emergiram das lacunas deixadas pelo formalismo. No Paradigma Formal, tem-se a concepção de língua, enquanto conjunto de sentenças, estudada num sistema abstrato que enfatiza as propriedades internas da língua, a partir da relação entre os elementos linguísticos presentes numa determinada oração. Entretanto, no Paradigma Funcional, busca-se trabalhar com a língua em uso, considerando o sujeito e suas práticas comunicativas. Em linhas gerais, esse paradigma reflete acerca de questões excluídas pelo formalismo, a exemplo, como as ligadas ao sujeito, à sociedade, à história e à cognição, consoante o excerto textual a seguir:

[...] nos estudos linguísticos de marca saussuriana, o projeto que predominou na tradição do Curso sufocou sensivelmente o sujeito, a sociedade, a história, a cognição e o funcionamento discursivo da língua, a fim de obter um objeto asséptico e controlado, criado pelo ponto de vista sincrônico e formal. (MARCUSCHI, 2008, p. 30)

Conclui-se, tomando como base a assertiva supracitada, que o formalismo se tornou, no início da instauração do funcionalismo, alvo de críticas, oriundas de pesquisadores discursivos, justamente, pela sua exclusão de pontos relevantes, tais como: o papel que o sujeito desempenha na língua, os elementos pragmáticos, bem como os sociológicos e os

ideológicos. Nota-se que, na perspectiva formal da língua, precisava-se de um objeto que fosse homogêneo e autônomo. Ferdinand de Saussure recebe críticas do funcionalismo pela delimitação do objeto que possui tais características, a *langue*.

Sendo assim, o Paradigma Funcional contrapondo as ideias formalistas surge ancorado em pesquisas voltadas para o uso linguístico nas práticas comunicativas, transcendendo suas análises do esquema *stricto sensu* formal.

Com isso, focalizam-se, a seguir, aspectos relevantes que fazem parte dos estudos linguístico-funcionais: precursores; base filosófica; aspectos da iconicidade linguística; concepção de linguagem; noção de sujeito.

Precursores

Os estudos funcionais têm como precursores integrantes de diversas escolas², cujo principal interesse investigativo consistia em considerar a língua como instrumento de comunicação, contemplando o uso linguístico no processo comunicativo. Heine (2011a) apresenta alguns dos principais grupos que compõem o pólo funcionalista:

[...] Escola de Genebra – Saussure (1961), Bally (1965), Tesnière (1959) e Martinet (1976, 1994, 1995); Escola Linguística de Praga – Mathesius (1964), Trubetzkoy (1939), Jakobson (1968), Danes (1974); Escola de Londres – Firth (1968) e Halliday (1976, 1985) e o grupo da Holanda, que tem Dik (1981) como seu principal mentor. Contudo, é necessário frisar que a gramática funcional tem a Escola de Praga, o linguista Halliday (1976, 1985) e o holandês Dik (1981), como seus expoentes. (HEINE, 2011a, p. 21)

Observa-se, apoiando nas considerações de Heine (2011a), a inclusão de Ferdinand de Saussure nos primórdios dos estudos funcionais, embora, esse posicionamento nem sempre seja discutido nos estudos linguísticos, mas a referida linguista ressalta a formação

² Registra-se também a presença de precursores *latu sensu*, como exemplo, mencionam-se: os retóricos da Antiguidade clássica; a gramática de Panini pelo fato de ter explicado o sentido dos hinos védicos a partir da sua leitura durante o ato comunicativo; as inquirições de William Von Humboldt (1767-1835), historicista que transcendeu o esquema diacrônico, ao abordar a relação entre língua e cultura, enfatizando o papel que aquela estabelece sobre a transmissão cultural, dentre outros. (Notas de aulas da disciplina História da Linguística, Heine, 2016.1).

neogramática do genebrino que contempla a língua em uso³. Dessa forma, reconhece a sua presença tanto no formalismo quanto no funcionalismo:

Em geral, o mestre genebrino, como ele é chamado costumeiramente, pode também ser visto como um dos precursores do funcionalismo linguístico. Essa asserção apoia-se no postulado saussuriano de que o essencial para a língua é o seu processo de comunicação, ou seja, a língua é antes de tudo um instrumento de comunicação, traço central do funcionalismo linguístico. Entretanto, o mestre genebrino, ao definir a *langue* como objeto da ciência da linguagem e a *parole*, no campo da estilística, optou por enveredar na trilha do formalismo linguístico, visto que só é possível caracterizar a *langue* no âmbito da abstração, o que o conduz inexoravelmente ao formalismo linguístico. (HEINE, 2011a, p. 21)

Para Heine (2011a), a inclusão de Saussure no formalismo e funcionalismo, refere-se também à posição do genebrino considerar a língua como instrumento de comunicação, um dos pilares da concepção de língua dos estudiosos do funcionalismo.

Em suma, a perspectiva dos precursores do funcionalismo era estudar o uso linguístico a partir das situações concretas de interação, vivenciadas pelos sujeitos, pois se entendia a língua como instrumento de comunicação. Para tanto, os funcionalistas precisavam distanciar-se das abordagens formalistas da linguagem, cuja proposta considerava a língua como autônoma e homogênea, independente dos falantes e do meio social.

Base filosófica

Ressalta-se que o funcionalismo tem como base filosófica a Pragmática que nasceu da filosofia da linguagem, cujas análises se iniciaram nos finais do século XIX. O texto, a seguir, evidencia com clareza o surgimento da Pragmática:

A pragmática nasce a partir de uma crise filosófica, ocorrida durante a transição dos séculos XIX e XX, momento em que diferentes ramos da filosofia e correntes do pensamento debruçaram-se sobre questões da linguagem, estabelecendo, pois, investigações filosóficas que se distanciavam, de forma incisiva, da ortodoxa filosofia clássica, voltada, principalmente, para reflexões abstratas, como a explicação da essência do mundo, da realidade, do ser, do conhecimento, dentre outros. (HEINE, 2011a, p. 42)

³ Notas de aulas da disciplina História da Linguística (Heine, 2016.1).

Como se observa, Heine (2011a) apresenta um esclarecimento sobre o surgimento da Pragmática, o qual tem o início marcado com a transição dos séculos, bem como a partir da crise filosófica e do interesse de diversos ramos da filosofia e corrente de pensamento acerca das questões da linguagem. Com a crise filosófica, emergem os estudos voltados para a Filosofia Analítica, nos quais o olhar comum de seus pesquisadores era para a análise do significado dos enunciados.

Da Filosofia Analítica, destacam-se duas vertentes filosóficas, a saber: Escola Analítica de Cambridge e Escola Analítica de Oxford. Segundo Heine (2011a, p. 43), “a pragmática se erige exatamente dessa última vertente, pautada sobretudo na linguagem ordinária, linguagem utilizada no dia a dia para a comunicação efetiva entre os homens” As noções tratadas pela Pragmática, quanto aos usos e funções da língua nas situações concretas, têm como alicerce as ideias colocadas pelos principais mentores da Escola de Oxford: Wittgenstein (1889-1951) analisa a linguagem pautada no seu uso; Austin (1911-1960) trabalha com a perspectiva dos atos de fala, tendo como base a linguagem ordinária.

Sendo assim, o principal objetivo da Pragmática era pesquisar a língua em seu uso e nunca isolada do contexto social, ou seja, os estudiosos da pragmática observavam as relações entre a estrutura da linguagem e seu uso, considerando os usuários, excluídos pela Linguística formal. A Pragmática é uma ciência do uso linguístico, não das formas e a linguagem é vista para realizar as ações. De acordo com Marcuschi (2008), o estudo está diretamente relacionado com os fatores contextuais e discursivos. Para melhor compreensão, considera-se o excerto a seguir:

[...] a Pragmática pode ser apontada como a *ciência do uso linguístico*. As pessoas que a estudam esperam explicar antes a linguagem do que a língua. [...] a Pragmática aposta nos estudos da linguagem, levando em conta também a fala, e nunca nos estudos da língua isolada de sua produção social. Dessa forma, os estudos pragmáticos pretendem definir o que é linguagem e analisá-la trazendo para a definição os conceitos de sociedade e de comunicação descartados pela Linguística saussureana na subtração da fala, ou seja, na subtração das pessoas que falam. (PINTO, 2011, p. 48)

Pinto (2011) trata da Pragmática, indicando-a como uma ciência que analisa os usos linguísticos nas práticas sociais. Também, a referida autora apresenta o enfoque dos estudos pragmáticos, diferenciando-os da perspectiva formal, mostrando que, enquanto a pragmática estuda a linguagem no seu uso, Saussure atenta-se para o estudo da língua num sistema abstrato.

Pautado na base filosófica da pragmática, o funcionalismo passa a conceber a linguagem não mais como representação do mundo, mas servindo para realizar ações, “ou seja, o funcionalismo procura essencialmente trabalhar com os dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato de comunicação” (CUNHA, 2009, p. 158). Isso porque, os funcionalistas constataram que alguns fatos linguísticos só poderiam ser compreendidos dentro de uma situação comunicativa como, por exemplo, o uso de elementos que indicam o lugar - ‘aqui’, ou o tempo – ‘agora’.

Aspectos da iconicidade linguística

O termo ícone é de origem grega (*eikón* – imagem) e tem sido alvo de estudos de diversas áreas, principalmente no seio da semiótica. Os ícones podem ser concebidos como signos, cujos aspectos têm relação de semelhança com a realidade exterior, segundo Dubois ([2004] apud HEINE, 2011a, p. 44). Nesse sentido, é pertinente considerar que:

Essa relação se processa entre imagens motivadas e o objeto a que elas se referem. Logo, motivação significa que o signo icônico deva ter propriedades semelhantes às do referente. Exemplos clássicos desses signos são as fotografias, as estátuas, os desenhos, os mapas de determinadas cidades, dentre outros. (HEINE, 2011a, p. 44)

Heine (2011a), ao exemplificar o signo icônico, possibilita uma compreensão concreta do que venha a ser a relação entre a imagem motivada e o objeto a que se refere. Segundo a autora, o uso da iconicidade no sistema linguístico possibilita contemplar a língua enquanto fenômeno heterogêneo, indeterminado e variável. No entanto, nem sempre o princípio da iconicidade foi tratado dessa maneira. Sobre isso, afirma Cunha (2009, p. 167):

Em sua versão original, o princípio de iconicidade postula uma relação isomórfica, de um para um, entre forma e conteúdo (Bolinger, 1977). Contudo, estudos sobre os processos de variação e mudança, ao constatar a existência de duas ou mais formas alternativas de dizer “a mesma coisa”, levaram à reformulação dessa versão forte. Na língua que usamos diariamente, em especial na língua escrita, existem, por certo, muitos casos em que não há relação clara, transparente, entre expressão e conteúdo. (CUNHA, 2009, p. 167)

Cunha (2009), no excerto ilustrado, reflete sobre a mudança do olhar sobre o princípio da iconicidade. Mudança ocorrida, justamente, por causa da língua ordinária, ou seja, do dia a

dia. Isso permitiu que os estudos funcionais atentassem para as estruturas da língua, percebendo que elas não eram apenas arbitrárias, mas também possuíam o lado icônico, conforme se pode depreender no seguinte texto:

Halliday (1985, p. 13) diz que uma gramática é funcional, no sentido de estar centrada numa abordagem que focalize a linguagem em uso, e que tudo nela pode ser explicado por meio da referência de como a língua é usada em contextos de situações. A perspectiva funcional, para o referido lingüista, estaria, assim, fortemente ligada a questões sócio-culturais, nas quais constituir-se-ia o aspecto central para interpretação da língua como um sistema. Para ele, “a organização interna da língua não é acidental; ela incorpora as funções que a língua desenvolveu para servir na vida do homem social” (HALLIDAY, 1978, p.158), aspecto que conduz à asserção de que existe uma acentuada motivação, isto é, uma certa ausência de arbitrariedade lingüística, entre o sistema lingüístico e as relações sócio-culturais reflexões acerca da oralidade pertinentes ao povo que o utiliza. (HEINE, 2011a, p. 14)

Em outras palavras, a iconicidade da língua a torna heterogênea e variável, uma característica muito relevante para os estudos funcionais, pois o olhar dos funcionalistas para as análises das estruturas linguísticas será não apenas para o lado arbitrário, mas também o lado icônico da língua, como explica o excerto a seguir:

[...] as estruturas linguísticas possuem um lado arbitrário e o outro icônico. Poder-se-ia dizer então que a face não-arbitrária, ou seja, icônica, motivada, preponderante no funcionalismo, tem a ver com a correlação que há entre as funções da linguagem e os enunciados lingüísticos processados na instância do discurso, o que significa dizer que eles deverão deter traços do uso da linguagem nas práticas sociais, a exemplo da intencionalidade dos seus interlocutores [...]. (HEINE, 2011a, p. 44-45)

Quanto à aceção de uma lado arbitrário e outro icônico das estruturas linguística, Heine (2011a) considera a não totalidade da arbitrariedade da língua, pois existe a possibilidade icônica. Na verdade, o caráter icônico da língua permite a heterogeneidade linguística, favorecendo a perspectiva funcionalista de que o sentido se processa na instância do discurso e não *a priori*, como era concebido pelos formalistas.

Concepção de linguagem

Os funcionalistas, na tradição, compreendem a linguagem como um instrumento de comunicação e de interação social, considerando os usos e as funções nas práticas sociais, como assevera Cunha (2009):

Os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. (CUNHA, 2009, p. 157)

Cunha (2009), ao tratar da concepção de linguagem no funcionalismo, apresenta uma informação relevante que é a tendência desses estudiosos em analisar a relação entre a linguagem e a sociedade, excluída da perspectiva formal, cuja abordagem considerava as prioridades internas da língua sem referências à função social.

Nesse caso, na perspectiva funcionalista a aquisição da língua não seria mais vista como inata, mas a partir da interação entre os sujeitos nas situações concretas de uso. Segundo Heine (2011a),

[...] o paradigma funcional, pautado nas ideias hegelianas, defende a hipótese de que a criança vai adquirindo a língua gradativamente, à medida que vai desenvolvendo as suas habilidades linguísticas em sociedade. Por isso é que o seu *input* de dados é extenso e devidamente estruturado, visto que a aquisição ocorre em contextos de uso bastante heterogêneos, sendo, pois, estruturados. (HEINE, 2011a, p. 27)

A aquisição da linguagem da criança, de acordo com a perspectiva funcionalista (HEINE, 2011a), é gradativa a partir das situações concretas de interação social. Esse posicionamento distancia-se relativamente da proposta formal da linguagem. Nessa abordagem, o *input* de dados é extenso e estruturado, contrapondo-se a proposta formal, a qual aponta que a aquisição linguística é inata e o *input* de dados é restrito e não estruturado.

Em suma, percebe-se que a concepção de linguagem, tratada pelos funcionalistas, é vista como um todo, em seu uso e na ação. Sua definição parte da noção de uma língua considerada heterogênea, haja vista a sua análise ocorrer no seio do processo comunicativo.

Noção de sujeito

O tratamento dado para o sujeito, na perspectiva funcionalista, emerge como crítica às pesquisas formalistas, cuja proposta delimitou o seu objeto de estudo como homogêneo e autônomo, excluindo os falantes e o contexto social, tal como se observa em Heine (2014):

O estruturalismo e o gerativismo excluíram a situação comunicativa e o sujeito das reflexões linguísticas, o que conduziu à denominada “linguística

da abstração. Logo, retiraram das suas análises os aspectos pragmáticos da linguagem, bem como os ideológicos. (HEINE, 2014, p. 21)

Heine (2014) ressalta a exclusão do sujeito dos estudos formais da língua. Isso porque a escolha do objeto de estudo pelos formalistas, Saussure (*langue*) e Chomsky (competência linguística), produz análises abstratas, que priorizavam o tratamento interno da língua, desconsiderando os elementos pragmáticos e os aspectos ideológicos.

A noção de sujeito do funcionalismo pauta-se nos clássicos estudos pragmáticos que o concebiam, principalmente, como um sujeito individual, origem do dizer, marcado pela intencionalidade, isto é, “[...] um ser consciente de suas ações, livre para fazer suas próprias escolhas linguísticas e sociais”. (HEINE, 2014, p. 35)

Voltando aos aspectos gerais do Funcionalismo, é preciso destacar que dentre as ramificações da Linguística Funcional, menciona-se a Linguística de Texto, pesquisa que elege o texto como seu objeto de estudo, por considerá-lo a forma específica de manifestação da linguagem – temática do próximo capítulo, que abordará brevemente, os estudos voltados para o texto, a proposta da Linguística Textual, considerando tanto as tradicionais fases da LT, como as perspectivas pós-teorias de texto.

O presente capítulo trouxe uma reflexão dos aspectos linguísticos do paradigma funcional da linguagem. Para tanto, foram necessários fazer algumas considerações pertinentes à sua constituição, tais como: a presença dos precursores, a base filosófica, considerações sobre a iconicidade, noção de sujeito e concepção de linguagem. O percurso da escrita possibilitou revisitar algumas noções vistas no Paradigma Formal da linguagem, não apenas para contrapor as concepções, mas para observar que podem ser vistas como complementares. Sendo assim, o tratamento dado, aqui, para os estudos funcionais será utilizado como suporte teórico para nortear as análises do *corpus* desta pesquisa.

2 A LINGUÍSTICA TEXTUAL

Das diversas vertentes do funcionalismo, destaca-se aqui a Linguística Textual (LT), cujo início, segundo Fávero e Koch (2008, p. 11), data da “[...] década de 60, na Europa, e, de modo especial, na Alemanha [...]”; contudo, a LT tem como precursores os retóricos da Antiguidade Clássica, a estilística, o formalismo russo e a Escola Linguística de Praga (1926). Marcuschi ressalta que a retórica é um precursor mais antigo da LT:

Pode-se dizer que a LT tem na Retórica clássica seu precursor mais antigo e primeiro modelo teórico, num sentido lato. Trata-se de um ancestral preocupado com certas questões que hoje não são mais centrais, mas que continuam relevantes sob certos aspectos, como mostra Van Dijk (1983:15-140). Entre os principais teóricos da Retórica encontram-se Aristóteles, Cícero e Quintiliano. A **retórica** era a arte ou técnica do bem falar, ou seja, a arte da produção e execução do discurso público visando à persuasão. Neste sentido ela se distingue da **estilística** que era a arte de escrever corretamente. A estilística preocupava-se com a correta forma dos usos lingüísticos (uma questão da forma formal) e a retórica com a organização e desenvolvimento dos argumentos (dizia respeito ao conteúdo). (MARCUSCHI, 2010, p. 20)

O surgimento da LT está em paralelo com o nascimento dos estudos linguísticos do século XX, a exemplo, citam-se a pragmática, a análise de discurso pecheutiana, a sociolinguística, criticando as abordagens de cunho formal.

Marcuschi (2008, p. 73) afirma que “a LT parte da premissa de que a língua não funciona nem se dá em unidades isoladas, tais como os fonemas, os morfemas, as palavras ou as frases soltas. Mas, a partir de unidades de sentido chamadas texto, sejam elas, orais ou escritas”. De acordo com os funcionalistas, a língua não devia ser vista como um sistema fechado em si mesmo, onde a gramática era baseada nos termos da sintaxe sem referência ao uso linguístico, cujas análises tinham como limite a frase.

Os pesquisadores da Linguística de texto elegem como objeto de estudo o texto, por entender a necessidade de uma ampliação das pesquisas do formalismo, cujos limites eram apenas palavras ou frases. Segundo Fávero e Koch (2008), a intenção de análise era tomar como unidade básica o texto por ser uma manifestação da linguagem, haja vista que a linguagem era concebida como instrumento de interação social.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 73), a Linguística Textual pode ser definida como “[...] o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso”. Na verdade, a LT entende que a língua não funciona e não acontece de forma isolada,

como se entendia nos estudos formais da linguagem. Mas em unidades de sentidos nomeadas como textos, sendo estes na modalidade oral ou na modalidade escrita da língua.

Na constituição dos estudos da LT é comum tratar do aspecto de que não houve um desenvolvimento homogêneo. Isso porque em vários países existiam pesquisas paralelas. No entanto, Heine (2014) faz uma ressalva no que diz respeito à cronologia do surgimento dos estudos sobre o texto:

É comum a informação de que as fases da Linguística Textual não são cronológicas, ou seja, pressupõe-se que elas ocorreram, de forma simultânea, ao longo do tempo. Contudo, essa assertiva merece reflexão, porque se observa uma cronologia entre as suas primeiras fases, análise transfrástica e gramáticas de texto, e as subsequentes, dentre as quais as teorias de texto. A ausência de cronologia talvez seja pertinente entre os dois primeiros momentos, considerando que há linguístas que, quando vão focalizar os primeiros passos da LT, o fazem a partir das gramáticas de texto, não reconhecendo o momento transfrástico; postula que pode ser explicada por conta do perfil teórico que as une [...]. (HEINE, 2014, p. 27)

A reflexão apresentada por Heine (2014) refere-se à cronologia do surgimento dos estudos voltados para o texto, cuja tradição identifica três fases/momentos ocorridos simultâneos, em diversos países. Segundo a referida autora, a ausência de cronologia nas duas primeiras fases pode ser justificada devido à proximidade teórica. Porém, as fases subsequentes, vistas a seguir, apresentam uma cronologia:

2.1 FASES DA LINGUÍSTICA DE TEXTO

Análise Transfrástica

No primeiro momento, *análise transfrástica*, o texto era conceituado como unidade básica, centrado ainda numa visão estruturalista. De acordo com Inseberg (1970, apud FÁVERO; KOCH, 2008, p. 13), a exemplo, afirmava-se que o texto é “[...] uma sequência coerente de enunciados [...]”. Em Bentes (2001), observam-se algumas peculiaridades no período da análise transfrástica, vistas a seguir:

[...] na análise transfrástica, parte-se da frase para o texto. Exatamente por estarem preocupados com as relações que se estabelecem entre as frases e os períodos, de forma que construa uma unidade de sentido, os estudiosos perceberam a existência de fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias

semânticas: o fenômeno da co-referenciação, por exemplo, ultrapassa a fronteira da frase e só pode ser melhor compreendido no interior do texto. (BENTES, 2001. p. 247)

Bentes (2001) assevera que uma das características basilares da primeira fase da LT é estudar a relação que existe entre as frases. Esse período surge como crítica ao formalismo, o qual se limitava à análise da frase. Tinha-se como preocupação as relações referenciais, em especial a correferência, um dos principais fatores de coesão textual. Assim sendo, nesse momento, observam-se, ainda, alguns liames com o formalismo, pois há orientações de teóricos estruturalistas. Verifica-se também que as análises estão presas à materialidade linguística. Na verdade, referente ao primeiro momento da LT, Fávero e Koch (2008, p. 13) abordam que “[...] seu principal objetivo é o de estudar os tipos de relação que se pode estabelecer entre os diversos enunciados que compõem uma sequência significativa [...]”.

Embora observe que houve um pequeno avanço para superar as análises dos limites das frases, constata-se que o primeiro momento da Linguística de Texto também não conseguiu explicar fatos que surgiam ao longo das análises das relações entre as frases. Isso porque havia necessidades de recuperações de sentidos do texto que estavam fora do contexto. Então, propõe-se uma nova fase denominada *gramáticas de texto*.

Gramáticas de Texto

O estudo da *gramática de texto* surge com o objetivo de refletir sobre os fenômenos inexplicáveis que emergiram no momento em que eram feitas as análises transfrásticas da fase anterior.

Entre as causas que levaram os linguístas a desenvolverem gramáticas textuais, podem-se citar: as lacunas das gramáticas de frase no tratamento de fenômenos tais como a correferência, a pronominalização, a seleção dos artigos (definido ou indefinido), a ordem das palavras no enunciado, a relação tópico-comentário, a entoação, as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, a concordância dos tempos verbais e vários outros que só podem ser devidamente explicados em termos de texto [...] (FÁVERO; KOCH, 2008, p. 12)

Fávero e Koch (2008) enumeram as causas que possibilitaram a instauração da fase das *gramáticas de texto*, cujos problemas eram inexplicáveis no momento das análises

transfrásticas. Dessa forma, as lacunas mencionadas anteriormente deram margem ao surgimento de uma nova fase para a LT.

Destaca-se, da fase das *gramáticas de texto*, a influência recebida dos posicionamentos gerativistas; acerca dessa influência, afirma Bentes (2001):

É interessante ressaltar aqui que o projeto de elaboração de gramáticas textuais foi bastante influenciado, em sua gênese, pela perspectiva gerativista. Essa gramática seria, semelhante à gramática de frases proposta por Chomsky, um sistema finito de regras, comum a todos os usuários da língua, que lhes permitiria dizer, de forma coincidente, se uma sequência linguística é ou não um texto, é ou não um texto bem formado. Este conjunto de regras internalizadas pelo falante constitui, então a sua competência textual. (BENTES, 2001, p. 251)

O desenvolvimento das gramáticas de texto, como diz Bentes (2001), recebeu influências do formalismo. Como são teorias que se constituíram no século XX, percebe-se que os estudiosos do texto, em sua gênese, encontraram formas de explicar a gramática de textos a partir da gramática de frases proposta por Chomsky.

Na constituição das *gramáticas de texto*, tendo como influência a gramática de frases, precisaram-se construir critérios de análise. De acordo com Koch (2009), as tarefas básicas:

[...] de uma gramática do texto seriam as seguintes: a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, ou seja, determinar os seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela sua coerência, as condições em que se manifesta a textualidade; b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a completude, é uma de suas características essenciais; c) diferenciar as várias espécies de texto. (KOCH, 2009, p. 5)

Com os estudos das *gramáticas de texto*, observa-se que o texto, ainda, era contemplado na sua materialidade linguística, haja vista a exclusão dos aspectos extralinguísticos, bem como o sujeito, a sociedade, a história e a ideologia. Nesse momento, vê-se que as análises são ampliadas e não partem mais da frase para o texto. Sendo assim, embora alguns pesquisadores tenham elaborado gramáticas para poder explicar fenômenos linguísticos, percebe-se que a idealização de um procedimento por meio de regras descritas nas *gramáticas de texto* foi insuficiente para explicar todos os textos de uma específica língua natural. Bentes (2001) esclarece que:

[...] apesar da ampliação do objeto dos estudos da ciência da linguagem, ainda se acreditava ser possível mostrar que o texto possuía propriedades que diziam respeito ao próprio sistema abstrato da língua. Dizendo de outra

forma, as primeiras gramáticas textuais representaram um projeto de reconstrução do texto como um sistema uniforme, estável e abstrato. (BENTES, 2001, p. 249)

A posição de Bentes (2001) refere-se ao processo de constituição das primeiras gramáticas de textos que visam reconstruir os textos, porém, ainda, pautados na materialidade linguística. O texto era analisado a partir do cotexto, desconsiderando os aspectos cognitivos, sociais, históricos e ideológicos.

Em suma, sabe-se que as pesquisas da LT, na segunda fase, avançaram no sentido “[...] de refletir sobre fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio de uma gramática do enunciado [...] (KOCH, 2008, p. 13)”, mas percebe-se a necessidade de ir além das análises do cotexto, de entender o texto como produto pronto e acabado. Daí o surgimento da terceira fase da LT, *teorias do texto*.

Teorias de texto

No terceiro momento da LT, *teorias de texto*, passa-se a ver o texto com outro olhar, indo além dos aspectos sintático-semânticos, compreendendo o seu uso, investigando as condições de produção, constituição, compreensão e funcionamento textual. Koch (2009) afirma:

[...] não tardou, porém, que os linguistas de textos sentissem a necessidade de ir além da abordagem sintático-semântica, visto ser o texto a unidade básica de comunicação/interação humana. A princípio timidamente, mas logo a seguir com maior vigor, a adoção da perspectiva pragmática vai-se impondo e conquistando proeminência nas pesquisas sobre o texto: surgem as teorias de base comunicativa, nas quais ora apenas se procurava integrar sistematicamente, fatores contextuais na descrição dos textos (Isenberg, 1976; Dressler, 1974; Petofi, 1972, 1973), ora a pragmática era tomada como ponto de partida e de chegada para tal descrição (Motsch, 1975; Gulich e Raible, 1977; Schmidt, 1978). (KOCH, 2009, p. 13)

Koch (2009), ao tratar do surgimento da terceira fase da LT, apresenta as influências da filosofia da pragmática nas análises do texto, haja vista que a língua é entendida como instrumento de interação, considerando o papel que o sujeito detém no processo de comunicação.

Com isso, percebe-se que, as *Teorias de Texto*, além de ter presente outras concepções, inserem-se ao longo do percurso, de forma crescente, são noções advindas dos estudos da pragmática, posteriormente, nomeada por Koch (2004) como *Virada Pragmática*.

Koch (2009, p. 13-14) afirma que, nesse período, “[...] a pesquisa em Linguística Textual ganha uma nova dimensão: já não se trata de pesquisar a língua como sistema autônomo, mas sim o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta.” Por outras palavras, Koch (2009) se refere ao tratamento que o texto passará a receber, contemplando os aspectos extralingüísticos, pois o sentido não está unicamente no cotexto e a língua é vista como instrumento de interação, distanciando-se da perspectiva formalista que considerava a língua apenas como um conjunto de sistema.

Na terceira fase da LT tem-se uma mudança de perspectiva investigativa sobre o texto. Nesse momento, “[...] o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, em geral, como conjunto de condições – externas ao texto – da produção, da recepção e da interpretação do texto [...]” (FÁVERO; KOCH, 2008, p. 15-16). O olhar dessa fase para o texto vai além da materialidade linguística, analisando o texto em seu contexto imediato, assim como o sujeito nas práticas comunicativas.

Essa fase da LT designa uma nova forma do fazer da Linguística Textual, por ter dado passos firmes em direção à Pragmática, ampliando o seu escopo de análise linguística. Assim sendo, não mais se restringe ao contexto linguístico *stricto sensu*, dirigindo-se também ao contexto referente “à situação concreta em que os atos de fala são emitidos, ou proferidos, o lugar, o tempo, a identidade dos falantes etc., tudo o que é preciso para entender o que é dito” (ARMENGUD, 2006, p. 13); daí voltar-se para o falante, a partir do efetivo processo de comunicação. (HEINE, 2014, p. 33)

Heine (2014) tece alguns comentários sobre a terceira fase da Linguística Textual, afirmando que os estudos desse período, no que tange ao escopo de análise, passam a considerar tanto a materialidade linguística como também o contexto concreto em que os atos de fala são vivenciados nas práticas linguísticas. Tendo como alicerce teórico a pragmática, a terceira fase da LT volta-se para o papel que o sujeito desempenha no processo de comunicação.

Registra-se que é notória a presença dos estudos da pragmática na terceira fase da LT, mas constata-se ainda um olhar para a materialidade linguística, haja vista a presença do conceito de coesão textual, pautado em Halliday e Hasan (1976), o que nos possibilita asseverar que a fase *Teorias de texto* ateve-se à noção de referência, que tem como base a língua como espelho da realidade, “idéia segundo a qual a linguagem é um sistema de etiquetas que se prendem às coisas [...]” (MONDADA; DUBOIS 1995, p. 17-18). Outra lacuna a ser registrada diz respeito à concepção do sujeito pragmático, visto em linhas gerais como o sujeito individual, origem do dizer, etc. Além disso, essa fase não deu ênfase ao

tratamento dos gêneros do discurso, dentre outros. Essas lacunas deram margem, no Brasil, na transição entre os séculos XX e XXI, avanços nos estudos da Linguística Textual, a partir da criação de novas fases, a saber: a *Perspectiva Sociocognitivo-interacionista* de Koch (2004) e a *Fase Bakhtiniana* de Heine (2010), proposta que ainda está se solidificando.

Perspectiva Sociocognitivo-interacionista

É no final do século XX que alguns pesquisadores da LT reconheceram a relevância de diversos tipos de conhecimentos inerentes ao sujeito para poder agir através da linguagem. Sobre os diversos tipos de conhecimentos envolvidos no processamento do texto, Koch (2012) afirma:

[...] na década de 80, delinea-se uma nova orientação nos estudos do texto, a partir da tomada de consciência de que todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitiva, de que quem age precisa dispor de modelos mentais de operações e tipos de operações. (KOCH, 2009, p. 21)

A perspectiva da Sociocognitivo-interacionista busca relacionar, dentro dos estudos linguísticos, os aspectos sociais e os aspectos mentais. Consoante Koch (2009, p. 29), “para o cognitivismo interessa explicar como os conhecimentos que um indivíduo possui estão estruturados em sua mente e como eles são acionados para resolver problemas postos pelo ambiente.” Isso significa dizer que a fase Sociocognitivo-interacionista vai tratar das questões dos conhecimentos cognitivos e a sua relação com o ambiente externo, como se depreende a seguir:

A concepção de mente desvinculada do corpo, característica do cognitivismo clássico, que predominou por muito tempo nas ciências cognitivas e, por decorrência, na linguística, começa a cair como um todo quando várias áreas das ciências, como a neurobiologia, a antropologia e também a própria linguística dedicam-se a investigar com mais vigor esta relação e constataam que muitos dos nossos processos cognitivos têm por base mesma a percepção e capacidade de atuação física no mundo. (KOCH, 2009, p. 30)

Observa-se, com as investigações, que as atividades linguísticas necessitam, entre outros, da relação entre os processos mentais e sociais. Com essa nova perspectiva amplia-se algumas concepções vistas nas fases anteriores, a exemplo, a noção de texto e de sujeito.

O texto passa a ser constituído por “[...] uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas [...]” (KOCH, 2009, p. 22). Nesse sentido, considere-se a seguinte concepção de Texto:

Texto passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso. (KOCH, 2004, p. 21)

Sendo assim, a noção de texto na fase Sociocognitivo-interacionista é ampliada em relação à fase *Teorias do texto*, pois compreende a necessidade da existência de estratégias para o processamento textual. Segundo a referida autora, “dizer que o processamento textual é estratégico significa que os leitores, diante de um texto, realizam simultaneamente vários passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e extremamente rápidos” (KOCH, 2012, p. 39).

Koch, pautada em Heinemann e Viehweger ([1991] apud KOCH, 2004, p. 21), postula que o processamento textual envolve quatro grandes sistemas de conhecimento, a saber: conhecimento linguístico (compreende o conhecimento gramatical e lexical, respondendo pela organização do material linguístico na superfície textual); conhecimento enciclopédico (refere-se às informações armazenadas na memória de cada indivíduo); conhecimento sociointeracional (envolve a interação através da linguagem, por meio dos conhecimentos: ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural; conhecimento ligado aos modelos mentais (permite reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo textual).

Desse modo, “o processo de produção textual, no quadro das teorias sócio-interacionais da linguagem, é concebido como atividade interacional de sujeitos sociais, tendo em vista a realização de determinados fins” (KOCH, 2000, p. 7), nesse ponto de vista, o sujeito se difere do sujeito individual, origem do dizer, da Pragmática tradicional. Assim, ao fazer uso da linguagem nas interações, ele passa a se constituir.

As teorias sócio-interacionais reconhecem a existência de um sujeito planejador/organizador que, em sua inter-relação com os outros sujeitos, vai construir um texto, sob a influência de uma complexa rede de fatores, entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções sócio-culturais. (KOCH, 2000, p. 7)

A teoria Sociocognitivo-interacionista amplia a noção de sujeito, compreendendo-o como um ser que se constitui na inter-relação, ou seja, “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2009, p. 33). Em resumo, a partir dessa perspectiva contemplam-se os aspectos sociais, cognitivos e interacionais. Nessa perspectiva, refuta-se a concepção de referência postulada por Halliday e Hasan (1976), haja vista que os sentidos se constroem na relação entre os construtores sociais e não *a priori* ao discurso, como se verifica no excerto textual a seguir:

A ideia segundo a qual a língua é um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas tem atravessado a história do pensamento ocidental. Opomos uma outra concepção segundo a qual os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo. De acordo com esta visão, as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. (MONDADA; DUBOIS, [1995] 2015, p. 17)

Halliday e Hasan (1976, p. 31), ao tratarem da coesão textual, deram ênfase à noção de referência, compreendida como “relação direta entre entidade linguística e objeto do mundo”, fazendo com que a palavra seja reflexo da realidade. Essa postura foi criticada, pois não trabalha com a língua no ato comunicativo, assim, passa-se a considerar a referenciação, em que os significados são construídos na instância discursiva.

Além da contribuição com a referenciação, essa fase aborda questões relevantes para o desenvolvimento dos estudos em Linguística textual. Marcuschi (2010), ao tratar sobre a visão interacionista, demonstra a relevância desse estudo no que tange às diversidades textuais, inclusive na abordagem dos fenômenos de compreensão na interação face a face, conforme se verifica em Marcuschi (2010):

[...] nesta visão interacionista cabem análises de grande relevância que se dedicam a perceber as diversidades das formas textuais produzidas em co-autoria (conversações) e formas textuais em monoautoria (monólogos), que até certo ponto determinam as preferências básicas numa das perspectivas da relação fala e escrita. Além disso, tem-se, aqui, a possibilidade de tratar os fenômenos de compreensão na interação face a face e na interação entre leitor e texto escrito. (MARCUSCHI, 2010, p. 33)

Observa-se que, a partir desse período, inicia-se o olhar para as diversidades de textos, em especial para o texto oral, como também uma preocupação com os processos de produção de sentido a partir do contexto sócio-histórico. A título de exemplificação do que se acaba de afirmar, o excerto textual, extraído do romance de Graciliano Ramos, a seguir, é excelente.

Exemplo 1⁴

- **Hum! hum!** Que brabeza!
Aquele homem era assim mesmo, tinha o coração perto da goela.
(RAMOS, 2012, p. 64)

O Exemplo acima encontra-se localizado no capítulo ‘Inverno’, retirado de “Vidas Secas”. Nele, o autor faz uso de um marcador discursivo, materializado através de uma interjeição “hum, hum”, cujo termo é invariável, podendo, a depender da situação discursiva, apresentar sentidos diferentes, pois, nota-se que o vocábulo se recupera apenas na instância comunicativa: o sentido não está *a priori* do discurso. Esse vocábulo é utilizado pela personagem Sinha Vitória, com a tonalidade de descontentamento sobre o comportamento de seu esposo Fabiano, para com o filho.

Na perspectiva da fase Sociocognitivo-interacionista, diferente das anteriores, “o sentido não está preso ao cotexto, ou seja, à superfície textual, mas perpassa a materialidade linguística e ocorre na interação entre cotexto e o contexto da enunciação” (HEINE, 2014, p. 34). Desse modo, analisando o exemplo acima, percebe-se que, o sentido não está apenas nos aspectos linguístico do termo, como se observa, o leitor precisará ativar os conhecimentos de mundo, históricos e ideológicos para produzir o sentido.

Verifica-se, portanto, que a perspectiva Sociocognitivo-interacionista, a partir da inclusão dos conhecimentos linguísticos, sociais, cognitivo, entre outros, apresenta um avanço significativo para análise do texto (oral ou escrito). No entanto, constata-se, ainda, a ausência no tratamento dos aspectos históricos e dialógicos, além de um apego à linguagem verbal, visto que não contempla os signos icônicos, dentre outros.

⁴ Ressalta-se que todos os exemplos apresentados na dissertação estão localizados nos anexos, separados em: Anexos A – exemplos dos capítulos 2 e 3; Anexos B – exemplos do capítulo 5.

Fase Bakhtiniana

As reflexões linguísticas sobre o texto, no século XXI, em especial no Brasil, apontam avanços significativos, pautados nos pressupostos bakhtinianos. Nesse cenário, percebe-se a necessidade de observar com mais atenção o tratamento do contexto mediato e as relações dialógicas, já consideradas na fase Sociocognitivo-interacionista, mas não sistematizados, dando assim, embasamento para o surgimento de um novo momento, que, paulatinamente, tenta firmar-se nas pesquisas da Linguística de Texto. Veja-se, a seguir, o posicionamento teórico proposto por Heine (2014):

Os avanços da pragmática, ao ter considerado o sujeito em sua instância discursiva e o texto nas suas práticas sociais, determinaram, indiscutivelmente, uma mudança de 180° no fenômeno da significação do texto. Porém, nesse cenário filosófico, o sentido provinha apenas do contexto imediato, excluindo, pois, a historicidade. Com o caminhar das pesquisas, os linguístas de texto, diante da referida exclusão, por exemplo, buscaram apoio em outro alicerce teórico que pudesse dar conta efetivamente do texto enquanto processo, a partir do contexto imediato, mas também do contexto mediato – o histórico, elemento essencial/constitutivo do ser humano. (HEINE, 2014, p. 46)

De acordo com Heine (2014), os pesquisadores da LT buscaram uma nova concepção de texto, contemplando-o como processo advindo do contexto mediato e imediato, haja vista ter sido excluído, juntamente com os aspectos dialógicos, nas Fases anteriores a *Sociocognitivo-interacionista*. Considerando os contextos mediatos e imediatos, a *Fase Bakhtiniana* surge com o objetivo de não anular as fases anteriores da Linguística Textual, mas preencher algumas das suas limitações. Para tanto, apóia-se nos pressupostos teóricos do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), o que possibilita conceber o texto como entidade constitutivamente dialógica, para a qual convergem, sobremodo, três áreas, a saber: a história, a ideologia e o social. Corroborando com o surgimento dessa fase, cita-se Heine (2015):

[...] embora a literatura vigente da LT tenha incorporado algumas das concepções bakhtinianas, as suas pesquisas parecem não apresentar implicações resultantes das ideias do referido filósofo [...]. As pegadas que vêm dando sustentação a essa fase ligam-se, em especial, às reflexões teóricas de Mikhail Bakhtin (1895-1975) e à noção de sujeito social de Koch (2004). (HEINE, 2015, p.83)

Koch (2004), na *Fase Sociocognitivo-interacionista*, contempla em seus estudos as concepções oriundas dos pressupostos de Bakhtin, no entanto, parece não existir resultados

pautados nas ideias do filósofo. Critica-se, nesse caso, a ausência de resultados sistematizados com implicações bakhtinianas, assim como o seu apego aos aspectos verbais, dando pouca atenção aos signos icônicos para a efetivação da coesão, por exemplo. A *Fase Bakhtiniana* se apóia em reflexões pautadas nas contribuições de Bakhtin, a partir dos seguintes temas: princípio do dialogismo; ideologia em Bakhtin; sujeito dialógico, concepção de linguagem; concepção de texto; noção de gênero do discurso. Tais temas são explicitados a seguir:

- princípio do dialogismo: A perspectiva do dialogismo marca uma revolução nos estudos bakhtinianos, haja vista o seu surgimento datar do século XX, período que emergem os estudos da Linguística formal. O conceito de dialogismo, pautado nas reflexões bakhtiniana, considera a linguagem como atividade dialógica proveniente das práticas sociais, diferentemente da proposta formal, cuja acepção tratava da linguagem de forma abstrata.

A noção de dialogismo emerge para discutir questões voltadas, a exemplo, para a monologia, visto que “o primeiro conceito de dialogismo diz respeito, pois, ao modo de funcionamento real da linguagem: todos os enunciados constituem-se a partir de outros” (FIORIN, 2008, p. 30). Nesse sentido, observe o exemplo, a seguir:

Exemplo 2

- Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem. Lançava o desafio numa fala atrapalhada, com o vago receio de ser ouvido. Ninguém apareceu. E Fabiano roncou alto, gritou que eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor. Depois de muitos berros, supôs que havia ali perto homens escondidos, com medos dele. Insultou-os: [...]. (RAMOS, 2012, p. 78)

No Exemplo 2, excerto textual extraído do capítulo ‘Festa’, do romance de ‘Vidas Secas’, o autor Graciliano Ramos apresenta um monólogo feito pelo personagem principal da obra. Na cena, Fabiano se encontra numa festa e inicia um turno conversacional com questionamentos – “Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio?” (RAMOS, 2012, p. 78)-. Suas indagações desafiam as pessoas que fazem parte da festa, mas não há quem interaja no tópico discursivo. O exemplo em tela, evidencia um dos posicionamentos bakhtinianos, cuja proposta aborda que o discurso é sempre dirigido a outrem, ou seja, um enunciado possui sempre um destinatário. Considere-se o que assevera Bakhtin (2003), a seguir:

Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu *direcionamento* a alguém, o seu *endereçamento*. À diferença das unidades significativas da língua – palavras e orações -, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e, respectivamente, expressão, do que já falamos) e destinatário. Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc.; ele também pode ser um outro totalmente indefinido, não concretizado (em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional). (BAKHTIN, 2003, p. 301)

A perspectiva bakhtiniana, conforme a citação, possibilita construir uma reflexão sobre o romance de ‘Vidas Secas’, considerado, na tradição, como um texto feito com monólogos. Desse modo, constata-se que os excertos selecionados para compor o *corpus*, desta pesquisa, possuem enunciados monológicos e, por isso, a necessidade de tecer considerações críticas, considerando a noção de que todo enunciado parte de alguém para outrem, diferentemente, da visão de monólogo, como era tratado nos estudos formais da linguagem.

Os estudos sobre o dialogismo, alicerçados em Bakhtin, ganham repercussão, justamente, pelo reconhecimento de que a constituição do sujeito se dá a partir de outrem. “Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que eles ocorrem” (FIORIN, 2008, p. 18). Assim, passa-se a conceber que toda palavra dialoga com outras palavras, ou seja, todo enunciado será considerado como dialógico. Desse modo, reitera-se que:

[...] todo enunciado é dialógico. Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vezes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual se constrói. (FIORIN, 2008, p. 30)

A constituição do enunciado – unidade da comunicação discursiva, de acordo com Fiorin (2008), será a partir das relações entre os enunciados, pois não existe enunciação fora do contexto social. Com isso, a palavra comportará duas faces: primeiro, que procede de alguém e dirige-se para outrem; segundo, a constituição do enunciado a partir da relação que

mantém entre outros enunciados. Essa noção é fundamental para os estudos atuais sobre o texto, pois incorpora a concepção de que o enunciado não é um monólogo, mas constituído da relação entre enunciados, como se pode depreender na citação a seguir:

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros [...]. (BAKHTIN, 1997, p. 113)

Bakhtin (1997) afirma que a palavra comporta duas faces, a saber: a que precede de alguém e se dirige para outrem; e a outra constitui-se a partir da relação que mantém com o outro. Nessa relação, no que diz respeito à língua falada, registra-se que a linguagem contempla os aspectos verbais e “[...] é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias etc.), do quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 124). Nesse sentido, Fiorin (2008, p. 32) destaca que “[...] um enunciado se constitui em relação aos outros enunciados que o precedem e que o sucedem na cadeia de comunicação”, por isso, o entendimento de que todo dialogismo é visto como relações entre enunciados.

Outro aspecto inerente à teoria bakhtiniana, referente ao dialogismo, trata-se de não apenas considerar as vozes sociais, mas também as vozes individuais (FIORIN, 2008). De acordo com o referido autor, somente existiu um único Adão, cujo mito bíblico diz ser o único a produzir os primeiros enunciados. Sendo assim, todo enunciado traz consigo pontos de vistas dos sujeitos nas situações imediatas, como também visões de mundo, posicionamentos teóricos, filosóficos e ideológicos.

Ao tomar em consideração tanto o social como o individual, a proposta bakhtiniana permite examinar, do ponto de vista das relações dialógicas, não apenas as grandes polêmicas filosóficas, políticas, estáticas, econômicas, pedagógicas, mas também fenômenos da fala cotidiana, como a modelagem do enunciado pela opinião do interlocutor imediato ou a reprodução da fala do outro com uma entonação distinta da que foi utilizada, admirativa, zombeira, irônica, desdenhosa, indignada, desconfiada, aprovada, reprovada, dubitativa, etc. Todos os fenômenos presentes na comunicação real podem ser analisados à luz das relações dialógicas que os constituem. (FIORIN, 2008, p. 27)

Em resumo, para a compreensão do conceito de texto, a partir de Bakhtin, é preciso levar em consideração algumas noções básicas da sua proposta de trabalho, a exemplo a noção de dialogismo entendido como o “[...] modo de funcionamento real da linguagem [...]” e que trata do “[...] princípio constitutivo do enunciado [...]”, onde “[...] todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado [...]”, sendo assim, considerado como “[...] uma réplica a outro enunciado [...]”. Desse modo, “[...] um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói [...]” (FIORIN, 2008, p. 24). Em outros termos, todo enunciado é constituído de outro.

- ideologia em Bakhtin: O tratamento do texto alicerçado na concepção de ideologia em Bakhtin considera dois sentidos, tais como: não há enunciados neutros; não existe enunciado não ideológico. Logo, registra-se que ambos os sentidos se completam entre si.

O primeiro sentido de ideologia proposto por Bakhtin trabalha com a noção de que todo signo possui valores axiológicos, por isso dizer que todo enunciado é ideológico. Nesse caso, o valor axiológico considera que a palavra em si é neutra, mas quando entra em contato com as atividades comunicativas, nas práticas sociais, então, recebe inúmeros sentidos ideológicos. Assim sendo, o signo pode ser considerado como ideológico. Para Bakhtin (1997, p. 31), “tudo que é ideológico possui significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.”

O segundo sentido atribuído para a ideologia por Bakhtin, referente a inexistência de enunciado não ideológico, focaliza-se no entendimento de que as palavras são perpassadas pela ideologia, pois são originadas das diversas práticas comunicativas dos sujeitos.

A título de exemplificação, veja o excerto textual, a seguir, extraído de ‘Vidas Secas’, selecionado do capítulo ‘Cadeia’, um dos momentos vivenciados pelo personagem Fabiano:

Exemplo 3

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir. (RAMOS, 2012, p. 31)

O Exemplo 3 traz uma experiência vivida pelo personagem principal, quando se encontrava na cadeia: preso por injustiça. A partir desse exemplo, infere-se que o enunciado apresenta uma descrição do personagem sobre a sua real situação – “Pessoa de bons costumes,

sim senhor, nunca fora preso” (RAMOS, 2012, p. 31).-, assim como uma reflexão a partir do contexto mediato e imediato de um determinado tempo e espaço. Isso porque, a escrita do autor está situada num período neo-realista, cuja época é marcada pela era de Vargas, imperando o militarismo com abusos de poder. Nesse caso, a leitura do exemplo citado suscita inferências históricas, sociais e ideológica, datadas da década de 30 do século XX, no nordeste brasileiro.

Em suma, a contribuição da noção de ideologia em Bakhtin para os estudos de texto e discurso, na *fase bakhtiniana*, ocorre, justamente, por perceber que todo enunciado não é neutro: ele é constituído por ideologias.

- o sujeito dialógico: A *fase bakhtiniana* propõe uma concepção de sujeito que amplia a noção pragmática de linha dura, a qual definia o sujeito como livre, individual e autônomo. Nas palavras de Heine (2014, p. 55), “trata-se de um sujeito que tem vontade própria, um ser consciente de suas ações, livre para fazer suas próprias escolhas sociolinguísticas, capaz de avaliar o que é pertinente para a sua interação discursiva”.

Diferente do sujeito pragmático, o sujeito dialógico, a partir das reflexões de Heine desde 2011, constitui-se dialogicamente na inter-relação com o outro. Ilustra-se, a seguir, a noção de sujeito da fase bakhtiniana:

O sujeito dialógico bakhtiniano se esbarra no arcabouço teórico do dialogismo, no qual impera a relação com o outro. Logo o sujeito dialógico não é autônomo, constituindo-se na inter-relação com o outro, de onde provem uma interlocução regulada por fatores histórico-ideológicos. (HEINE, 2015, p. 102)

Asseverar que o sujeito dialógico diferencia da proposta pragmática é evidenciar um avanço nos estudos da LT na concepção de sujeito. A noção de sujeito dialógico pauta-se no princípio do dialogismo, cuja perspectiva entende que o sujeito se constitui a partir de outrem, nas inter-relações nas práticas discursivas.

Nesse caso, Fiorin (2008, p. 55) vai apresentá-lo como o sujeito que “[...] apreende do mundo [...]”, e, portanto, estará “[...] sempre situado historicamente [...]”, isto é, devido ao “[...] sujeito está sempre em relação com outro(s) [...]”. Então, o “[...] sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas [...]”.

Por fim, o sujeito dialógico é social, mas tem um caráter responsivo. Consoante a essa ideia, Bakhtin (2003) afirma que o sujeito, quando percebe e entende o significado do

discurso nas inter-relações, ele ocupa uma posição responsiva, no qual pode concordar ou discordar (total ou parcial), completá-lo, usá-lo, aplicá-lo no percurso da construção textual.

- concepção de linguagem: A concepção de linguagem tratada na *fase bakhtiniana* é vista como uma atividade dialógica. Diferentemente da abordagem clássica dos estudos formais da linguagem, a qual se insere na abstração, por não ter debruçado nas efetivas práticas discursivas. Saussure e Chomsky delimitam o seu objeto de estudo como homogêneo e autônomo, excluindo o sujeito e o contexto social.

Na abordagem proposta por Heine (2011) considera-se a linguagem como social por entender, pautada nas concepções de Bakhtin, o sujeito dialógico não como autônomo e indissociável das efetivas práticas sociais. Bakhtin, alicerçado na filosofia da linguagem, introduz a linguagem no sujeito e na história, considerando-a nas atividades cotidianas e nas ações intersubjetivas.

Nesse caso, essa pesquisa da LT distancia-se do traço social proposto por Saussure à *langue*, referindo-se a um social preexistente às práticas sociais (HEINE, 2015). Para o genebrino, a *Langue* é a parte social da linguagem, ou seja, “[...] um sistema comum aos membros de uma mesma comunidade linguística, mas exterior ao indivíduo” (HEINE, 2015, p. 104).

- conceito de texto: Os estudos da *fase bakhtiniana*, desde 2011, buscam refletir sobre a noção de texto, alicerçado nos postulados de Bakhtin, ampliando-o, pois entende que não é um produto pronto, como era visto nas primeiras fases da Linguística Textual.

As pesquisas hodiernas da LT apontam que o texto é um processo, em constante elaboração e reelaboração. Para melhor compreensão da noção de texto, pautado em Heine (2011), considere o excerto a seguir:

Considera-se o texto como evento dialógico, linguístico-semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc.). Assim compreendido, apresenta-se constituído de duas camadas que se imbricam mutuamente: a camada linguístico-formal, que consiste dos princípios morfológicos, sintáticos, semânticos; e a camada histórico-ideológica, caracterizada pelo processamento de sentidos inferenciais e efetivada a partir de diferentes estratégias (conhecimentos de mundo, conhecimentos partilhados, intencionais, conhecimentos ideológicos, dentre outros) que vão alicerçar a construção desses sentidos. (HEINE, 2011b, p. 74)

Vê-se, pois, que a referida autora, alicerçada nas concepções bakhtinianas, contempla o texto enquanto evento dialógico, possibilitando considerar também a linguagem semiótica, que abarca os signos no seio social. Signo constituído socialmente que, por sua vez, é ideológico, sendo assim possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo, conforme se revelam a leitura do excerto textual a seguir:

Exemplo 4

Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações: - “Tenham paciência. Apanhar do governo não é desfeita.” Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?
- An!
(RAMOS, 2012, p. 33)

No Exemplo 4, excerto textual extraído do romance ‘Vidas Secas’, o autor Graciliano Ramos traz um traço do texto oral, fazendo uso de um marcador discursivo, materializado com um item não lexicalizado (An!), para enfatizar um sentimento de raiva. O sentido da expressão de Fabiano é compreendido também a partir da linguagem corporal, um elemento da língua falada, descrito pelo autor, através do olhar, do gesto, do meneio com a cabeça: “Mas agora rangia os dentes, soprava.” (RAMOS, 2012, p. 33). Fabiano expressa-se dessa maneira pela inferência feita sobre a noção do papel do governo.

Outro aspecto relevante na concepção de texto, supracitada, volta-se, por conseguinte, para a linguagem verbal e não verbal, haja vista que ao longo das fases anteriores da LT, nas análises textuais, são tratadas de forma dicotômica. Considera-se o signo como relevante na concepção de texto, por entender que, por si só, expressa um posicionamento e não há enunciado que seja neutro, de acordo com Bakhtin.

Retomando o conceito de texto citado acima, destacam-se as suas duas camadas que estão imbricadas entre si: camada lingüístico-formal (princípios morfológicos, sintáticos, semânticos); camada histórico-ideológica (processamento de sentidos inferenciais). O tratamento de ambas as camadas na concepção de texto possibilita o processamento do sentido do texto.

Por fim, o texto passa a ser considerado como evento dialógico por entender alguns critérios, a saber: o texto é processo e não produto; o sujeito nunca é completo em si; texto é opaco e não transparente; a palavra em si é neutra, mas em contato com práticas recebe vários

sentidos; o texto visto no contínuo de gêneros discursivos; o texto se volta para uma abordagem da produção efetiva.

- concepção de gêneros do discurso: A *Fase Bakhtiniana* traz, sobretudo, para a compreensão de texto, algumas concepções acerca dos gêneros discursivos, pautadas a partir da obra do filósofo Bakhtin (2003) que tem como “[...] ponto de partida o vínculo intrínseco existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas” (FIORIN, 2008, p. 61). Isso significa dizer que os enunciados devem ser vistos no processo de interação, e não como era concebido nos estudos formais da linguagem.

Bakhtin (2003, p. 263) define os gêneros como sendo “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados [...]” isso porque, “[...] a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana [...]”. Por outras palavras, os gêneros discursivos são práticas sociais que tem como origem os diversos campos da atividade humana, como assevera o autor a seguir:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Na verdade, os gêneros estabelecem uma interconexão da linguagem com a vida social, ou seja, pautam-se na noção de que todas essas atividades se vinculam ao uso da linguagem, seja na modalidade oral ou escrita da língua. Por conseguinte, a riqueza e a diversidade existem devido à pluralidade entre os sujeitos nas situações de comunicação, as quais contemplam o momento histórico-social, na instância da comunicação.

Nesse cenário, percebe-se que além da riqueza e da diversidade, os gêneros discursivos orais (escritos) podem ser divididos, de acordo com Bakhtin (2003, p. 263) em duas categorias, a saber: primários – “[...] aqueles que se formam nas condições de comunicação discursiva imediata”, a exemplo, a conversa do dia-a-dia; secundários – “aqueles que surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito mais desenvolvido e organizado”, como, por exemplo, o romance. De forma resumida, o autor diferencia os primários como sendo os gêneros simples e os secundários como sendo os complexos. Outra informação relevante sobre os gêneros, segundo o referido autor, está na constituição dos gêneros secundários que podem incorporar e reelaborar os gêneros primários,

a exemplo, quando há “[...] réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Referente à sua constituição, os gêneros discursivos possuem aspectos que lhes caracterizam, tais como: conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição (KOCH, 2012). Isso possibilita organizar e categorizar os gêneros com classificações de forma empírica, pois, de acordo com Marcuschi (2008, p. 159), “as distinções entre um gênero e outro não são predominantemente linguísticas e sim funcionais. Já os critérios para distinguir os tipos textuais seriam linguísticos e estruturais, de modo que os gêneros são designações sociorretóricas e os tipos são designações teóricas.”

Além da definição e de alguns aspectos referentes ao gênero do discurso, pautados nas concepções de Bakhtin (2003), apresenta-se que a presente pesquisa contempla a concepção do *continuum* de gêneros textuais/discursivos⁵ de Marcuschi (1995, 2001, 2005). Nessa perspectiva, tem-se o reconhecimento de um *continuum* entre os gêneros, diferentemente da proposta defendida pelos estudos formais através da dicotomia, cuja aceção considerava a existência de dois pólos para a língua, como se observa no quadro a seguir:

Quadro 1. Dicotomias estritas

fala	<i>versus</i>	escrita
contextualizada		descontextualizada
dependente		autônoma
implícita		explícita
redundante		condensada
não planejada		planejada
imprecisa		precisa
não normatizada		normatizada
fragmentária		completa

(MARCUSCHI, 2010)

As dicotomias apresentadas por Marcuschi (2010) estão no plano da observação empírica do uso da língua, a partir do planejamento e verbalização. Desse modo, critica-se a abordagem dicotômica, enfocando, consoante Marcuschi (2008, p. 191), que o “aspecto central nesta questão é a impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua”, embora possuam especificidades singulares que as diferenciam em situações particulares. A

⁵ Nota-se que a diferença entre o uso da expressão ‘gêneros textuais’ ou ‘gêneros discursivos’ muda de acordo com o pesquisador. Assim, Marcuschi nomeia como gêneros textuais, enquanto Bakhtin considera como gêneros discursivos, porém, ambos reconhecem que os gêneros estão ancorados nas atividades linguísticas do ser humano através das práticas sociais.

identificação de semelhanças ou diferenças na relação fala-escrita, a partir do contínuo tipológico, leva a compreensão de que os gêneros são efetivados nas práticas sociais e, por isso, segundo Heine (2014, p. 74), “[...] possibilita, dentre outros, o reconhecimento de gêneros híbridos, em que fala e escrita se imbricam entre si”.

Consoante Fiorin (2008, p. 70), “os gêneros podem também hibridar-se, ou seja, podem cruzar-se. Um gênero secundário pode valer-se de outro secundário no seu interior ou pode imitá-lo em sua estrutura composicional, sua temática e seu estilo”. A título de exemplo, considera-se como gênero híbrido o romance (escrito).

- Considerações sobre o gênero romance

Os excertos que constituem o *corpus* desta pesquisa estão inseridos no romance ‘Vidas Secas’. Esse romance, pautado nas concepções de Bakhtin, pode ser classificado como um gênero secundário, pois evidencia a presença de gêneros primários. Nesse sentido, veja-se o exemplo a seguir:

Exemplo 5

- Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos.
 - Desafasta, bradou o policial.
 E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir.
 - Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jogo? (RAMOS, 2012, p. 31)

O Exemplo 5, retirado do excerto textual do romance de ‘Vidas Secas’, apresenta uma descrição de uma conversa informal, inserido no gênero secundário. O autor descreve que a conversa, um dos gêneros primários, iniciou no interior da bodega de seu Inácio, terminando do lado de fora com o soldado amarelo. Esse exemplo demonstra a relação que há entre fala e escrita, considerando o contínuo dos gêneros. Nesse caso, o romance é um gênero que traz traços de hibridismo, devido um gênero se valer de outro.

Compreende-se como romance “[...] a expressão do dialogismo no seu mais alto grau, dando um lugar mais destacado do que os outros gêneros à diversidade, à diferença, à heterologia” (FIORIN, 2008, p. 115). Nesse caso, o romance como expressão dialógica considera a concepção de que todo enunciado não é neutro, e, por sua vez, são ideológicos, ou

seja, a linguagem contida no romance é constituída por enunciados que não são neutros e, por sua vez, são ideológicos.

Por outras palavras, percebe-se que o romance é um “[...] gênero literário plurilinguístico, pluriestilístico e plurivocal” (FIORIN, 2008, p. 115). Na verdade, esse gênero abarca diversas línguas, estilos e vozes, pois é uma manifestação linguística, produzida por sujeitos dialógicos que são constituídos de outros sujeitos.

O que dá um estatuto singular ao romance, fazendo dele um gênero diferente dos demais, é que ele incorpora todos os outros gêneros, mesclando-os; alterna todos os estilos, entrelaçando-os. Um romance apresenta diálogos de todos os tipos (a conversação mundana, o bate-papo de amigos, os colóquios dos amantes...), monólogos interiores, ensaios, narrativas, cartas, fragmentos de diários, poemas líricos, proclamações oficiais, memorandos, etc. (FIORIN, 2008, p. 117-118)

Fiorin (2008) ressalta que por apresentar os diversos gêneros vistos nas práticas sociais, o romance constitui-se de pluralidades, podendo-se dizer que a linguagem insere-se na vida através dos enunciados concretos, como também pelos enunciados a vida é introduzida na linguagem.

Como se vê, acima, as características do romance inclui-o na classificação proposta por Bakhtin, nomeada de gêneros secundários, cuja constituição é composta de textos pertencentes “[...] à esfera da comunicação cultural mais elaborada [...]” (FIORIN, 2008, p. 70) como, a exemplo, a religiosa, a política, a filosófica, a artística, a científica, etc. Consoante Fiorin (2008), os gêneros secundários ocorrem na modalidade escrita, como o romance, mas ressalta que há possibilidades na modalidade oral, como o sermão.

Registra-se, aqui, a relevância de se fazer análise de traços da oralidade na escrita através do gênero romance, principalmente, a partir da relação fala-escrita, cujas diferenças se dão no contínuo de gêneros e não em pólos estanques como era a concepção dicotômica da língua. Ressalta-se, portanto, segundo Marcuschi (2007), a existência de teóricos que fazem estudos acerca da oralidade em romances, a saber: Dino Preti (2004) – analisa José de Alencar e Graciliano Ramos; Hudinilson Urbano (2000) – o caso de Rubem Fonseca.

Por fim, ressalta-se que os gêneros podem hibridiza-se, ou seja, os secundários se valerem dos primários, ou vice-versa. As conversas que apresentam marcas da oralidade, identificadas nos excertos extraídos do romance ‘Vidas Secas’, é um dos exemplos de hibridização, considerando o contínuo de gêneros na relação fala-escrita. Também existe outra possibilidade de hibridização: “[...] um gênero secundário pode valer-se de outro gênero

secundário no seu interior ou pode imitá-lo em sua estrutura composicional, sua temática e seu estilo” (FIORIN, 2008, p. 70).

Com isso, entende-se que os gêneros discursivos são textos que resultam do emprego da língua nas práticas sociais. Refere-se, portanto, ao uso que o sujeito faz da língua nas diversas atividades cotidianas, ou seja, toda vez que o sujeito se comunica o faz por meio de gêneros.

O capítulo, exposto acima, traçou considerações acerca da Linguística Textual, uma das vertentes do funcionalismo. As questões focalizadas evidenciam o processo de caminhada dessa linha de pesquisa, como também a sua busca por novos espaços e teorias para nortear a efetivação do processo do texto e, por conseguinte, a construção dos sentidos.

Esse percurso possibilitou refletir sobre as fases que constituem a LT, atentando-se para a noção de texto, a concepção de língua, definição de linguagem, noção de sujeito. Contemplaram-se também as temáticas inerentes ao estudo funcional da linguagem, a exemplo, os gêneros do discurso.

Portanto, percebe-se que o avanço das pesquisas acerca do texto têm crescido de forma gradual, adequando-se ao momento histórico e social da atualidade. A Linguística Textual do século XXI, baseada nas acepções do filósofo Bakhtin, reconhece os pressupostos das fases pós-textuais. Sendo assim, considera-se que o sujeito social se constitui na relação com outro sujeito, compreende-se que as análises textuais devem ir além do olhar para a materialidade linguística, os conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, interacionais, o texto deve ser visto a partir das questões sociais, históricas, dialógicas.

3 ASPECTOS DA ORALIDADE

O presente capítulo tem como finalidade refletir sobre os aspectos do texto oral, considerando os objetivos da pesquisa. Nesse sentido, ressalta-se, novamente, que o trabalho adota a concepção proposta por Marcuschi (2001), o qual considera o contínuo dos gêneros discursivos na relação fala-escrita. Sendo assim, apresentam-se reflexões sobre a língua falada, focalizando, inicialmente, de forma sucinta, algumas inquirições oriundas da Antiguidade Clássica.

3.1 O TEXTO ORAL E OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

O tratamento dado para o texto oral no percurso dos estudos linguísticos sempre teve objetivos diferenciados. “A rigor, a linguística não analisava nem a fala nem a escrita. Quando observava os textos orais, analisava uma fala idealizada, depurada de certas características que não se afiguravam, historicamente, como pertencentes a alguma norma” (MARCUSCHI, 2007, p. 24). Isso significa dizer que, inicialmente, nem sempre havia um olhar atento e sistemático para a oralidade. Embora o texto oral seja inerente à raça humana há muitos séculos, pois “[...] enquanto espécie, o homo sapiens data de cerca de um milhão de anos [...]” (MARCUSCHI, 2010, p. 23).

Na história dos estudos linguísticos, quando o texto oral recebia atenção era de forma assistemática, com diferentes motivações. Têm-se como exemplos dos estudos linguísticos, o olhar para o sânscrito pelos hindus, como também o estudo feito pelo linguista francês George Mounin Panini, há mais de 2.500 anos, na Índia. Esses estudos tinham motivações religiosas, pois observavam as questões voltadas para as análises morfossintáticas.

As inquirições da linguagem na Grécia Antiga apoiaram-se, sobretudo, na *Téchné Grammatiké*, de Dionísio da Trácia, século II a. C, que tinha como conceito de gramática “[...] o conhecimento prático do uso lingüístico comum aos poetas e pensadores” (ROBINS, 1979, p. 24), definição que prioriza a escrita formal em detrimento da língua falada, “o que revela uma admiração dos antigos gregos pelas grandes obras literárias do passado, marginalizando a fala usada efetivamente no processo comunicativo” (HEINE, 2012, p. 1-2). Contudo, veja-se o texto a seguir:

Na história da linguística, a língua falada só veio de fato a constituir-se objeto de estudo de forma sistemática, principalmente no Brasil, a partir dos anos 70, por ocasião da instauração do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta - NURC. Esse cenário, segundo Castilho (1998, p. 23), que se volta para a língua em sua realização efetiva, vem refazer a caminhada da reflexão gramatical no Ocidente, já que a gramática surgiu da Retórica, do estudo dos processos de argumentação e de articulação do texto. Entretanto, apesar das raízes discursivas dessa reflexão gramatical, o que a história registra é que esta realmente se desenvolveu alicerçada nos princípios gramaticais de Dionísio da Trácia (170-90 a. C.). (HEINE, 2012, p. 1-2)

A retórica, por sua vez, era uma das formas de expressão oral num contexto de situação concreta. Tem como objetivo argumentar e persuadir em praças públicas, a fim de alcançar soluções para conflitos de posses indevidas. Consta na história que os oradores ao fazerem uso da retórica precisavam focar na argumentação e articulação do texto, a partir do texto oral.

Os primeiros professores de Retórica de que se tem notícia foram: Empédocles, de Agrigento, e Córax e Tísias, de Siracusa, colônias gregas da Sicília. Em meados do século V a. C., a Retórica já estava incorporada à cultura ateniense em virtude de disputas jurídicas de comerciantes de Siracusa e Atenas, porém foi no século IV a. C. que o assunto ocupou a atenção de Aristóteles [...]. (FÁVERO; KOCH, 2008, p. 28)

Assim, estudar a retórica era uma ação de poucos pesquisadores, cujos objetivos específicos não eram em si o texto oral, mas usá-lo para fins e propósitos únicos de persuasão. Daí, fazia-se necessário que eles tivessem alguns conhecimentos relevantes que faziam parte do discurso, tais como: *inventio*, *dipositio*, *elocutio*, *actio* e *memória*. Ou seja, “a *techne rhetorike* compreendia cinco partes: a *inventio* (achar o que dizer), a *dipositio* (pôr em ordem o que se encontrou), a *elocutio* (acrescentar o ornamento das palavras, das figuras), a *actio* (tratar o discurso como um ator: gestos, dicção) e a *memória* (recorrer à memória)” (FÁVERO; KOCH, 2008, p. 28). Nesse sentido, a arte de falar bem necessitava de muita atenção, estudo e prática.

Esse cenário, pautado nas reflexões acerca da linguagem na Antiguidade Clássica, tem gerado mitos, sobretudo, ligados à escrita, mas também à língua falada.

O mito acerca da escrita como transposição da fala, segundo Olson (1997), foi proposto pela primeira vez por Aristóteles, que defendia a tese de que a escrita é a pura representação da fala. Na tradição clássica, a escrita era vista como representação da fala, ou seja, escrever era transcrever o que era dito. Pensava-se que pelo fato de quase tudo que era

dito tinha-se como escrever, e, tudo que era escrito podia ser lido, isso reafirmava o posicionamento de que a escrita era a transcrição da fala (OLSON, 1997, 20-23). A título de exemplo, Nebrija, gramático renascentista, primeiro a escrever uma gramática do espanhol; tinha como pressuposto teórico a tese de que a fala era “solta e desregrada”; já a escrita era é considerada um instrumento de precisão e poder.

Contudo, a partir das pesquisas linguísticas discursivas, constata-se que não se escreve exatamente como se fala e vice-versa. Na verdade, “a escrita não pode ser tida como uma representação da fala [...] em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade [...]” (MARCUSCHI, 2010, p. 17), a exemplo, os aspectos semióticos como, meneio de cabeça, gestos, dentre outros.

Portanto, não há lugar para que a escrita seja representação da fala. A escrita e a fala possuem especificações, mas com as pesquisas acerca das práticas sociais, através das atividades linguísticas dos sujeitos, então ambas as modalidades da língua também podem até se hibridar em gêneros discursivos. O mito ora discutido vem sendo estudado ao longo dos anos, bem como trabalhado no contexto escolar. No entanto, ainda, observam-se situações em que parece prevalecer, a exemplo, no contexto escolar no ensino da língua materna.

Outro mito comum nos estudos linguísticos refere-se à superioridade da escrita sobre a fala. Entretanto, Marcuschi (2001) refuta com veemência a supremacia da escrita sobre a fala ou vice-versa, uma vez que a relevância de cada uma das modalidades é determinada apenas pelas práticas sociais; e são as práticas sociais que vão determinar o lugar e o papel dessas duas modalidades. Dessa forma, a preferência de uma ou outra modalidade tem a ver com aspectos determinados dentro de uma sociedade.

Para tanto, entende-se que a fala não tem propriedades intrínsecas negativas, assim como a escrita não tem propriedades intrínsecas privilegiadas, “em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem sua história e seu papel na sociedade.” (MARCUSCHI, 2007, p. 15). A escrita e a fala “são modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas. Postular algum tipo de *supremacia* ou superioridade de alguma das duas modalidades seria uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa” (MARCUSCHI, 2010, p. 35).

O século XIX é marcado por estudos que serão utilizados no século posterior para a cientificidade das pesquisas sobre a linguagem. Percebem-se, nesse período, que os pesquisadores a partir de questionamentos e reflexões apresentam algumas premissas, tais como: as línguas humanas são organizadas; a língua como instituição social, autônoma, como um sistema de signos independentes; a língua muda e pode ser estudada em si e por si. Sabe-

se que, nesse momento, iniciam os estudos histórico-comparatistas, ou seja, uma linguística pré-saussureana que, em suma, busca explicações para compreender as mudanças ocorridas na língua ao longo dos anos, e, dentre os linguísticas do século XIX encontram-se os neogramáticos.

Os neogramáticos pertencem a uma nova geração de linguístas que centrava na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Dentre os linguístas desse grupo, encontra-se Ferdinand de Saussure, questionador dos pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa que traz noções relevantes para fundamentar os seus pressupostos. Considere-se, a seguir, o texto sobre os neogramáticos:

A característica do programa desse grupo foi o questionamento dos pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa (principalmente seu descritivismo) e o estabelecimento de uma orientação metodológica diferente e de um conjunto de postulados teóricos para a interpretação da mudança linguística. (FARACO, 2004, p. 34)

Os estudos dos neogramáticos emergem a partir da oposição à concepção naturalista da língua, assim como das reflexões sobre as leis fonéticas e no que diz respeito às mudanças que ocorrem na língua durante os anos. Segundo os neogramáticos, as transformações “[...] ocorrem no indivíduo, que, ao utilizar a língua, efetiva as tendências mecânicas, ou as evita, utilizando processos analógicos” (MARTELOTTA, 2009, p. 52). Esses estudiosos abordavam acerca das mudanças que ocorriam a partir dos hábitos linguísticos individuais, ou seja, na observação da fala nas situações concretas dos indivíduos. “Desse modo, os neogramáticos voltam seus interesses não apenas para o estudo dos dados provenientes de documentos escritos, mas também para a observação dos dialetos falados na época” (MARTELOTTA, 2009, p. 52).

Na abordagem formal da linguagem do século XX, observa-se que a prioridade do objeto de estudo voltava-se para a língua enquanto sistema abstrato, retirando as pesquisas de cunho pragmático e ideológico, e, por sua vez, os trabalhos ligados ao efetivo processo comunicativo. Considere a ilustração a seguir:

Nos primórdios do século XX, Saussure, ao estabelecer os seus princípios e posturas metodológicas, priorizou a língua enquanto sistema abstrato, definindo-a como o objeto de estudo da ciência da linguagem. De igual modo procedeu Chomsky (1965), ao propor a competência linguística como seu objeto de estudo, ou seja, —o conhecimento mental "puro" de uma língua particular por parte do sujeito falante [...]. (HEINE, 2012, p. 2-3)

Nos estudos do século XX, a *langue*, objeto de análise escolhido por Saussure, fazia parte do recorte sincrônico dos estudos linguísticos para a sua constituição enquanto ciência. Sendo assim, a *parole* não recebia atenção, justamente, pelas suas características, a exemplo, heterogeneidade. Desse modo, ao excluir a *parole* das suas análises, conseqüentemente, deixou de observar o uso que o sujeito faz nas atividades linguísticas. Sobre isso afirma Martelotta:

[...] ao colocar de lado a *parole*, Saussure isolou a linguagem dos indivíduos que a utilizam, dando-lhe vida independente. Com isso, o estruturalismo promove a exclusão do sujeito e de sua criatividade para adaptar sua fala aos diferentes contextos, retirando do âmbito dos estudos linguísticos fenômenos sociointerativos, que, pelo menos para alguns linguistas modernos, se mostraram fundamentais para a compreensão da natureza da linguagem. (MARTELOTTA, 2009, p. 58)

Para Saussure, “[...] os atos comunicativos individuais são assistemáticos e ilimitados, e uma ciência só pode estudar aquilo que é recorrente e sistemático. No caso da linguagem, a sistematicidade e a recorrência estão na *langue* [...]” (MARTELOTTA, 2009, p. 54).

No Estruturalismo Americano, cujo precursor é Leonard Bloomfield, tem-se uma proposta independente dos pressupostos apresentados por Saussure, na Europa. De acordo com Costa (2009, p. 123), “a teoria da linguagem proposta por Bloomfield, dominante nos Estados Unidos até aproximadamente 1950, é apresentada de maneira independente no momento em que o pensamento de Saussure começa a ser conhecido na Europa”. Na verdade, o método utilizado por Bloomfield ficou conhecido como análise distribucional, tendo como objetivo “chegar à descrição total de um estado sincrônico de língua, esse método parte da observação de um corpus para descrever seus elementos constituintes de acordo com a possibilidade de eles se associarem entre si de maneira linear”.

Os estudos de Bloomfield se diferem dos estudos de Saussure, justamente, pela escolha do *corpus* de análise, originado da língua falada. Observa-se que, ao analisá-la, Bloomfield não descreve os seus aspectos discursivos, mas a forma linguística a ela correspondente.

Os primeiros trabalhos realizados sobre a língua falada no Brasil iniciam-se com a criação de projetos, vinculados com instituições de ensino, que visavam observar e catalogar dados concretos da fala, utilizando o instrumento tecnológico de gravação de áudio. Segundo Castilho (2006, p. 8), “a partir dos anos 60, grupos de pesquisadores afiliados a várias

universidades brasileiras se engajaram na tarefa de documentar, descrever e refletir sobre a língua falada”.

Um conjunto de fatores desencadeados nos anos 70 e 80 favoreceu a eclosão do movimento científico de que resultou esta Gramática do português culto falado no Brasil: a expansão dos cursos pós-graduados de Linguística, o surgimento dos projetos coletivos de pesquisa e a insistência de vários linguístas em que passássemos a dispor de gramáticas descritivas que refletissem o uso brasileiro da língua portuguesa. (CASTILHO, 2006, p. 7)

O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta NURC, implantado no Brasil, no final da década de 60, tinha como objetivo descrever, das cinco cidades brasileiras selecionadas (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), os padrões de uso da língua urbana culta. A princípio, a proposta era trabalhar o português culto falado no Brasil, em específicos estados brasileiros, selecionados a partir de critérios estabelecidos previamente, fazendo uso de uma metodologia. Sobre o NURC, afirma Koch (2009):

É o caso, no Brasil, do Projeto de Gramática do Português Falado, idealizado por Ataliba Teixeira de Castilho, que tem como uma de suas vertentes o estudo da organização textual-interativa no português falado no Brasil, esta coordenada por Koch. É o caso também, do Projeto NURC/SP, coordenado por Dino Preti, e do Núcleo de Estudos Linguísticos sobre Fala e Escrita – Nelfe, da UFPE, coordenado por Luiz Antônio Marcuschi. (KOCH, 2009, p. XV)

A construção desses projetos, segundo Koch (2009), efetivou-se a partir da inovação tecnológica do gravador portátil, embora no percurso da história linguística a língua falada seja vista como manifestação primordial da linguagem.

É nesse cenário que se iniciam as reflexões sobre o texto oral, ainda de forma acanhada. Assim sendo, os estudos das estratégias formulativas começam a ganhar repercussão para se pensar em propostas de ações que resultem em projetos para analisar a língua falada.

No final do século XX, percebe-se que o Ministério da Educação e Cultura, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), revisa os currículos que orientam os educadores, em especial do ensino de língua materna, determinando um olhar acurado para a linguagem oral. É preciso registrar, contudo, que, embora queira implementar avanços linguístico-discursivos quanto ao tratamento da compreensão textual, os livros ainda se alicerçam no formalismo linguístico, demonstrando no fundo que não conseguem se desvencilhar inteiramente das “velhas formas de estudar o texto” (HEINE, 2014).

3.2 DEFINIÇÃO DO TEXTO ORAL

O tratamento do texto oral⁶ nos estudos linguísticos, de forma sistemática, ainda, é recente. Sendo assim, a concepção de língua falada, adotada neste trabalho, parte da proposta de Marcuschi e Dionísio (2005), com revisão atual de Heine (2012). Considere a seguir a concepção de língua falada:

[...] toda a produção linguística sonora dialogada ou monologada em situação natural, realizada livremente e em tempo real, em contextos e situações comunicativas autênticos, formais ou informais em condições de proximidade física, ou por meios eletrônicos tais como rádio, televisão, telefone e semelhantes. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2005, p. 71)

A partir dessa proposta de língua falada, Heine (2012) faz a revisão no aspecto do uso da expressão ‘produção linguística’, apresentada pelos autores, para ‘produção linguístico-semiótica. De acordo com a autora, “essa sugestão objetiva evitar a dicotomia entre elementos paralinguísticos (elementos não verbais de comunicação, isto é, meneios de cabeça, gestos, variações prosódicas) e elementos linguísticos (código linguístico) [...]” (HEINE, 2012, p. 202), um enfoque tratado nos estudos formais. A exclusão desses elementos semióticos conduz a uma concepção de língua falada de cunho formal.

Ao tratar do texto oral, considerando tanto os elementos não verbais como os elementos linguísticos, evita a dicotomia entre eles, ampliando o tratamento visto anteriormente. Isso significa compreender que, em sua constituição, o texto falado, além do código verbal, possui estratégias semióticas, a saber: meneios da cabeça, entonação, riso, olhar, face, postura dos interlocutores, hesitações, interrupções etc.

Outro aspecto relevante do texto oral é tratado por Marcuschi (1991) e diz respeito à língua falada prototípica, ou seja, a conversacional. Segundo o autor, esse gênero é uma das primeiras formas de linguagem a que o sujeito é exposto, sendo fundamentalmente dialógica, e iniciada desde os primeiros dias de vida, por meio da interação com seus responsáveis, perpassando ao longo dos anos. Observe-se, a seguir, a concepção de conversação, segundo Castilho (2004):

[...] uma atividade linguística básica. Ela integra as práticas diárias de qualquer cidadão, independente de seu nível sócio-cultural. A conversação representa o intercurso verbal em que dois ou mais participantes se alternam,

⁶ Neste trabalho, as expressões ‘língua falada’, ‘texto oral’ e ‘oralidade’ serão tratadas como sinônimas.

discorrendo livremente sobre tópicos propiciados pela vida diária, fora de ambientes institucionais como serviço religioso, as audiências de um tribunal, as salas de aulas etc. (CASTILHO, 2004, p. 29)

Observa-se que o texto oral pode acontecer na modalidade prototípica, como através de gêneros não prototípicos, a exemplo, conversas por rádio, conversas telefônicas, aulas, monólogos. Esses gêneros discursivos são produções formais ou informais, em tempo real ou não, face a face ou não. Portanto, a partir de Castilho (2004), faz-se necessário apresentar a noção de língua falada prototípica:

[...] na língua falada prototípica, fundamentalmente dialógica, locutor e interlocutor assumem a co-autoria do texto, obrigando ambos a uma sorte de co-processamento sintático, mostrando que o texto se constrói *pari passu* por meio da interação estabelecida entre interlocutores do discurso. Nas palavras de Rodrigues (1993, p. 18), os interlocutores alternam os seus papéis de falante e ouvinte, e dessa atitude — a quatro mãos, ou — a duas vozes, resulta o texto conversacional, elaborado numa determinada situação comunicativa. Isso terá como consequência a riqueza de elementos descontínuos, caracterizando o que se costuma denominar de — sintaxe interacional (CASTILHO, 2004, p. 17), ou seja, uma sintaxe fragmentária, que se constitui num dos processos inerentes ao referido gênero textual. Daí a grande presença de elipses, anacolutos, entonações, interrupções, tópicos não lexicalizados, bem como de repetições, correções, hesitações, sobreposições de vozes e marcadores conversacionais, que são estratégias inerentes ao texto oral. [...]. (HEINE, 2012, p. 202-203)

É preciso frisar que as conversações feitas, por exemplo, no telefone não devem ser consideradas textos orais prototípicos, haja vista excluírem os elementos semióticos, produzidos no ato comunicativo.

3.3 ASPECTOS DO TEXTO ORAL

É necessário ressaltar que o texto falado passa a ser focalizado, de modo mais sistemático, a partir da perspectiva sociointeracionista (KOCH, 2004). Nesse momento, a língua é vista “[...] como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como as estratégias de formulação em tempo real” (MARCUSCHI, 2010, p. 33). Essa perspectiva ressalta a concepção interacional – dialógica da língua, considerando os sujeitos como atores/construtores sociais e a produção linguística, constituída nas atividades interativas. A seguir, destacam-se alguns traços da oralidade - hesitação, repetição, correção, marcador

discursivo, palavra genérica -, frisando que os mesmos podem ocorrer também na língua escrita, sobretudo, nos gêneros informais (*msn*, bilhetes, recados, *facebook*, *twitter*, *whatsapp* etc).

- o texto oral prototípico ocorre apenas numa situação face a face. Isso significa que a conversa telefônica, o *msn* e os demais textos orais não face a face, embora considerados gêneros da oralidade, não devem ser vistos como textos orais prototípicos, porque lhes faltam os diversos signos semióticos.

- o texto oral, seja conversacional ou através de rádio, telefone etc., é produzido por várias mãos e vozes, segundo Castilho (2004), fazendo uso de alternância de turnos conversacionais, podendo ocorrer ou não com sobreposição de vozes.

- a língua falada prototípica é planejada ou não planejada? Koch (2015) apresenta duas posições que, aparentemente, se contradizem entre si: a linguista diz que a conversação “é relativamente não planejável de antemão, o que decorre, justamente, de sua natureza altamente interacional;” ou que ela é “*localmente* planejada, isto é, planejada ou replanejada a cada no “lance” do jogo”. Considere-se a posição de Heine sobre essa questão:

O referido gênero textual é, essencialmente, planejado, mas se trata de um planejamento negociado *pari passu*, ou seja, administrado localmente, à medida que a conversação se processa, em função, inclusive, dos objetivos dos seus interlocutores na instância discursiva em questão. Dessa forma, mantém a presença explícita de todos os seus traços de status nascendi, pondo em público não os seus desvios, mas sim as estratégias de processo de construção do texto falado (interrupções, reinícios, hesitações, repetições, correções). Todos esses procedimentos são parte integrante do texto conversacional. Por isso que nada, no processo de construção, se apaga (ANTOS, 1982 apud HILGERT, 2000, p. 35). (HEINE, 2012, p. 208)

- enfatiza-se que a relação entre fala-escrita ocorre dentro de um contínuo de gêneros discursivos, ou seja, nas práticas comunicativas dos sujeitos e não como era visto na proposta dicotômica, cujas pesquisas se restringiam apenas a relações prototípicas de cada modalidade, ou seja, a conversação, em sua versão face a face, para a língua falada, e o texto científico, para a língua escrita. Nesse sentido, afirma Koch (2006):

[...] existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao pólo da fala conversacional (bilhetes, cartas familiares, textos de humor, por

exemplo), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do pólo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), existindo ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários. (KOCH, 2006, p. 44)

- a hesitação é uma característica muito presente no texto oral. De acordo com Marcuschi (2006, p. 49), “[...] a hesitação revela os procedimentos adotados pelos falantes para resolverem os problemas que surgem devido ao processamento *on-line* de formas e conteúdos. Isso quer dizer que a hesitação é, sobretudo, um fenômeno de processamento textual.” No entanto, esse traço tem sido questionado, pois esse fenômeno também está presente em gêneros híbridos da língua escrita, a exemplo, nas conversas de *chats*, do *whatsapp*, como também em romances da literatura brasileira.

A título de exemplificação do que foi exposto acima, considere, pois, o exemplo 6, cujo excerto textual foi retirado do capítulo “Cadeia”, do romance de ‘Vidas Secas’. Nele, encontra-se a evidência de um dos traços da oralidade, a hesitação, materializada pelo pronome ‘eles’, seguida de uma pausa não-preenchida através do sinal de reticências:

Exemplo 6

Pobre de sinha Vitória, inquieta e sossegando os meninos. Baleia vigiando, perto da trempe. Se não fossem **eles**... (RAMOS, 2012, p. 37)

- a repetição é considerada uma das estratégias mais recorrentes da oralidade, possuindo várias funções, dentre as quais a edição do texto. Veja-se a seguir a definição de repetição na perspectiva de Heine (2012):

A repetição (R) é uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade (MARCUSCHI, 2004). Repetir é produzir a mesma expressão linguística duas ou mais vezes. Porém, é um simples ato tautológico, já que expressará sempre algo novo; há, pois, uma grande diferença entre repetir elementos linguísticos e repetir o mesmo conteúdo. Os segmentos repetidos podem se manifestar por autorrepetições (o próprio falante produz a R na sua fala) ou por heterorrepetições (o interlocutor repete algum segmento dito pelo locutor). (HEINE, 2012, p. 206)

Os estudos atuais têm mostrado a relevância da repetição na língua falada, quanto ao processo de produção e compreensão dos interlocutores. Isso quer dizer que a construção do texto oral, tendo a presença de repetições, seja por meio de elementos não-lexicalizados, ou por meio de léxicos, ou por meio de estruturas sintáticas, auxilia o falante e dá-lhe tempo para

organizar ou reorganizar o discurso, embora, às vezes, seja vista como um fenômeno negativo no processo de construção do texto. Nesse sentido, considere-se a seguir a citação:

[...] apesar de tais atitudes negativas relativamente à repetição, ela constitui uma constante, na conversação quotidiana, em qualquer palestra ou discussão, em aulas e exposições em geral, na interação com os familiares e colegas. Trata-se, na verdade, de uma estratégia básica de estruturação do discurso: os textos que produzimos apresentam grande quantidade de construções paralelas, repetições literais enfáticas, pares de sinônimos ou quase sinônimos, repetições da fala do outro e assim por diante. (KOCH, 2000, p. 93)

Koch (2000) evidencia um posicionamento relevante acerca da presença de repetições na construção do texto. Tradicionalmente, segundo a referida autora, tem-se visto a repetição como uma forma negativa. Para a linguísta, a repetição é uma estratégia básica de estruturação do texto usada nas conversações diárias. Reflete-se que, pautada nos estudos atuais da LT, o fenômeno da repetição é visto também na modalidade escrita, não sendo mais inerente apenas ao texto oral. Consoante Preti (2004, p. 128), “a repetição também contribui para o envolvimento entre os interlocutores numa conversação, que se desenvolve num processo de colaboração entre os interlocutores (um discurso a dois)”.

Outro aspecto relevante sobre a repetição é o reconhecimento das várias funções que ela pode exercer, a depender da situação vivenciada pelos interlocutores. Para melhor compreensão sobre repetição, considere-se o excerto do texto de Heine (2012):

Volta-se para a organização discursiva e monitora a coerência textual; além disso, favorece a coesão textual (referenciação, anáfora, dêitico discursivo, catáfora etc.); dá continuidade à organização tópica; auxilia nas atividades interativas; na fala prototípica, a repetição faz parte do processo de formulação textual. (HEINE, 2012, p. 206)

A título de exemplificação do que se acaba de afirmar, nota-se que o autor Graciliano Ramos, a seguir, demonstra no excerto textual de ‘Vidas Secas’, o uso da repetição, materializada a partir do vocábulo ‘festa’, localizada no capítulo ‘Festa’. Na descrição da cena, observa-se que o personagem utiliza um substantivo e, a cada repetição do enunciado, o mesmo ganha novos sentidos, carregado de valores, pois, consoante Marcuschi (1996), repetir os mesmos termos numa prática discursiva não equivale dizer a mesma coisa.

Exemplo 7

- Festa é festa.

Bebeu ainda uma vez e empertigou-se, olhou as pessoas desafiando-as. Estava resolvido a fazer asneira. Se topasse o soldado amarelo, esbodegava-se com ele. Andou entre as barracas, emproado, atirando coices no chão, insensível às esfoladuras dos pés. Queria era desgraçar-se, dar um pano de amostra àquele safado. Não ligava importância à mulher e aos filhos, que o seguiam. (RAMOS, 2012, p. 78)

A repetição do termo ‘festa’, no excerto textual acima, tem como função dar ênfase ao dito. Constata-se com essa repetição a possibilidade de o leitor inferir outros sentidos ao termo, com conhecimentos de mundo, conhecimento cognitivo, conhecimento histórico e ideológico, que vão além da alegria, celebração com danças, bebidas e comidas. Dentre essas possibilidades de sentido, sugere-se: momento qualquer sem um tom festivo; momento propício para se fazer tudo, como cometer desvios de conduta sem recriminações, como se observa na ilustração: “Estava resolvido a fazer asneira” (RAMOS, 2012, p. 78).

- as correções são fenômenos comuns na língua falada, porém não mais vistos como inerentes apenas ao texto oral. Para melhor compreensão, veja-se a seguir nas palavras de Koch (2009):

As correções decorrem da necessidade de o locutor solucionar, imediatamente após ou mesmo durante a materialização de um segmento, dificuldades neste detectadas por ele mesmo ou pelos parceiros, podendo, pois, ser auto- ou heterocondicionadas, isto é, provocadas pelo interlocutor. (KOCH, 2009, p. 122)

Na acepção de Koch (2009), depreende-se que a correção é feita na construção textual a partir de uma necessidade do locutor em solucionar alguma dificuldade na construção do texto. A referida autora também apresenta que a correção pode ser feita pelo próprio locutor, conhecido como auto-condicionada, ou quando feitas pelo interlocutor, heterocondicionada. Na tradição, esse traço é inerente à oralidade; contudo, com os avanços dos estudos linguísticos, considerando o contínuo dos gêneros discursivos, pode ser visto, especialmente em escritas *online*, em que as correções são feitas no instante da construção do texto, a exemplo, nas conversas em *wathsapp*. Portanto, as correções não devem ser vistas como negativas na construção do texto, mas sim como contribuintes para que o mesmo tenha um sentido.

Considere-se, a seguir, a título de exemplificação do que foi dito acima, o exemplo 8, cujo excerto textual, extraído de ‘Vidas Secas’, evidencia uma das marcas do texto oral: a correção.

Exemplo 8

Tinha feito um estrago feio, a terra se cobria de palmas espinhosas. Deteve-se percebendo rumor de garranchos, voltou-se e deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levara à cadeia, onde ele aguentara uma surra e passara a noite. Baixou a arma. **Aquilo durou um segundo. Menos: durou uma fração de segundo.** Se houvesse durado mais tempo, o amarelo teria caído esperneando na poeira, com o quengo rachado. Como o impulso que moveu o braço de Fabiano foi muito forte, o gesto que ele fez teria sido o bastante para um homicídio se o outro impulso não lhe dirigisse o braço em sentido contrário. A lâmina parou de chofre, junto à cabeça do intruso, bem em cima do boné vermelho. A princípio o vaqueiro não compreendeu nada. Viu apenas que estava ali um inimigo. De repente notou que aquilo era um homem e, coisa mais grave, uma autoridade. Sentiu um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo, inclinando-se para um lado e para o outro. (RAMOS, 2012, p. 102)

O traço da oralidade, expresso por Fabiano no exemplo 8, é do tipo infirmação, quando anula, revoga ou invalidada, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006). Na cena, o personagem, em posse de uma arma nas mãos, através do discurso indireto, anula a expressão “Aquilo durou um segundo,” corrigindo-a para “Menos: durou uma fração de segundo” (RAMOS, 2012, p. 102), referindo-se à mudança de decisão sobre a vida do soldado amarelo.

- os marcadores discursivos eram considerados como exclusivos da língua falada, mas com o avanço das pesquisas de texto, em especial dos estudos funcionais como as noções de contínuo dos gêneros discursivos, tem-se percebido a presença em textos escritos. Eles são vistos como elementos detentores de diversas características, como se pode depreender, a seguir, nas palavras de Urbano (2001):

Trata-se de elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente, supérfluos ou até complicados, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão. (URBANO, 2001, p. 81)

Os marcadores conversacionais são vistos como importantes na estrutura do texto, sendo, “[...] na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional” (URBANO, 2001, p. 85). Segundo Urbano (2001), o uso dos marcadores discursivos serve para articular tanto as unidades cognitivo-informativas como dos seus interlocutores, “[...] revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático” (URBANO, 2001, p. 85). Por outras palavras, por

marcarem alguma função interacional no texto são conhecidos como marcadores conversacionais.

Urbano (2001), na citação acima, refere-se aos marcadores conversacionais como aqueles que podem ser considerados como típicos da fala, conseqüentemente, com grande recorrência nos gêneros orais. No entanto, ressalta-se, novamente, que os marcadores não podem ser vistos apenas como típicos da língua falada. Nesse sentido, considere-se, a seguir, a assertiva de Heine (2012), no que tange aos marcadores discursivos:

Ocorrem, tradicionalmente, na língua falada, porém hodiernamente, também em textos da língua escrita, sobretudo, os dos gêneros informais (msn, bilhetes, recados, twitter etc). São altamente recorrentes e têm várias funções, realizando-se frequentemente como elementos de interação, monitorando a fala. (HEINE, 2012, p. 205)

Registra-se que, pautado nas propostas bakhtinianas (HEINE, 2012), os marcadores discursivos não contemplam apenas os aspectos de interação da conversação, ou seja, não se atêm ao contexto imediato, haja vista incluir elementos históricos, sociais e ideológicos que, muitas das vezes, são recuperados apenas na instância discursiva.

Sabe-se que no ensino de língua materna, os marcadores discursivos não têm sido muito trabalhados. Esse fato pode ser explicado a partir do uso das gramáticas tradicionais na sala de aula que se voltam, em sua grande maioria, para os aspectos da modalidade escrita da língua. Porém, com o avanço das pesquisas de texto, observa-se que os marcadores discursivos se fazem presente na literatura, bem como em conversas *on line*.

Os marcadores discursivos, consoante Urbano (2001), podem ser vistos como: marcadores linguísticos, considerados como de natureza verbal (lexicalizados e ou não lexicalizados) e prosódicos (pausa, entonação, alongamento, mudança de ritmo e de altura etc.); marcadores não linguísticos são os meneios de cabeça, olhar, risos, gesticulação. No que tange aos aspectos semânticos, os marcadores discursivos são “[...] vocábulos que, embora esvaziados do conteúdo semântico original, valem aqui como estratégias para o falante testar o grau de atenção e participação do seu interlocutor” (URBANO, 2001, p. 87). Porém, Heine (2012) ressalta que os marcadores discursivos não são totalmente esvaziados de sentidos; na verdade, perdem parte da transparência denotativo-referencial, ganhando um sentido na instância discursiva onde se realiza a comunicação, sobretudo.

A título de exemplificação do que se afirma acima, observe-se o Exemplo 9, retirado do excerto textual de ‘Vidas Secas’, presente no capítulo ‘Cadeia’. Na cena em destaque, o autor evidencia um dos traços do texto oral, através do marcador discursivo (An!), um item

não lexicalizado que, a depender da prática discursiva pode apresentar diversos sentidos, nesse caso, um tom de insatisfação do personagem Fabiano.

Exemplo 9

- **An!**

Estava tudo errado.

- **An!**

Tinham lá coragem? Imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na catanga. Tinha graça. Não dava caldo. (RAMOS, 2012, p. 33-34)

Em resumo, os marcadores discursivos são elementos linguísticos que auxiliam na estruturação do texto. Por outras palavras, são recursos que sinalizam a orientação dos sujeitos nas situações concretas discursivas, seja na modalidade oral ou escrita da língua.

- as palavras genéricas, como também os chamados coringas, nas pesquisas da Linguística Textual, podem ser vistos tanto na modalidade escrita como na modalidade oral da língua. São enunciados ou termos que sozinhos são neutros, mas quando são usados em situações concretas discursivas carregam em si diversos significados, tem-se como exemplo o termo: ‘coisa’, ‘treco’, ‘negocio’. Em linhas gerais, eles encapsulam porções textuais.

O capítulo, ora tratado, trouxe algumas reflexões acerca da oralidade, tendo como ponto de partida o olhar da Antiguidade Clássica, buscando, de forma sucinta, instigar a oralidade em suas práticas sociais.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo tem por finalidade apresentar a constituição do *corpus* e a operacionalização da análise desta pesquisa, pautado na Linguística Textual, em sua fase bakhtiniana (HEINE, 2011). Para tanto, considera-se como ponto de partida o objetivo central: identificar a ocorrência de fenômenos da oralidade na língua escrita, conforme os excertos de ‘Vidas Secas’ do autor Graciliano Ramos, a partir da perspectiva de Marcuschi (2001). Nesse sentido, vejamos as hipóteses a seguir:

- os excertos do livro ‘Vidas Secas’ que, constituem o *corpus* desta pesquisa, evidenciam traços da oralidade e podem ser analisados a partir do contínuo fala – escrita na perspectiva de Marcuschi (2001);
- os excertos da obra de ‘Vidas Secas’ evidenciam a frequência de características do texto oral, como hesitações, repetições, possibilitando tratar o romance como um gênero híbrido que pode ser utilizado no ensino de língua materna.

4.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

4.1.1 Caracterização do *corpus*

O *corpus*, desta pesquisa, é constituído de excertos do romance ‘Vidas Secas’, publicado pela editora Record, no ano de 2012, na sua 119ª edição; escrito pelo autor Graciliano Ramos, um alagoano nascido em 27 de outubro de 1892, conhecido como um dos principais escritores do neo-realismo brasileiro, segundo Abadala- Junior e Campedelli (1987). Suas obras marcaram a história da literatura brasileira, apresentando particularidades, tais como: tema (sertão nordestino); estilo (presença de sintaxe e prosódia nordestina); composição (partes autônomas, mas que se relacionam). Dentre as mudanças significativas na prosa, inclui-se a linguagem própria da época, com traços específicos de sujeitos excluídos da sociedade, como se observa na citação a seguir:

Não obstante tais observações, a importância maior - em termos de análise estilística - deve-se a algumas características peculiares da narrativa de Graciliano, insistentemente repetidas por todos os seus críticos. Assim, a economia vocabular e a precisão frásica, o uso de uma linguagem direta que beira ao agressivo e o emprego da expressão essencial e enxuta seriam apenas algumas das características marcantes de seu estilo. (Lafetá, 1985; Pinto, 1962; Knoll, 1965) Mas o importante mesmo parece ser a relação íntima que seu estilo estabelece com a temática tratada. Se nos limitarmos apenas ao romance *Vidas Secas*, perceberemos facilmente que toda a economia/aridez própria da expressão do autor se relaciona imediatamente com grande parte dos assuntos e motivos direta ou indiretamente tratados no romance. (Malard, s.d.) Isso nos leva a concluir por um elo estreito entre a linguagem empregada pelo narrador e a realidade representada na obra, o que revela uma preocupação constante do romancista para com a linguagem. (SILVA, 1998, p. 115)

O romance de ‘*Vidas Secas*’, publicado no ano de 1938, é composto por um conjunto de partes que por si só são autônomas, sendo que, cada um dos 13 capítulos, muda de perspectiva, pois tem o seu ponto de vista, o seu foco; ora é Fabiano, ora é Baleia, ora é o menino mais velho etc. Desse modo, ‘*Vidas Secas*’ apresenta e representa uma época de queda e degradação social, vistas no percurso da narrativa, através de: vozes que estão fora do sistema; diferenças existentes na cultura; linguagens específicas de um grupo; ideologias e histórias de uma sociedade no período da ditadura de Vargas; exploração e opressão social; etc.

Por outras palavras, o romance de ‘*Vidas Secas*’ pertence ao grupo de textos que surgiram na década de 30, apresentando as sugestões da sintaxe falada, dos regionalismos e das gírias, segundo Preti (2004). Assim sendo, torna-se propício fazer uma análise textual, contemplando-o como um gênero híbrido, desconsiderando a dicotomia na relação fala-escrita. Nesse sentido, afirma Bastos (2012):

A construção de ‘*Vidas Secas*’ é de extrema liberdade com relação aos modelos tradicionais de romance, com relação à verossimilhança. [...] Como num painel, despreza os liames tradicionais da narrativa romanesca. Compõe o conjunto a partir de partes já por si autônomas. Tece um diálogo entre narrador (letrado, racionalista, politizado) e o personagem (iletrado, místico e mágico, não politizado), fazendo com que os universos dos dois se contaminem mutuamente. (BASTOS, 2012, p. 136)

O romance de ‘*Vidas Secas*’ quebrou com alguns dos paradigmas da literatura de sua época. Isso significa que a presença dos aspectos da língua falada e da realidade dos nordestinos são marcas da literatura neo-realista. Segundo o referido autor, a estrutura do romance, criada por Graciliano Ramos, possibilitou algumas reflexões sobre a tradição das narrativas do romance.

Outro aspecto relevante da obra se refere ao diálogo construído entre o narrador e as personagens, onde são vistos como antagonônicos, com perfis diferenciados, mas, encontrando-se no universo do livro, como afirma Ribeiro (2014):

A língua de Fabiano, de sinha Vitória e dos meninos não é a mesma em que o romance foi feito. É preciso, desde já, afirmar. Quando dizemos que a linguagem é a mediação, o ponto de encontro entre Graciliano e seus personagens, referimo-nos ao fato de que o autor, um homem de letras culto, difícil e particularmente atento aos perigos e mistificações da linguagem, deixou-se invadir pela sintaxe e pela prosódia dos sertanejos, construindo com elas a prosa enxuta que caracteriza o livro. É claro que não se trata aqui de uma simples e acrítica reprodução da fala e do pensamento dos personagens. (RIBEIRO, 2014, p. 154)

Ribeiro (2014) cita algumas das personagens que compõe ‘Vidas Secas’, destacando a diferença entre a língua falada por eles e a língua utilizada pelo autor, na escrita do romance, pois não será uma transcrição das falas dos sertanejos que será visto no gênero. Na verdade, o autor, detentor de uma norma culta, incorpora a sintaxe de um determinado grupo e as inclui, a partir de traços do texto oral, narrando o texto a partir de discursos: direto (o narrador limita-se a introduzir a personagem); indireto (o narrador incorpora à sua fala o discurso da personagem); indireto livre (forma híbrida entre os discursos anteriores).

Em suma, os excertos analisados fazem parte de uma das obras de Graciliano Ramos que se distinguiu dos demais romances, produzidos na década de 30 do século XX, pois foi um dos primeiros a usar a sintaxe da língua falada e tratar dos problemas apontados no sertão.

4.1.2 Tratamento preliminar dos dados

Seleção dos excertos de ‘Vidas Secas’

A seleção busca promover uma compatibilidade com o problema e os objetivos da pesquisa. Por isso, teve-se como critério a seleção de excertos com evidências de traços da oralidade, tendo como exemplo, a presença de hesitações, correções, repetições, marcadores discursivos, palavras genéricas. Desse modo, ressalta-se, aqui, que a seleção dos excertos considerou a fala das personagens e o discurso do narrador, pois, entende-os como inerentes à constituição da linguagem apresentada no romance. Assim, selecionou-se um total de 31 excertos textuais, mas só foram analisados apenas 22, alocados em categorias como características do texto falado, mas que também podem ser encontrados na escrita.

Classificação dos dados

Os excertos selecionados serão classificados a partir da identificação de marcas da oralidade, compreendendo que não lhe é específico, porque há ocorrências na modalidade escrita da língua. Desse modo, considere-se, a seguir, o quadro com as características do texto oral:

Quadro 2. Categorias de traços da oralidade

Traços da oralidade	Definição
Hesitação	“[...] as hesitações – que se manifestam por meio de pausas, preenchidas ou não, alongamentos de vogais, consoantes ou sílabas iniciais ou finais, repetição de palavras de pequeno porte, truncamentos oracionais, etc. -, têm a função cognitiva de ganhar maior tempo para o planejamento/verbalização do texto, podendo-se afirmar que são ‘menos’ controladas, porque condicionadas por pressões situacionais das mais diversas ordens a que estão sujeitos os interlocutores.” (KOCH, 2000, p. 71)
Repetição	“[...] a repetição constitui um recurso enfático que compreende não só os vocábulos, mas também as estruturas sintáticas, quando não o uso de paráfrase, que acentua e especifica certos aspectos repetidos.” (PRETI, 2004, p. 128).
Correção	“Trata-se de um fenômeno comum na língua falada: já que não se pode ‘apagar’ o que se disse, interrompe-se o quanto antes (geralmente antes mesmo de terminar o que vinha sendo dito), para então apresentar a forma que se considera mais adequada”. (KOCH, 2009, p. 123).
Marcador discursivo	“Trata-se de marcadores como <i>aí, daí, então, agora, aí então</i> , extremamente frequentes em textos falados, embora como ocorrência bastante frequente também em textos escritos, especialmente quando se deseja dar a estes uma feição semelhante à da fala, como é comum na literatura infanto-juvenil.” (KOCH, 2009, P. 134).
Palavra genérica	Trata-se de um termo que, na instância do discurso, abarcar diversos significados.

Recorrência das marcas da oralidade

Após a identificação e seleção dos excertos, construiu-se um quadro para observar a recorrência dos traços da oralidade no *corpus* analisado, visando destacar a relação fala-escrita na perspectiva do contínuo de gêneros do discurso.

Quadro 3. Constituição quantitativa do *corpus* de um total de 22 excertos textuais

Traços da oralidade	Recorrência(s)
Hesitação	8

Repetição	7
Correção	4
Marcador discursivo	5
Palavra genérica	1
Total: 5 tipos de traços	Total: 25

O quadro 3 destaca a ocorrência de traços da oralidade e a sua frequência nos excertos textuais da obra de ‘Vidas Secas’. Nesse sentido, compreende-se que de um total de 22 excertos textuais foram identificados 5 traços da oralidades. A frequência desses traços oral pode ser observada a partir do quantitativo de cada, a saber: 8 hesitações, 7 repetições, 4 correções, 5 marcadores discursivos e 1 palavra genérica

4.2 OPERACIONALIZAÇÃO DA ANÁLISE

Os traços da oralidade, identificados no *corpus* desta pesquisa, serão analisados consoante os critérios: a) o texto é entendido como evento dialógico e eminentemente semiótico (HEINE, 2011); b) contínuo da relação fala-escrita na perspectiva de Marcuschi (2001).

a) texto enquanto evento dialógico: o conceito tratado na Linguística Textual pauta-se nas acepções do filósofo Bakhtin, o qual se volta para a linguagem nas práticas sociais. Outra contribuição bakhtiniana para a constituição do presente conceito de texto se refere aos gêneros discursivos - “[...] são, pois, tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade.” (FIORIN, 2008, p. 61). Desse modo, entende-se que o texto como evento dialógico abarca os aspectos semióticos - os meneios de cabeça, os gestos, os sinais, imagens -, sendo constituído por duas camadas, a saber:

(i) camada linguístico-formal: refere-se ao tratamento dado ao texto, considerando o conhecimento gramatical e lexical – “[...] organização do material linguístico na superfície textual, pelo uso dos meios coesivos que a língua nos põe à disposição para efetuar a remissão

ou a sequenciação textual, pela seleção lexical adequada ao tema e/ou aos modelos cognitivos ativados” (KOCH, 2000, p. 27).

(ii) camada histórico-ideológica: trata-se dos processamentos de sentidos inferenciais que são ativados a partir de diferentes estratégias, tais como: conhecimento de mundo – “[...] aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo, quer se trate de conhecimento do tipo declarativo (proposições a respeito dos fatos do mundo), quer do tipo episódico (os modelos cognitivos socialmente determinados e adquiridos através da experiência)” (KOCH, 2000, p. 27)-; conhecimentos partilhados – conhecimento com certo grau de similaridade (KOCH; TRAVAGLIA, 2000)-; conhecimentos ideológicos – originados das diferentes esferas sociais (religião, filosofia, ciência) (HEINE, 2014) etc.

b) contínuo da relação fala-escrita, na perspectiva de Marcuschi (2001): o contínuo dos gêneros, proposto por Marcuschi, refere-se a uma abordagem não dicotômica na relação fala-escrita. Considera-se que a fala e a escrita pertencem ao mesmo sistema de língua, ou seja, vistas como modalidades linguísticas. São heterogêneas e, quando analisadas, não se desconsidera o sujeito e nem as práticas sociais, diferentemente, da abordagem vista pelos estudos formais da língua.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 ASPECTOS GERAIS

Pretende-se, neste capítulo, evidenciar os traços da oralidade como a hesitação, a repetição, a correção, o marcador discursivo e a palavra genérica, nos excertos do romance de ‘Vidas Secas’, do autor Graciliano Ramos. Desse modo, a análise de dados consiste em identificar a ocorrência dos mesmos num gênero romance, considerado na tradição, como uma escrita mais próxima do pólo formal, a partir do contínuo dos gêneros. Ressalta-se, portanto, que as análises feitas possuem um caráter interpretativo e que as quantificações, apresentadas no capítulo metodológico, servem de suporte para as observações.

Seguindo os critérios definidos na metodologia desta pesquisa, foram analisados, a partir do livro ‘Vidas Secas’, vinte e dois excertos textuais, extraídos dos diferentes capítulos que compõem a referida obra; desse total, encontram-se as seguintes ocorrências: seis hesitações, sete repetições, quatro correções, quatro marcadores discursivos, uma palavra genérica.

5.2 ANALISANDO O *CORPUS*

5.2.1 Hesitações

As hesitações são consideradas atividades textual-discursivas, atuando no plano do processamento e não da formulação discursiva, ou seja, elas fazem parte do uso e não do sistema formal da língua. De acordo com Marcuschi (2006, p. 49), a realização da hesitação é “produzida tanto no nível supra-segmental (pela prosódia) como no nível segmental (com elementos formais da língua) [...]”. Com o desenvolvimento dos estudos funcionais, voltando-se para o uso e não apenas para a forma e o conteúdo, proposta dos formalistas, as hesitações inserem-se como objeto de pesquisa da gramática do português falado, a partir da década de 70 do século XX.

Defende-se que a hesitação é uma característica, preponderante, mas não única, da língua falada, fazendo parte do uso e não do sistema formal da língua, partindo do pressuposto de que a linguagem é uma atividade dialógica. Nesse aspecto, a hesitação está presente nas atividades discursivas dos sujeitos através dos gêneros, sejam eles na modalidade oral (mais formal ou menos formal) ou na modalidade escrita (mais formal ou menos formal) da língua.

Em resumo, segundo Marcuschi (2006), as hesitações servem para resolver os problemas que surgem a partir do processamento *on-line*; “a hesitação é, sobretudo, um fenômeno de processamento” (MARCUSCHI, 2006, p. 49).

É preciso registrar que, embora o *corpus* seja constituído de vinte e dois excertos textuais, o fenômeno em tela só ocorreu em apenas seis excertos. Observe-se o quadro 4, a seguir, que traz os dados registrados dessa quantificação. A tabela 1, a seguir, apresenta os dados sobre a frequência dos fenômenos de hesitação: uma expressão hesitativa, quatro itens funcionais, três itens lexicais.

Quadro 4. Ocorrência das hesitações de um total de 22 excertos

Traço da oralidade	Quantidade de excertos	Hesitações
Hesitação	06	08

Tabela 1. Frequência dos fenômenos de hesitações

Categoria	Frequência
a) Expressões hesitativas: ...ah!	01
a) Itens funcionais	
preposições: de...	01
conjunções: como...	01
pronomes: aquilo..., isso...	02
b) Itens lexicais	
substantivos: ideias..., bichos...	02
verbos: pudesse...	01

A observação geral feita a partir do quadro 4 e da tabela 1, considerando os seis excertos textuais extraídos da obra de ‘Vidas Secas, constata que houve uma ocorrência de oito hesitações. Isso permite verificar que o escritor faz uso de traços da oralidade na escrita, sendo assim, pode-se considerar esse texto como um gênero híbrido, onde fala e escrita se imbricam entre si, ou seja, “[...] a determinação da relação fala-escrita torna-se mais congruente levando-se em consideração não o código, mas os usos do código” (MARCUSCHI, 2010, p 43). Por outras palavras, entende-se que fala e escrita possuem traços próximos, mas suas diferenças devem ser tratadas a partir de um contínuo, como se pode ver na citação a seguir:

A fala e a escrita apresentam, conforme Marcuschi (2001), os mesmo traços: dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade. Entretanto, as diferenças entre as duas modalidades ocorrem dentro de um *contínuum* tipológico e precisam ser vistas na perspectiva do uso e não como características intrínsecas. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2011, p. 13)

Constatou-se, nos excertos textuais do romance, que o autor Graciliano Ramos usou com mais frequência a materialização de itens funcionais, comprovando o estudo produzido por Marcuschi (2006, p. 53), o qual apresenta que: “os diversos levantamentos estatísticos realizados mostram que em mais de 50% das hesitações encontramos itens funcionais”. Sendo assim, foram identificados quatro itens funcionais: uma preposição, uma conjunção, dois pronomes, efetivados por meio de elementos suprasegmentais através de pausas, registrados com reticências. Quanto à funcionalidade, verifica-se que a inserção das hesitações nos enunciados não compromete a gramaticalidade dos mesmos. O papel cognitivo das hesitações é relevante para a atividade de processamento da fala e a atividade de enunciação (MARCUSCHI, 2006). Nesse sentido, confira os fenômenos da hesitação, por meio dos exemplos (10) a (15):

Exemplo 10

- Esses capetas têm ideias ...
 Não completou o pensamento, mas achou que aquilo estava errado. Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando-o debalde. Chamou os filhos, falou de coisas imediatas, procurou interessá-los (RAMOS, 2012, p. 20).

Esse exemplo foi extraído de um dos excertos selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa, localizando-se no segundo capítulo: ‘Fabiano’, da obra de Graciliano Ramos em análise. Verifica-se que o escritor ao usar um traço da oralidade o faz a partir de um gênero comum nas atividades discursivas: a conversação. Esse gênero, classificado como primário, nas acepções de Bakhtin, possui características singulares que podem também estar presentes em textos da língua escrita. Como se vê, o romance, gênero secundário, vale-se de outros gêneros primários, ou seja, a conversação, em sua estrutura composicional, sua temática e seu estilo (FIORIN, 2008).

O narrador, ainda no exemplo 10, está traçando uma linha da vida de Fabiano, possibilitando-o refletir sobre alguns questionamentos, a saber: quem ele é; de onde vem; onde se encontra. Sua reflexão é interrompida pelo filho, quando lhe questiona sobre algo;

diante disso, por não saber qual foi a sua pergunta ele o repreende, utilizando o seguinte enunciado: “Esses capetas têm ideias ...” (RAMOS, 2012, p. 20).

No exemplo em análise, a referida hesitação processa um corte sintático, oportunizando Fabiano buscar um item lexical, a fim de melhor dialogar com o seu filho. Seu planejamento consistia na questão de poder ou não verbalizar o pensamento sobre a atitude do filho quanto à curiosidade sobre as ações que o pai desenvolvia, quando falava sozinho. Ressalta-se que, no intervalo em que a pausa é efetivada através das reticências (“esses capetas têm ideias...”), o escritor faz uso de estratégias inferenciais a partir do seu conhecimento de mundo, arquivado na memória, adquirido com as experiências da vida. Isso acontece, quando Fabiano relembra sobre a sua relação com seu pai: “Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando-o de balde” (RAMOS, 2012, p. 20), inferência que o fez perceber que a sua atitude para com o filho estava errada. Nesse exemplo, o autor possibilita que o leitor faça inferências sobre a vida do vaqueiro, pertencente a região do nordeste, cuja condição de vida é precária, precisando de constantes mudanças devido à seca. Essa é uma das características do período da década de 30 do século XX.

A hesitação de Fabiano, diante da situação descrita, no exemplo 10, não prejudica o processamento do texto, mas ao contrário ajuda-o a ter outro posicionamento. Marcuschi (2006, p. 48) considera a hesitação como “[...] intrínseca à competência comunicativa em contextos interativos de língua oral e não uma disfunção do falante” (MARCUSCHI, 2006, p. 48).

No excerto em análise, observa-se que a descrição do personagem principal da obra, feita pelo autor, possibilita tecer considerações sobre a dialogicidade presente no romance. Isso significa dizer que os enunciados que constituem ‘Vidas Secas’, embora sejam conhecidos como o romance do silêncio, cujos diálogos são monólogos, no entanto, entende-se, a partir das ideias bakhtinianas, que a concepção de dialogismo põe em discussão a monologia em qualquer forma que se apresente: um discurso político, um sermão, as reflexões em voz alta de uma só pessoa etc. Eles só são monológicos na forma exterior, pois em sua forma interna, na sua estrutura composicional e estilística são dialógicos (HEINE, 2014), diferentemente da concepção vista na tradição dos estudos linguísticos, cujo termo monologia restringe-se a um discurso de uma única voz, excluindo os outros discursos que perpassam a prática discursiva. Nesse sentido, Fiorin (2006) afirma que:

Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos (FIORIN, 2006, p. 18-19).

Fiorin (2006) se refere aos enunciados que são unidades reais da comunicação e que, independente da dimensão, são dialógicos. Os monólogos existentes em ‘Vidas Secas’ não são enunciados neutros, esvaziados de ideologias, pois são compostos por duas faces: procede de alguém e dirige-se a outrem; constitui-se na relação com o outro. A alteridade abordada por Bakhtin, em seus estudos, refere-se à existência de outro independente do eu.

Considere-se o exemplo a seguir:

Exemplo 11

Se não fosse isso ... An! Em que estava pensando? Meteu os olhos pela grade da rua. Chi! que pretume! O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de querosene. (RAMOS, 2012, p. 34).

O Exemplo 11 localiza-se no terceiro capítulo ‘Cadeia’, do romance de ‘Vidas Secas’: momento que retrata o processo de perda da liberdade de Fabiano, quando após um desentendimento com um soldado é condenado e lançado na prisão sem que haja nenhuma investigação, como ilustra a citação: “Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.” Essa expressão do pensamento de Fabiano possibilita que o leitor seja levado a tecer considerações sobre fatos vivenciados no contexto brasileiro da década de 30, a exemplo com o golpe de estado que possibilitou a chegada de Getúlio Vargas ao governo. As injustiças do governo e as explorações militares são algumas das evidências desse período, aproveitadas por Graciliano Ramos no romance de ‘Vidas Secas’. Sendo assim, nesta cena, verifica-se que, enquanto esse personagem se encontra encarcerado, ele faz as seguintes reflexões e questionamentos:

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoas de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso; [...] Tinham lá coragem? Imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na catinga. Tinha graça. Não dava um caldo. (RAMOS, 2012, p. 31-34)

No entanto, durante seus pensamentos, Fabiano faz uma hesitação, quando se lembra dos seus familiares, conforme se observa na ilustração a seguir: “Se não fosse isso... An! [...]”

(RAMOS, 2012, p. 34). Percebe-se que Graciliano Ramos apresenta esse discurso não como fala direta do personagem, mas a partir do seu pensamento. Nesse aspecto, o escritor apropriou-se de uma das marcas da oralidade, materializada através da hesitação, fazendo com que o personagem tome uma atitude, mude os pensamentos e volte-se para a realidade em que se encontra: preso.

Dessa maneira, constata-se que o exemplo em análise apresenta a hesitação, realizada por meio do pronome demonstrativo ‘isso’, item funcional produtivo no que tange ao referido fenômeno. Conforme Marcuschi (2006, p. 53), “a noção de itens funcionais cobre todos os elementos linguísticos que não têm significação referencial, tal como artigos, as preposições, as conjunções, os pronomes”.

Tome-se o exemplo a seguir:

Exemplo 12

Se não fosse aquilo ... Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou - e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos ... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos. (RAMOS, 2012, p. 35)

No Exemplo 12, ainda pertencente ao capítulo nomeado como ‘Cadeia’, observa-se que o escritor, num único enunciado, utiliza-se de duas hesitações, processadas a partir de um item funcional (pronome demonstrativo - ‘aquilo’) e um item lexical pleno (substantivo - ‘bicho’), com a presença de pausas não preenchidas que, nas palavras de Marcuschi (2006, p. 56), “são realizadas como silêncios prolongados, que se dão como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe [...]”

Graciliano Ramos usa as hesitações para demonstrar aspectos vistos na sintaxe e prosódia dos sertanejos, cuja fala é quase inexistente, tendo a predominância de silêncios e murmúrios. Na verdade, ele apresenta na escrita um dos aspectos da língua oral, possibilitando que o leitor perceba diferenças na estrutura padrão do gênero romance da década de 30 do século XX, como se observa nas palavras de Preti (2004), a seguir:

[...] foram os prosadores do século XX que aproveitaram melhor as sugestões da sintaxe falada, dos regionalismos, da gíria. São sobremaneira importantes as contribuições de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Marques Rebelo, Jorge Amado, [...]. (PRETI, 2004, p. 120)

Essa informação, apresentada por Preti (2004), possibilita considerar as influências das inserções de marcas da oralidade na língua escrita, da década de 30, na literatura Brasileira. Negreiros (2011, p. 69) ilustra isso, a partir dos estudos orais de Pinto, expressando o seguinte: “[...] Pinto, em estudo dedicado à história da língua portuguesa afirma que o uso da oralidade, de forma constante, influenciou a língua literária do século XX, por meio de coloquialismos familiares e vulgares.”

Verifica-se, ainda, no exemplo em análise, que o escritor apresenta uma das características do personagem principal: ‘bruto’, ‘nunca havia aprendido’, ‘não sabia explicar-se’. Isso pode ser visto no discurso indireto do personagem, a saber: “Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares” (RAMOS, 2012, p. 35). Os traços que definem o personagem principal podem levar ao leitor inferenciar o perfil de algumas pessoas que eram vítimas de exploração militar e exploração de mão de obra de trabalho, exemplos marcantes da era de Vargas, em especial, nas regiões do nordeste brasileiro. Nota-se que as pessoas com baixo nível de escolaridade, em sua grande maioria, são vítimas de explorações, pois desconhecem os seus direitos e não sabem como argumentar para defender-se. O autor, no exemplo em análise, considera a ausência de estudo de Fabiano, mas evidencia reflexões com pensamentos e murmúrios da real situação em que o personagem se encontra, isso possibilita cogitar acerca de atitudes presenciadas no contexto da revolução de 30, com manifestações ou silêncios contra as explorações do governo, a exemplo.

No exemplo supracitado, reflete-se, ainda, que Graciliano Ramos, um homem culto, letrado, atento aos perigos e mistificações da linguagem, deixa-se invadir pela linguagem do outro. A escolha desse outro, que compõe as personagens da obra de ‘Vidas Secas’, leva em consideração fatores preponderantes, tais como: profissão, posição social, nível de escolaridade que, nas palavras de Preti (2004, p. 141), “[...] podem ser decisivos na interação para definir os níveis de linguagem e suas marcas, que podem aparecer em qualquer campo da língua [...]”. Nesse sentido, verifica-se que o autor escolhe um grupo específico da região do nordeste brasileiro com uma sintaxe e prosódia única, de um tempo específico, no período da década de 30 do século XX. Veja-se a ilustração a seguir:

Graciliano conhece os perigos e os limites de tal prática. As intervenções feitas pelo escritor no corpo da narrativa e a distância que procura guardar em relação ao universo ficcional que apresenta são índices da aguda consciência que tinha tanto do seu lugar de fala quanto dos cuidados necessários que é preciso ter no contato com a alteridade, uma vez que não ignorava o risco do paternalismo ou de posicionamentos autoritários. (RIBEIRO, 2014, p. 154)

No Exemplo 13, a seguir, a hesitação se materializa através do item lexical que para Marcuschi (2006, p. 54) “[...] são menos frequentes que os funcionais como construtores de hesitações”. Nesse exemplo, tem-se o verbo no pretérito imperfeito do modo subjuntivo, ‘se pudesse’, apresentando mais de uma ou duas sílabas, diferentemente, do que diz o referido autor, quando constata que “aparecem principalmente os verbos de uma ou duas sílabas em grande parte [...]” (MARCUSCHI, 2006, p. 54). Nota-se que a hesitação, ainda no exemplo em tela, é feito a partir de uma pausa preenchida com a expressão hesitativa (Ah!).

Exemplo 13

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse ... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas. (RAMOS, 2012, p. 36)

Nesse exemplo, presente ainda no capítulo ‘Cadeia’ do romance de ‘Vidas Secas’, Graciliano Ramos apresenta a característica do texto oral com o pensamento-discursivo do personagem, quando reflete acerca da sua falta de conhecimento para defender-se da situação da prisão. Percebe-se que a falta de palavras para se expressar coloca Fabiano na condição de bicho, indefeso sem direito para defender-se. O desejo do personagem era de poder enfrentar os soldados amarelos: “se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas” (RAMOS, 2012, p. 36). Essa citação pode levar o leitor a cogitar sobre a exploração militar que estava em evidência na ditadura de Vargas. O clima de conflitos e a grande insatisfação pela população em várias regiões do Brasil, como, por exemplo, com grupos de cangaceiros no nordeste, geraram preocupações com os setores militares de alto comando que enxergavam a possibilidade de guerra civil, registrado pelo autor na seguinte expressão: “[...] imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na caatinga. Tinha graça. Não dava caldo.” (RAMOS, 2012, 34).

No exemplo em análise, constata-se que as inferências do personagem possibilitam-no refletir sobre a sua tomada de decisão. Isso significa dizer que, como os enunciados são ideológicos e não neutros, o escritor abarca os aspectos históricos e sociais da década de 30 do século XX, do contexto real do nordeste brasileiro, percebendo, assim, que não há como dissociar a literatura da realidade, ou seja, como assevera Bakhtin (2010, p. 261) “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Portanto, os excertos extraídos de ‘Vidas Secas’ são indissociáveis da realidade. Isso porque, como se vê na ilustração, a seguir, Bakhtin vai afirmar que:

[...] a emoção, o juízo de valor, a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto. Em si mesmo, o significado de uma palavra (sem referência à realidade concreta) é extra-emocional. (BAKHTIN, p. 2003, p. 292)

Nesse aspecto, nota-se que as palavras, para Bakhtin, “[...] são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos que emanam dos diversos campos da atividade humana [...]” (HEINE, 2014, p. 51). Por outras palavras, constata-se que a palavra em si é neutra, mas ganha vida nas atividades discursivas, nos contextos concretos. Isso porque, “[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p. 265).

Veja-se o exemplo a seguir:

Exemplo 14

[...] Em seguida foi ao quintalzinho regar os craveiros e as panelas de losna. E botou os filhos para dentro de casa, que tinham barro até nas meninas dos olhos. Repreendeu-os:
- Safadinhos! porcos! sujos como ...
Deteve-se. Ia dizer que eles estavam sujos como papagaios.
Os pequenos fugiram, foram enrolar-se na esteira da sala, por baixo do caritó, e sinha Vitória voltou para junto da trempe, reacendeu o cachimbo.
(RAMOS, 2012, p. 44).

O Exemplo 14 foi extraído do quarto capítulo: ‘Sinha Vitória’, da obra de Graciliano Ramos. Nessa parte, o escritor retrata aspectos da vida de sinha Vitória, mãe de dois filhos, esposa e companheira de Fabiano. No exemplo em análise, o escritor apresenta a hesitação, um dos aspectos da sintaxe do texto oral, através do discurso da mulher de Fabiano e possibilita fazer inferências sobre as vivências que estavam presentes em partes do Brasil, mas que não eram tratadas na literatura, tais como: fome, miséria e seca da região nordestina do Brasil.

Mas, foi, especialmente, a partir dos meados do século XIX, com o advento de um processo de valorização político-social das classes mais populares, que se tornou possível, na literatura, uma descrição mais cuidadosa dos hábitos linguísticos dessas classes. É nessa época que românticos, realistas e naturalistas incursionam pela prosa de costumes, caracterizando com maior realidade os diálogos de ficção. (PRETI, 2004, p. 118)

Verifica-se, nesse exemplo, que a hesitação de Sinha Vitória se materializa com um item funcional, isto é, uma conjunção expressa na citação “- Safadinhos! porcos! sujos

como...” (RAMOS, 2012, p. 44), por meio de uma pausa não preenchida, com o discurso direto, diferentemente dos demais discursos selecionados para compor o *corpus* dessa dissertação. Na cena, escrita pelo autor, o enunciado proferido pela mãe dirige-se para os filhos, obtendo como resposta o comportamento de fuga. Diante disso, a mãe hesita na construção do seu enunciado, isso porque, o termo que iria utilizar, endereçado para os filhos, trazia uma lembrança negativa. Por outras palavras, Sinha Vitória hesita, pois a sua memória traz lembranças do papagaio – animal de estimação da família: “Pobre do louro. Na beira do rio matara-o por necessidade, para sustento da família” (RAMOS, 2012, p. 43). Na verdade, lembrar-se do papagaio é cogitar acerca da condição real da família; recordar do percurso de travessia dos viajantes sertanejos: “Pobre do papagaio. Viajara com ela, na gaiola que balançava em cima do baú de folha. [...] Coitado. Sinha Vitória nem queria lembrar-se daquilo. Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda” (RAMOS, 2012, p. 43). Assim, quando Sinha Vitória hesita, faz um corte na sintaxe, parando para refletir que os filhos estão sujos, tal qual o papagaio; termo que será apresentado no texto, posteriormente, através do narrador.

Considera-se, ainda, com o exemplo em análise, que a conversa gerada entre mãe e filhos é repleta de enunciados construídos na instância do momento, mas que sofrem inferências de fatores histórico-ideológicos, como se observa na citação: “agora pensava no bebedouro, onde havia um líquido escuro que bicho enjeitava. Só tinha medo da seca.” (RAMOS, 2012, p. 43). O autor possibilita que o leitor faça considerações sobre a situação do país, a exemplo, a partir da crise econômica e da queda da República do Café com leite, na década de 30, cuja concentração de poderes e atenções voltava-se para as regiões sudeste, excluindo as necessidades de outras localidades, em especial no nordeste que apresenta um quadro geral de explorações, escassez de água, fome, a necessidade de constantes mudanças de território na busca por melhorias, ocasionando a exemplo, êxodos das regiões do nordeste para o sudeste.

No Exemplo 15, a seguir, o excerto selecionado para o *corpus* encontra-se inserido no oitavo capítulo: ‘Festa’, do romance em análise. Nessa parte, o escritor refere-se aos festejos comemorados no centro da cidade e aos preparativos da família de Fabiano para comparecer ao evento, ou seja, diz respeito à caracterização do vestuário, perpassando pela trajetória de casa até o destino programado.

Exemplo 15

Lançava o desafio numa fala atrapalhada, com o vago receio de ser ouvido. Ninguém apareceu. E Fabiano roncou alto, gritou que eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor. Depois de muitos berros, supôs que havia ali perto homens escondidos, como medo dele.

- Cambada de ... (RAMOS, 2012, p. 79)

No capítulo em que o Exemplo 15 se encontra, a partir da narrativa, observam-se as adaptações que os sujeitos participantes fazem para serem inseridos nos festejos do centro da cidade, práticas sociais por eles não vivenciadas: mostra-se o olhar de medo desses sujeitos sobre o novo, ou seja, a vida urbana, que é diferente do ambiente da zona rural. Na verdade, o autor coloca um momento tenso para as personagens, onde requer reflexões da família, atentando-se para as boas maneiras de comportamento, bem como a forma certa de falar.

O traço da oralidade, utilizado por Graciliano Ramos no exemplo em tela, refere-se a uma hesitação com um item funcional, através da preposição ilustrada na citação: “Cambada de...”, com uma pausa não preenchida. Essa hesitação ocorre na festa da cidade, através do discurso de Fabiano.

O exemplo em análise trata do momento em que, nos festejos da cidade, Fabiano recorda-se do período em que ficou no cárcere, isso porque, ele depara-se com o soldado amarelo, militar responsável pela sua prisão que foi apresentado, pelo autor, no capítulo ‘Cadeia’. Enraivecido e embriagado, Fabiano inicia um diálogo dirigindo-se ao outro sem especificar quem é a pessoa, como se observa nas citações: “Apareça um homem, berrou.”; “Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem.” (RAMOS, 2012, p. 78). Durante essas indagações, o personagem faz uma declaração e hesita, cortando a sintaxe, pois se depara com dificuldades no processamento e verbalização da informação: “Cambada de...” (RAMOS, 2012, p. 79). Nota-se, nesse instante da hesitação, que o vocábulo, procurado por Fabiano, refere-se ao termo ‘cachorro’, ilustrado a seguir:

Parou agoniado, suando frio, a boca cheia de água, sem atinar com a palavra. Cambada de quê? Tinha o nome debaixo da língua. [...] A interrogação que lhe aperreava o espírito confuso juntou-se à ideia de que aquelas pessoas não tinham o direito de sentar-se na calçada. Queria que o deixassem com a mulher, os filhos e a cachorrinha. Cambada de quê? Soltou um grito áspero, bateu palmas:

- Cambada de cachorros (RAMOS, 2012, p.79).

Na citação acima, observa-se que o léxico, procurado pelo personagem principal, surge a partir das reflexões, associado a dois sentidos: animal – instante em que o personagem lembra-se do animal de estimação, a cadela baleia, utilizando o termo ‘cachorrinha’; condição da sua própria existência como bicho, quando se tem a utilização da seguinte expressão: ‘pessoas não tinham o direito de sentar-se na calçada’.

Os excertos analisados acima, apresentando como traço da oralidade a hesitação, possibilitam inferir que essa marca é um dos fenômenos intrínsecos à oralidade, mas que com os avanços dos estudos da Linguística Textual do século XXI, constatam-se evidências em gêneros menos formais (tirinhas, crônicas) ou mais formais (romance) na modalidade escrita da língua. Nas palavras de Silva e Koch (1996), entende-se que:

De modo geral, contudo, as hesitações – que se manifestam por meio de pausas, preenchidas ou não, alongamentos de vogais, consoantes ou sílabas iniciais ou finais, repetição de palavras de pequeno porte, truncamentos oracionais, etc. -, têm a função cognitiva de ganhar maior tempo para o planejamento/verbalização do texto, podendo-se afirmar que são ‘menos’ controladas, porque condicionadas por pressões situacionais das mais diversas ordens a que estão sujeitos os interlocutores. (SILVA; KOCH, 1996, p. 335)

Nesse sentido, verifica-se que a presença de marcas da oralidade na escrita, como as hesitações nos excertos extraídos de ‘Vidas Secas’, permite compreender a relevância do tratamento dos gêneros no contexto escolar, a partir da perspectiva do contínuo na relação fala - escrita, considerando que “[...] as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um contínuo da produção textual, e não na relação dicotômica de dois pólos opostos” (MARCUSCHI, 2007, p. 61).

É fato que alguns traços da oralidade, usados na fala cotidiana, estão presentes na escrita, como se observa nos exemplos supracitados, extraídos da obra em análise, do autor Graciliano Ramos. Nesse sentido, Negreiros (2011), a seguir, ilustra que, na sala de aula, o tratamento da oralidade na escrita pode ser uma estratégia metodológica da prática pedagógica do(a) educador (a).

Ao demonstrar essas marcas orais, fazendo com que percebam a riqueza desses usos, os objetivos e os sentidos de tais recursos linguísticos, o professor adotará uma estratégia eficaz contra o desinteresse que, infelizmente, impera muitas vezes nas aulas de Língua Portuguesa e de Literatura, nos níveis fundamental e médio. (NEGREIROS, 2011, p. 67).

Consoante o referido autor, nota-se a relevância do tratamento dos estudos orais no contexto escolar. Ressalta-se que o tratamento de traços da oralidade na sala de aula não deve apenas ser direcionado para sanar um dos problemas da educação que é o desinteresse, em especial, nos estudos da língua materna. Mas, também, contemplar os estudos linguísticos que tratam da relação fala e escrita dentro da perspectiva de um contínuo de gêneros, destacando o texto oral e o seu processamento nos diferentes gêneros discursivos.

5.2.2 Repetições

A repetição é uma das estratégias de reformulação do texto oral, e, de acordo com Castilho (2004, p. 74) “existe uma considerável literatura sobre a repetição como processo constitutivo do ‘texto falado’.” No entanto, observa-se a sua presença também nos gêneros escritos, a partir dos avanços dos estudos funcionais, no que concerne aos estudos voltados para a relação entre a fala e escrita. Neste sentido, nota-se que a repetição não é intrínseca apenas ao texto oral.

A estratégia de reformulação tem caráter retrospectivo por ser a duplicação de algo que já veio antes, ou seja, “um fato notável nos textos falados – talvez mais visível que nos textos escritos – é uma sorte de re-construção, de volta atrás, em que tomamos as palavras principais e as jogamos no fluxo do texto.” (CASTILHO, 2004, p. 74-75). Nesse aspecto, considere-se o excerto textual a seguir:

A repetição, seja de natureza fonológica, mórfica, lexical ou sintática, contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual, favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensivas, dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas, conferindo maior inteligibilidade ao texto. (JUBRAN, 2006, p. 34)

As repetições, segundo Jubran (2006), podem ser expressas pelos aspectos linguísticos da língua e contribui para a organização e manutenção da coerência textual. Nesse aspecto, entende-se que esse traço da oralidade, presente também na modalidade escrita da língua, auxilia na construção textual.

O quadro 5, a seguir, apresenta as informações quantitativas das ocorrências de repetições, bem como as informações sobre a frequência da natureza das repetições, a saber: três de natureza lexical e quatro de natureza sintática. Constata-se que de um total de vinte e dois excertos textuais, extraídos de ‘Vidas Secas’, são evidenciados apenas 7 repetições.

Quadro 5. Ocorrência e Frequência das repetições de um total de 22 excertos

Traço da oralidade	Quantidade de excertos
Repetição	7
Categoria	Frequência
Natureza Lexical	3
Natureza sintética	4

A análise da repetição, a partir da seleção dos excertos extraídos de ‘Vidas Secas’, considerando o quadro 5, possibilita perceber que o autor faz mais uso do traço da oralidade a partir da natureza sintática. Observa-se, também, que o autor utiliza com mais frequência da auto-repetição, confirmando um dos posicionamentos de Marcuschi (1996, p. 98) quando diz que: “[...] as repetições não constituem a estratégia mais usada para a promoção do envolvimento interpessoal.”

Verifica-se, na tradição dos estudos linguísticos, que a recorrência da repetição é mais observada no texto falado, isso porque “na escrita, com possibilidade de revisão e editoração, com apagamentos sucessivos, só se obtém a versão final, diminuindo a presença da repetição.” (MARCUSCHI, 1996, p. 95). No entanto, ressalta-se, aqui, que com o avanço dos estudos funcionais discursivos, no que tange à relação fala - escrita como modalidades da língua, observa-se que há evidências desse traço da oralidade em gêneros menos formais e gêneros mais formais, como se depreende nos exemplos de (16) a (22), vistos a seguir:

Exemplo 16

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.

- **Inferno, inferno.**

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com sinha Vitória. Se ela houvesse dito que tinha ido ao **inferno**, bem. (RAMOS, 2012, p. 59).

A auto-repetição da expressão ‘inferno’, usada pelo filho mais velho do personagem Fabiano, localiza-se no sexto capítulo - ‘O menino mais velho’-, e tem como função intensificar um dado novo apreendido no contexto concreto das atividades discursivas. O capítulo, onde se insere esse exemplo, inicia-se com uma curiosidade do menino mais velho: saber o significado da palavra ‘inferno’ que ouviu numa das conversas da sinha Terta –

mulher que fez um trabalho de cura no corpo de Fabiano. O termo novo, apreendido pela criança, passa a ser prioridade, pois o considera bonito, contradizendo o significado - lugar ruim. A descoberta dessa nova palavra faz com que o filho de Fabiano busque informações constantes com os pais sobre o seu significado.

A marca da oralidade, evidenciada no excerto em análise, a partir da auto-repetição, ou seja, repetição feita pela própria criança a partir do uso do termo ‘inferno’ é utilizada pelo escritor para enfatizar um momento de aprendizagem. A criança diante do processo de aquisição da linguagem conhece esse termo, repetindo-a intensamente, observando que não há materialização: “Ele tinha querido que a palavra virasse coisa [...]” (RAMOS, 2012, 57). Nota-se, nesse caso, que a palavra em si é esvaziada de sentido, no entanto, quando se observa no uso adquire outros significados, isso porque “[...] as palavras, segundo Wittgenstein, só adquirem significado no fluxo da vida; o signo, considerado separadamente de suas aplicações, parece morto, sendo no uso que ele ganha sopro vital.” (COSTA, 2003, p. 38). Exemplifica-se essa citação através do discurso da criança, quando percebe que o significado é diferente do que se esperava: “Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim” (RAMOS, 2012, p. 59).

Nota-se que a inclusão do termo ‘inferno’, no excerto em análise, possibilita ao leitor fazer inferências sobre aspectos históricos, sociais e ideológicos de um determinado lugar e época, a partir do conhecimento de mundo e conhecimento partilhado, como crenças religiosas acerca do céu e inferno, uma temática muito presente no sertão. A expressão do termo ‘inferno’ pode ser interpretada, no texto em análise, em dois momentos: “Deu-se aquilo porque Sinha Vitória não conversou um instante com o menino mais velho. Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. [...]. Sinha Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, [...]”. (RAMOS, 2012, 55); “Sinha Vitória falou em espetos quentes e fogueiras” (RAMOS, 2012, 56). Nesse sentido, Fiorin (2008) diz, a seguir, que os objetos, ou seja, as palavras são perpassadas por ideias, pois não há palavra neutra:

Um objeto qualquer do mundo interno ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós descreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, está rodeada de outras palavras. (FIORIN, 2008, p. 19)

As palavras, de acordo com Fiorin (2008), pautado nas concepções bakhtinianas, são perpassadas por ideologias. Nesse sentido, o uso do termo ‘inferno’, no discurso das personagens de ‘Vidas Secas’, Sinha Terta e Sinha Vitória, não é neutro, pois está envolto por outros discursos, a exemplo crenças religiosas, dentre outras. Isso porque a palavra em si é neutra, mas ganha vida, quando é inserida nas práticas discursivas, cujos enunciados são ideológicos. Ele sempre será perpassado por outros discursos, haja vista o sujeito ser constituído na relação com os outros, assim a sua linguagem será sempre dialógica.

Note-se o exemplo a seguir:

Exemplo 17

- **Pestes.**

Voavam sempre, não se podia saber donde vinha tanto urubu.

- **Pestes.**

Olhou as sobras movediças que enchiam a campina. Talvez estivessem fazendo círculos em redor do pobre cavalo esmorecido num canto de cerca. Os olhos de Fabiano se umedeceram. Coitado do cavalo. Estava magro, pelado, faminto, e arredondava uns olhos que pareciam de gente.

- **Pestes.** (RAMOS, 2012, p. 126)

No Exemplo 17, excerto textual extraído do romance de ‘Vidas Secas’, localizado na última parte do percurso da história de Fabiano, ou seja, no décimo terceiro capítulo do romance, nomeado ‘Fuga’, verifica-se que o autor faz uso da auto-repetição a partir de um substantivo de dois gêneros: ‘peste’.

O léxico, analisado no exemplo em tela, pode ser interpretado a partir dos seguintes sentidos: referir-se a uma doença contagiosa, ou seja, uma epidemia, como também nomear uma pessoa ou animal que cria confusões ou indicar um xingamento. Nesse caso, nota-se que os referentes de ‘peste’ mudam quase sempre a cada vez que a aparece no texto, porquanto o léxico ganha um novo sentido, carregado de valores, construído discursivamente, isto é, “há uma grande diferença entre repetir elementos linguísticos e repetir o mesmo conteúdo.” (MARCUSCHI, 1996, p. 96).

Por outras palavras, exemplificando a citação, têm-se os seguintes sentidos para a repetição do léxico ‘peste’, extraído do excerto em análise: primeiro, o leitor pode inferir o conhecimento referente a um surto de epidemia que assola um lugar, mas que pode ser compreendido, nesse caso, como um surto de animais famintos em redor de sua presa: “Impossível de dar cabo daquela praga” (RAMOS, 2012, p. 114); segundo, pode-se inferir para o momento de desordem, bagunça que os urubus fazem sobre a vítima; terceiro,

predomina uma raiva, ódio da ação desenvolvida pelos urubus, levando o personagem a xingá-los pelo seu comportamento. Diante disso, entende-se que a repetição do termo ‘peste’ envolve sentidos e, “portanto, repetir as mesmas palavras num evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa”, consoante Marcuschi (1996, p. 96).

Além disso, o vocábulo ‘peste’ possibilita bastante inferencialidade, uma vez que, através dele, o leitor pode lembrar sobre a doença que devastou a população da Europa no período da Idade Média. Uma epidemia caracterizada pelo aparecimento de manchas negras na pele: cor que pode ser associada ao urubu. O leitor, também, pode inferenciar acerca do comportamento desse animal, através de sua insistência, persistência e confusão, diante da sua vítima, como se observa na citação: “Se elas tivessem paciência, comeriam tranquilamente a carniça. Não tinham paciência, aquelas pestes vorazes que voavam lá em cima, fazendo curvas” (RAMOS, 2012, p. 126).

A partir da análise do excerto textual acima, constata-se que não basta apenas saber o significado que o vocábulo ‘peste’ possui para compreender o enunciado no discurso do personagem Fabiano. Por outras palavras, Fiorin (2006, p. 23) vai dizer que: “as unidades da língua são neutras, enquanto os enunciados carregam emoções, juízos de valor, paixões”. Por isso, compreende-se que “os enunciados têm sentido, que é sempre de ordem dialógica” (FIORIN, 2006, p. 23). Assim, é preciso entender quais são as relações que o léxico ‘peste’ mantém com o discurso vivenciado na época da década de 30 do século XX. Período da era de Vargas em que há manifestações, lutas de classes, confusões, brigas, e que as pessoas marginalizadas, localizadas no nordeste brasileiro, podem ser vistas como pestes.

Há, também, no exemplo 17, a função da repetição do léxico ‘peste’, no discurso do personagem Fabiano que, nesse caso, é de intensificar, repetidas vezes, o seu descontentamento com a realidade do cavalo, um animal indefeso, deixado para traz na fazenda numa situação de miséria e seca: “Olhou as sombras movediças que enchem a campina. Talvez estivessem fazendo círculos em redor do pobre cavalo esmorecido num canto da cerca. Coitado do cavalo. Estava magro, pelado, faminto, e arredondava uns olhos que pareciam gente.” (RAMOS, 2012, p. 126).

Registra-se, ainda, no exemplo em análise, que o léxico ‘peste’, utilizado pelo personagem principal, refere-se a um animal, ou seja, aos urubus. O termo é usado com um sentimento de raiva pela forma como os urubus atacam suas presas, em especial, o cavalo, considerado como um animal querido e útil no período em que Fabiano residiu na fazenda, ilustrado na citação: “O que indignava Fabiano era o costume que os miseráveis tinham de atirar bicadas aos olhos de criaturas que já não podiam defender.” (RAMOS, 2012, p. 126).

Sendo assim, a cada repetição do léxico, o discurso indireto do personagem é reiterado sobre a presença dos urubus que espreitam, voando sobre o cavalo, observando-o em sua agonia que antecede a sua morte.

No exemplo, a seguir, o traço do texto oral utiliza-se da natureza lexical da língua através do adjetivo ‘amarelo’. O autor faz uso de uma auto-repetição com possibilidades de construção de sentidos, pois, “nota-se que, mesmo no caso da repetição de termos, não existe jamais uma identidade total entre os elementos recorrentes, ou seja, a sua reiteração traz consigo o acréscimo de novas instruções de sentido.” (KOCH, 2006, p. 153). Nesse caso, para caracterizar a cor de uma das personagens do romance de ‘Vidas Secas’.

Exemplo 18

Ora, o soldado **amarelo**... Sim, havia um **amarelo**, criatura desgraçada que ele, Fabiano, desmancharia com um tabefe. Não tinha desmanchado por causa dos homens que mandavam. [...]. (RAMOS, 2012, p. 32)

O excerto textual está localizado no capítulo ‘Cadeia’, do romance de Graciliano Ramos. Nesse momento, Fabiano, o personagem principal, encontra-se no cárcere, tecendo algumas questões sobre a sua condição de preso, após ser vítima de um ataque, como ilustra a citação: “De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir” (RAMOS, 2012, p. 31). Após essa vivência, Fabiano identifica um dos soldados, caracterizando-o como registra a expressão: “soldado amarelo” (RAMOS, 2012, p. 23). E, em seguida, o personagem principal intensifica no seu discurso a característica do soldado a partir da auto-repetição, um tipo de repetição muito utilizada por Graciliano Ramos, observada nos excertos em análise. Segundo os estudos de Marcuschi (1996, p. 101), a ocorrência desse tipo de repetições é muito mais frequente que as heterorrepetições, “isto se deve em parte ao fato de haver baixa espontaneidade nos materiais analisados já que se constituem de falas com temas sugeridos”. No caso, do excerto em análise, observa-se baixa promoção do envolvimento interpessoal.

Ressalta-se, com o exemplo em análise, que o escritor utiliza a auto-repetição, uma das marcas recorrente na língua falada, mas presente na escrita, para enfatizar na caracterização do soldado. Na cena descrita pelo autor, observa-se que o personagem acaba de ser vítima do sistema prisional, com a presença de abuso de poder e agressão física. Nesse sentido, o exemplo traz que Fabiano inicia o enunciado, porém hesita com uma pausa representada pelo sinal de reticências e, em seguida, repete a palavra ‘amarelo’ para enfatizar que existia, em

especial, um soldado com uma tonalidade de pele na cor amarela, dentre os demais militares existentes no ambiente da prisão. Essa ênfase, para um específico militar, auxiliará o leitor na identificação desse personagem que será lembrado posteriormente no desenvolvimento da obra.

Nota-se que o adjetivo utilizado na auto-repetição demarca uma característica de uma pessoa específica que incorpora uma determinada função ou cargo representante do governo brasileiro, associado a uma época e história. Nesse aspecto, o leitor recorre às estratégias de inferência voltadas para o conhecimento de mundo, conhecimento cognitivo, pois, consoante Marcuschi (2008, p. 67), nota-se que:

[...] Não somos mais sujeitos cartesianos monolíticos, integrais e indivisíveis, que persistem à margem do corpo e deles desgarram como uma alma que volta para a divindade. Não se nega a individualidade nem a responsabilidade pessoal, mas se afirma que as formas enunciativas e as possibilidades enunciativas não emanam de um indivíduo isolado e sim de um indivíduo numa sociedade e no contexto de uma instituição. (MARCUSCHI, 2008, p. 67)

No próximo exemplo, a seguir, tem-se a ocorrência de duas auto-repetições, realizadas através da natureza da sintaxe, que, de acordo com Marcuschi (1996) utilizam, muitas das vezes, verbos e nomes. “Isso permite supor que a repetição tem a ver com os aspectos centrais da condução tópica (e a manutenção da coesividade pela via do léxico), que se dá em geral a partir dos núcleos oracionais constituídos por nomes e verbos.” (MARCUSCHI, 1996, p. 104).

Exemplo 19

Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se. **Não queria morrer.** Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava **brigir com ela**, sentir-se com força para **brigir com ela** e vencê-la. **Não queria morrer.** Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem. (RAMOS, 2012, p. 24).

O Exemplo 19, excerto textual presente no segundo capítulo do romance ‘Vidas Secas’, traz uma das marcas da oralidade a partir do discurso indireto de Fabiano. A repetição, feita pelo personagem através das retomadas de estruturas sintáticas, pode ser compreendida como uma possibilidade de coesão no seu processo de construção textual, por isso, “[...] a repetição deve ser vista como mecanismo essencial no estabelecimento da coesão textual”, segundo Koch (2000, p. 96).

Além disso, verifica-se que ambas as estruturas sintáticas, no exemplo em tela, estão direcionadas para o termo desgraça, como se observa na ilustração: “A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto.” (RAMOS, 2012, p. 24), cujo efeito de sentido negativo, ou seja ‘de sorte ruim’, com a presença constante da seca, da fome, da miséria, das mortes, das injustiças sociais, das explorações de alguns patrões, a perda da existência da vida, a doença etc., aflige o personagem, pois quer lutar contra ela para não perder a vida. Fabiano, personagem principal de ‘Vidas Secas’, por meio do seu discurso indireto, reflete acerca da vida difícil de quem reside no sertão: “Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.” (RAMOS, 2012, p. 24)

Inferem-se, pautadas ainda no Exemplo 19, as noções sobre a situação degradante e desumana, vivenciada na região do nordeste brasileiro, na década de 30 do século XX. Isso permite refletir a existência de vozes sociais e individuais, segundo a teoria bakhtiniana, observadas nos excertos em análise de ‘Vidas Secas’. Considere-se, a seguir, a afirmação de Fiorin (2008):

A teoria bakhtiniana leva em conta não somente as vozes sociais, mas também as individuais. Segundo ela, uma vez que um locutor não é Adão – que, segundo o mito bíblico, produziu o primeiro enunciado –, um discurso pode ser tanto o lugar de encontro de pontos de vista de locutores imediatos (por exemplo, num bate-papo, numa admoestação a um filho), como de visões de mundo, de orientações teóricas, de tendências filosóficas, etc. (FIORIN, 2008, p. 27)

Nas acepções de Fiorin (2008), observa-se que os conceitos de social e individual, trabalhados por Bakhtin, são complexos, pois, segundo o filósofo, a maioria das opiniões das pessoas é social, e, por sua vez, os enunciados são sociais. Assim, acredita-se que o leitor ao ler sobre a seca do sertão, a desgraça, as opressões, os sofrimentos, dentre outros, que descrevem a região nordeste da Brasil, ativará os conhecimentos a partir das vozes sociais que emergem dos enunciados presentes nos excertos extraídos de ‘Vidas Secas’, como também, dos conhecimentos partilhados, conhecimentos ideológicos etc.

Veja-se o exemplo a seguir:

Exemplo 20

<p>Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acalmou-se [...] (RAMOS, 2012, p. 33).</p>

No Exemplo 20, tem-se, novamente, uma marca da oralidade, realizada através da repetição a partir das estruturas sintáticas interrogativas. Consoante Marcuschi, (1996, p. 114) “se do ponto de vista da organização textual, a *R* tem como função colaborar com a coesividade, do ponto de vista discursivo, ela serve para introduzir, reintroduzir, manter ou delimitar tópicos”. Nesse sentido, o escritor faz uso desse traço, característico do texto oral, no terceiro capítulo do romance, para manter o tópico.

A auto-repetição de Fabiano, ainda no exemplo 20, tem por finalidade intensificar as suas reflexões acerca das injustiças cometidas pelo destacamento militar. O autor apresenta, nesse excerto, um personagem questionador a respeito da sua prisão e da finalidade da existência dos soldados, haja vista que as ações dos militares não condizem com a ideia construída do que venha a ser um soldado, como se observa na citação:

E, por mais que forjasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza. (RAMOS, 2012, p. 33)

Os questionamentos do personagem Fabiano são construídos a partir do seu conhecimento de mundo, ativados pela memória sobre a noção do papel do militar do governo. Conhecimentos que são ativados também pelo leitor, a exemplo, o militarismo no século XX, da década de 30, em especial da região nordeste do Brasil. Outros saberes podem ser suscitados, a saber: a exploração social e política; abuso de poder dos militares (realidade retratada no período da ditadura de Vargas).

Ressalta-se, também, a partir do exemplo analisado, que as reações de Fabiano, utilizando o corpo, um dos elementos da língua falada, segundo Heine (2016), como expressão de raiva e ódio, fazem parte da construção textual do discurso indireto, pois, o texto compreendido como evento dialógico linguístico-semiótico abarca a camada linguística e a camada histórico-ideológica. Nota-se, a partir desse exemplo, que o escritor retrata a sintaxe e a prosódia do sertanejo, cuja fala é rústica, através de monólogos, pensamentos, visto na citação: “Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares” (RAMOS, 2012, p. 35). Isso pode ser um estereótipo de sujeitos que falam pouco e, quase não se fala uns com os outros, ou seja, a fala é seca, porém o corpo fala, grita, bate e sofre a dor, como é retratada nas ilustrações: “Bateu na cabeça, apertou-a.” (RAMOS, 2012, p. 36); “Como gesticulava com furor, gastando muita energia, pôs-se a resfolegar e sentiu sede.” (RAMOS, 2012, p. 113)

Veja-se o exemplo a seguir:

Exemplo 21

- Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. **Mata o soldado amarelo.** Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. **Mata o soldado amarelo** e os que mandam nele. (RAMOS, 2012, p. 112).

O Exemplo 21 está localizado no décimo segundo capítulo - ‘o mundo coberto de penas’. As repetições, que segundo Koch (2000), permitem a assimilação do que é novo ao que já é conhecido, identificadas no exemplo analisado, são feitas por Fabiano, materializadas também a partir de estruturas sintáticas, semelhantes ao exemplo anterior. Nota-se que a cada repetição do personagem, o sentido é diferenciado, pois é carregado de valores e ideologias. Desse modo, para Marcuschi (1996, p. 96), “referir, portanto, não é um ato linear que acompanha a repetição enquanto tal. Manter o tópico nem sempre equivale a manter os referentes indicados pelos mesmos itens lexicais”.

As repetições usadas por Fabiano acontecem no momento em que o personagem principal está atirando nas aves de pena que devoram o corpo da cadela Baleia. Nesse instante, ele faz associação entre matar os urubus e a possibilidade imaginária de matar as injustiças da vida, representadas pela figura dos soldados amarelos. Para o personagem, os urubus são pestes que devoram as criaturas indefesas, assim como as ações dos soldados amarelos diante da sociedade, justificando, portanto, a sua morte.

Identifica-se que o capítulo, onde se encontra o excerto tratado, é iniciado com a reflexão acerca da chegada dos animais de penas ao sertão, cuja teoria, defendida por Sinha Vitória, está relacionada com as mortes dos animais. Nessa parte, o escritor aborda a temática da sobrevivência dos animais e a relação com os elementos da natureza: sol e água. Segundo a esposa de Fabiano, além do sol secar as águas dos poços, as pestes matam os bois e as cabras, isso porque as aves chegam ao local e bebem as águas que sobram, deixando os outros animais com sede que, por sua vez, ao morrerem, são posteriormente alimentos para os urubus. Nesse sentido, percebe-se que a reflexão de Fabiano sobre a chegada dos urubus, leva-o a fazer inferências acerca de temáticas como escassez de água, fome, miséria, fuga, deserto etc.: “Suspirou. Que havia de fazer? Fugir de novo, aboletar-se noutra lugar, recomeçar a vida” (RAMOS, 2012, p. 111). Esses temas estão, constantemente, presentes na realidade nordestina.

Considere-se o exemplo a seguir:

Exemplo 22

Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acamou-se:
- Bem, bem. **Não há nada não.** (RAMOS, 2012, p. 33)

No Exemplo 22, identifica-se um dos traços mais comuns no texto oral da língua brasileira, mas presente também na modalidade escrita da língua: dupla negativa. De acordo com Koch (2000, p. 105), essa característica do texto oral é “[...] enfática, que aparece em co- variação com a negação simples, feita com partícula negativa anteposta ao verbo (forma padrão) ou posposta ao verbo (variedade nordestina), em respostas negativas”. Nesse sentido, verifica-se que o escritor, no terceiro capítulo, faz uso desse traço da língua falada do nordeste, num enunciado direto de Fabiano, acrescentando duas partículas negativas pospostas ao verbo: ‘nada’, ‘não’. Constatase que esse fenômeno é enunciado pelo personagem principal dirigindo-se em resposta para o outro (presos e soldados presentes na cadeia) após o discurso indireto livre sobre a injustiça de ser preso e, também, com a chegada do carcereiro à grade: ‘não há nada não’. Consoante Koch (2000), acerca da dupla negação, tem-se que:

A dupla negação é um fenômeno geral em português, ou seja, é comum também na escrita, ocorrendo a partícula de negação com outras formas negativas, como nada, ninguém, como acontece também em algumas outras línguas, especialmente românicas. (KOCH, 2000, p. 105)

Koch (2000) retrata um aspecto relevante da sintaxe brasileira que é a repetição a partir da dupla negação. O autor de ‘Vidas Secas, conhecedor da sintaxe e prosódia nordestinas, faz uso desse traço da oralidade na escrita do romance. Outra evidência dessa marca da sintaxe nordestina é materializada por Graciliano Ramos no penúltimo capítulo, quando o personagem Fabiano enuncia: ‘Não era homem, não era nada’ (RAMOS, 2012, p. 112). Como se vê, o traço do texto oral é marcado pela presença da repetição com o uso dos léxicos: não (duas vezes), nada (uma vez após o verbo).

Registra-se, ainda em 22, a noção de poder e silêncio que podem ser inferidos pelo leitor através dos conhecimentos de mundo e conhecimentos ideológicos, a partir da expressão de Fabiano: “não é nada não” (RAMOS, 2012, p. 33), logo após a chegada do militar. Nesse sentido, considere-se a assertiva de Silva (1998), a seguir:

Com efeito, a relação entre linguagem e classe social, localizada na esfera das relações de poder presentes na sociedade, é uma das temáticas mais interessantes de *Vidas Secas*. E pode-se depreendê-la por meio de um raciocínio em cadeia aparentemente simples: por serem dotados de uma linguagem carente e falha, a Fabiano e sua família só resta um lugar insignificante na complexa rede de relações interpessoais de que é formada a sociedade; e, por pertencerem, em consequência, a uma classe social hierarquicamente inferior, encontram-se inapelavelmente destituídos de qualquer poder. (SILVA, 1998, p. 122)

Como se vê apenas a presença do carcereiro próximo à grade faz com que Fabiano seja intimidado, pois, o militar representa o poder, o governo, a quem deve respeito e cumprimento das ordens, visto na citação: “Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acamou-se” (RAMOS, 2012, p. 33). No caso de Fabiano, sujeito indefeso, fraco, sem instrução, apenas lhe cabe obedecer as ordens.

As análises das sete repetições, identificadas num total de vinte e dois excertos textuais, extraídos do romance de ‘*Vidas Secas*’, evidenciam que o escritor, ao fazer uso da sintaxe utilizada no nordeste brasileiro, da década de 30 do século XX, possibilita considerar o romance como um gênero híbrido, contemplando as diferenças entre fala e escrita, a partir do *continuum* de gêneros.

Ressalta-se, também, a dimensão dialógica que “[...] todos os enunciados no processo de comunicação [...]”, contidos na obra de Graciliano Ramos possuem, porquanto “[...] neles existem uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro.” (BAKHTIN, 2003, p. 19).

5.2.3 Correções

As correções são mecanismos de reativação, utilizadas para voltar atrás, corrigindo o que foi dito na busca por uma melhor formulação textual, ou seja, “[...] é um processo de reformulação retrospectiva” (FÁVER; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 258).

O quadro 6, a seguir, traz os dados quantitativos sobre as evidências de correções nos excertos textuais, retirados de ‘*Vidas Secas*’.

Quadro 6. Ocorrência de correções de um total de 22 excertos

Traço da oralidade	Quantidade de excertos	Correções
Correções	4	4

A análise das correções, extraídas dos excertos de ‘Vidas Secas’, considerando o quadro 6, demonstra a existência de quatro ocorrências desse traço do texto oral, em relação ao total de vinte e dois excertos textuais que constitui o *corpus* desta pesquisa. Nota-se, também, a partir dessa análise, que o autor faz uso de autocorreções, isto é, correções feitas pelo próprio falante, sendo que, em sua maioria, foram realizadas com discurso indireto.

Os excertos textuais selecionados para a análise que apresentam a correção, uma das marcas da oralidade, são vistos nos enunciados expressos pelo personagem Fabiano - vaqueiro, bruto, que faz reflexões sobre si, embora não saiba como se expressar, como se vê na ilustração: “Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele?” (RAMOS, 2012, p. 35). Isso pode significar um dos traços característicos, explorado por Graciliano Ramos, a partir das suas inferências, advindas do seu conhecimento de mundo, referente ao contexto histórico e ideológico da sua época e da região nordestina. Nesse sentido, confira, a seguir, os exemplos de (23) a (26):

Exemplo 23

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. **Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu.** O poente cobria-se de cirros – e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano. (RAMOS, 2012, p. 14)

O Exemplo 23 foi extraído do primeiro capítulo do romance de ‘Vidas Secas’ - Mudança, referindo-se a uma cena, cujo personagem principal é Fabiano. A correção feita por ele ocorre na seguinte expressão: “Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu.” (RAMOS, 2012, p. 14).

Consoante Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 262), essa correção é conhecida como retificação, ou seja, “[...] do latim *rectificare* = que segue sempre a mesma direção [...]”, pois, o personagem corrige parcialmente o enunciado, alargando-o: ‘muitas estrelas’ e ‘mais de cinco estrelas’. De acordo com as referidas autoras, nota-se que essa autocorreção pode ser

entendida como auto-iniciada, isto é, “[...] processada pelo próprio falante e pode ocorrer no mesmo turno ou turno diferente.” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 264). No caso do exemplo em estudo, ocorreu no mesmo turno.

A correção, no exemplo em tela, realiza-se através do discurso indireto de Fabiano e não deve ser visto como erro, mas como parte da construção do texto, como assevera Barros (2001), a seguir:

A correção é, assim, um procedimento de reelaboração do discurso que visa a consertar seus ‘erros’. O erro deve ser entendido como uma escolha do falante – lexical, sintática, prosódica, de organização textual ou conversacional – já posta no discurso e que, por razões diversas, ele e/ou seu interlocutor consideram inadequada. (BARROS, 2001, p. 136)

A correção de Fabiano, no excerto em análise, é uma tentativa de reelaboração do seu discurso, como aponta Barros (2001). Na verdade, Fabiano tenta reformular o enunciado sem anular a ideia que está posta, a noção da grandeza do céu com as estrelas.

O exemplo 23 faz parte da cena, onde o personagem se encontra em viagem pela caatinga do nordeste brasileiro a procura de um novo local de moradia para a família. Em um dado momento, as personagens param a viagem e Fabiano procura água para saciar a sede da Família, conforme a citação a seguir: “Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito.” (RAMOS, 2012, p. 14). Após beber a água, o personagem principal descansa e passa a observar o céu, contando as estrelas.

A observação celeste possibilita para Fabiano uma momentânea alegria, sensação de liberdade e prazer de ter saciado a necessidade primária do ser humano: beber água. A referida sensação de felicidade é depreendida a partir do seguinte excerto textual: “O poente cobria de cirros – e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano.” (RAMOS 2012, p. 15).

Nessa parte do livro, o escritor apresenta as reflexões de um homem que está em mudança de território e de perspectiva de vida. Observa-se que a narrativa do autor apresenta tanto a travessia dos viajantes sertanejos que estão em constante mudança, devido às intensas secas, como também os desafios enfrentados numa jornada, vistos a seguir:

O coração de Fabiano bateu junto do coração de sinha Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava. (RAMOS, 2012, p. 14)

A realidade da travessia do sertão, com os perigos, a ausência de alimentos e de água, cansaço e desânimo dos seres, entre outros, são temáticas que podem ser inferidas pelo leitor acerca de uma das regiões do Brasil que, na década de 30 do século XX, ficou em evidência, principalmente, a partir da literatura.

No próximo exemplo de autocorreção, o excerto textual extraído de ‘Vidas Secas’, localiza-se no segundo capítulo: Fabiano. Observa-se que o escritor apresenta a correção, um dos traços da língua falada, mas em evidência na escrita, por meio do discurso indireto do personagem Fabiano.

Exemplo 24

- **Fabiano, você é um homem**, exclamou em voz alta.
 Conteve-se notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. [...]
 Olhou em torno, com receio de que fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:
 - **Você é um bicho, Fabiano.**
 Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. (RAMOS, 2012, p. 18-19)

Como se vê, no Exemplo 24, Graciliano Ramos se utiliza da estratégia de correção a partir do discurso do personagem principal, ou seja, uma autocorreção. O tipo de correção apresentada, nesse exemplo, é infirmação “[...] do latim *infirmare* = anular, revogar, invalidar.” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 264). Isso porque, o personagem anula a expressão “Fabiano, você é um homem”, corrigindo-o para “Você é um bicho, Fabiano”. No que tange à operacionalização, essa é uma autocorreção auto-iniciada, isto é, processada pelo próprio personagem. À semelhança do exemplo 23, tem-se uma correção realizada no mesmo turno discursivo de Fabiano.

Nota-se que Fabiano na construção do texto, expresso no exemplo em tela, busca por uma melhor definição de si. A cena traz algumas das reflexões de Fabiano sobre a sua condição de vida, ilustrada a seguir:

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegar naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera. (RAMOS, 2012, p. 18).

Percebe-se que na avaliação de sua vida, o referido personagem revê a fala, repensa, faz uma autocorreção, modificando a ordem dos termos do enunciado.

As autocorreções, vistas no exemplo em análise, demonstram que, para cada enunciado dito pelo personagem, existem inferências com estratégias efetivadas através de conhecimentos ideológicos, sociais e históricos, a saber: O primeiro enunciado - ‘Fabiano, você é um homem’ -, refere-se à ideia de homem, construído socialmente, pautado nos saberes cristãos, sendo aquele que toma as decisões, age sobre a sua família e cuida dos seus, enquanto a mulher é submissa, cuida da casa e dos filhos; o segundo enunciado - ‘Você é um bicho, Fabiano’. – do olhar do outro sobre si, que vai dizer da condição do homem, submisso, sem ter voz, sem ter casa, que vive alheio às condições que lhe são impostas pelos outros, luta como bicho para ir além das dificuldades.

Nesse sentido, nota-se que o termo ‘bicho’, utilizado no exemplo 24, possibilita inferir sobre a condição do personagem-bicho, retratado pelo autor Graciliano Ramos. O vocábulo usado pode apresentar alguns sentidos, como se vê na citação a seguir:

Ele pode ser positivo e negativo. Ser bicho era também ser forte, resistir às intempéries do meio físico, da seca, às dificuldades de sobrevivência num clima tão seco, mas também ser bicho era negativamente não ser homem, com todos os seus atributos de dignidade. A própria dificuldade de linguagem, o seu inteiro desconhecimento, significava também um desconhecimento dessa sua realidade. O domínio da linguagem era o domínio do mundo, da realidade, a compreensão dos seus mecanismos. Conhecer as palavras possibilitava entender por que a realidade era dessa maneira, por isso afirmaria ser ela perigosa. (MELO, 2005, p. 385)

A reflexão de Melo (2005) permite entender as constantes autocorreções feitas pelo personagem, pois ele as faz considerando tanto a questão positiva quanto a negativa. Ser bicho como aquele que é forte e consegue enfrentar os desafios, mas também ser bicho o coloca na condição de “[...] o humilhado, que vivia a arrastar-se por aí, correndo de canto em canto, fugindo como bicho, a quem só lhe davam ossos [...]” (MELO, 2005, p. 385).

O próximo exemplo, logo abaixo, está localizado no segundo capítulo do romance de Graciliano Ramos, *Fabiano*. Local em que o autor traz em evidência o personagem principal, abordando suas características, questionamentos, incertezas e descobertas de uma nova possibilidade de viver.

Exemplo 25

Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. **Se a seca chegasse**, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. **Chegaria**, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins. [...]. (RAMOS, 2012, p. 23-24)

No Exemplo 25, o escritor faz uso da autocorreção, pois ela é feita pelo próprio personagem no seu discurso indireto livre. Em 25, tem-se uma correção do tipo retificação, pois, segue na mesma direção sem anular nenhuma informação, segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006). A autocorreção feita pelo personagem ocorre parcialmente corrigindo o tempo verbal, alargando-o, ou seja, do futuro do pretérito para o futuro do presente: ‘Se a seca chegasse’; ‘Chegaria’. Consoante Barros (2001), observa-se que

Em suma, a correção deve ser entendida como um procedimento de reelaboração do discurso, com o fim de torná-lo mais ‘correto’ ou ‘adequado’, segundo o ponto de vista de um ou de ambos os participantes do diálogo, para dessa forma, levar o interlocutor a reconhecer a intenção do falante e garantir a intercompreensão na conversação. Em outros termos, tornar o discurso mais ‘correto’ é um meio para assegurar a compreensão no diálogo. (BARROS, 2001, p. 139)

O conceito e finalidade sobre a correção por Barros (2001) pode ser ampliado com as motivações que levaram a existência do traço da oralidade. Isso significa dizer que a partir das inferências dos conhecimentos sociais, culturais e outros, é possível fazer a correção no discurso, como pode ser evidenciado no exemplo em tela, pois o personagem principal do romance ‘Vidas Secas’ faz a autocorreção a partir das inferências que possui acerca da região e dos aspectos climáticos.

Considere-se o exemplo a seguir:

Exemplo 26

- **Um homem**, Fabiano.
Coçou o queixo cabeludo, parou, reacendeu o cigarro. Não, provavelmente **não seria homem**: **seria** aquilo mesmo a vida inteira, **cabra**, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia. (RAMOS, 2012, p. 24)

O Exemplo 26 foi extraído do capítulo ‘Fabiano’ e traz como evidência uma autocorreção do personagem principal acerca de si. Esse tipo de autocorreção, para as autoras Fávero, Andrade e Aquino (2006), é conhecido como infirmação, quando anula, revoga ou

invalida, conforme já se registrou anteriormente. O personagem imediatamente anula ser homem, corrigindo-o para o termo cabra.

A autocorreção de Fabiano acontece com a mudança do enunciado: não ser homem, mas sim ser cabra. A correção do enunciado ocorre pelo fato do personagem refletir, fazendo associações com os animais tratados pelos sertanejos nas fazendas. Infere-se que Fabiano se encontra numa fazenda que não lhe pertence, fazendo serviços em situação desumana, cujo patrão o explora, podendo assim ser igualado a um animal: “[...] patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim” (RAMOS, 2012, p. 23).

Percebe-se que as constantes reflexões sobre o ser homem ou ser animal partem da condição real de vida: sertanejo, vaqueiro, dependente, submisso, humilhado, sem voz: “[...] governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia.” (RAMOS, 2012, p. 24). Constatase, ainda, que a humilhação e degradação social são temáticas vivenciadas pelo personagem Fabiano, juntamente com a sua família, mas que estão diretamente interligadas com a realidade social em que foi produzida a obra de Graciliano Ramos.

As observações, de forma geral, acerca da presença das correções nos excertos extraídos da obra de Graciliano Ramos, evidenciam que o traço da oralidade pode estar presente tanto na escrita quanto na fala. Isso porque, dentre as pesquisas linguísticas, nota-se que os estudos funcionais tratam da concepção de gêneros do discurso, a partir da perspectiva do contínuo entre fala - escrita, diferentemente da abordagem dicotômica da linguagem.

Diante disso, por considerar a língua nas suas práticas sociais, entende-se que as correções podem ser evidenciadas na escrita e na fala (no texto mais formal ou menos formal), pois, ambas são modalidades da língua, detendo, exatamente, o mesmo sistema linguístico. Nesse sentido, registra-se que “Marcuschi (2001) chama atenção para os denominados gêneros híbridos – aqueles em que fala e escrita se imbricam entre si” (HEINE, 2014, p. 164).

Portanto, as análises dos excertos acima, extraídos de ‘Vidas Secas’, evidenciam a presença de correções, em específico, autocorreções, ou seja, aquelas que são feitas pelo próprio personagem Fabiano, conforme já visto anteriormente. Do total de quatro correções, verifica-se que duas são do tipo infirmação e duas do tipo retificação. Assim, compreende-se que a utilização das correções no romance possibilita pensar que elas fazem parte da formulação do texto, presente no texto oral ou escrito, e que não desqualifica o texto.

5.2.4 Marcadores Discursivos

Dos estudos linguísticos, a partir dos meados do século XX, tem-se o conhecimento que “Marcuschi (1989) escreveu o primeiro estudo longo sobre os MCs no Português do Brasil”, segundo Castilho (2004, p. 47). Os linguistas que se dedicavam para esses estudos tinham o olhar voltado para a Análise da Conversação ou estudos da língua falada. Desse modo, ressalta-se que a presente análise adota a denominação de marcadores discursivos (MD), consoante aos autores Risso, Silva e Urbano (2006, p. 404), por entender que os marcadores conversacionais sugerem “[...] de forma inevitável e inadequada, um comprometimento exclusivo com a língua falada e, dentro dessa modalidade, com um gênero específico, que é a conversação.”

Os marcadores discursivos são elementos que atuam como conectivos para acompanhar e monitorar o discurso, contribuindo para a coesão do texto, ou seja, “são, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional” (URBANO, 2001, p. 85). Nesse sentido, veja-se a ilustração a seguir:

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa. (RISSO; SILVA; URBANO, 2006, p. 403)

Os autores citados destacam, nos marcadores discursivos, a variedade de elementos na realização verbal, confirmando as evidências identificadas nos excertos textuais, presentes no *corpus* da pesquisa em tela. Dentre as suas características, é notório, nos estudos linguísticos, saber que possuem várias funções, a depender das práticas discursivas, sejam na língua oral, cuja recorrência é mais acentuada, seja na língua escrita. Para melhor compreensão, considere-se o seguinte texto:

Os marcadores conversacionais aparecem em grande quantidade e cumprem papéis específicos na língua falada. Servem para designar não só elementos verbais, mas também prosódicos e não linguísticos que desempenham uma função interacional qualquer na fala. Podem ser produzidos pelo falante ou por seu interlocutor, atendendo, pois às necessidades do envolvimento direto entre os participantes. São exemplos desses marcadores elementos como:

claro, sabe?, certo, né?, acho, então, aí, uhn, ahn. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2011, p. 19).

Constata-se, na citação, que as autoras destacam uma maior recorrência de marcadores na língua falada. No entanto, nos estudos funcionais, em especial, no que tange ao contínuo da fala - escrita, a partir do século XXI, percebe-se a evidência desse traço da oralidade em textos híbridos da língua escrita. Segundo Negreiros (2011, p. 69), “manipulados ou não, o certo é que os vocábulos populares, característicos da língua oral, podem ser facilmente encontrados na língua dos autores literários do Modernismo e da contemporaneidade.” Nesse sentido, os excertos textuais, extraídos do romance de ‘Vidas Secas’, um clássico da literatura brasileira, apresentam ocorrência de MD que, segundo Preti (2004), têm a função de envolvimento com o leitor, na tentativa de simulação de uma história real.

O quadro 7, a seguir, demonstra a presença de dados quantitativos sobre os marcadores discursivos nos excertos textuais de ‘Vidas Secas’. Nota-se que do total de vinte e dois excertos textuais, selecionados para compor o *corpus* da pesquisa em análise, foram identificados quatro que demonstraram a ocorrência de cinco marcadores discursivos.

Quadro 7. Ocorrência de marcadores discursivos do total de 22 excertos

Traço da oralidade	Quantidade de excertos	Marcadores discursivos
Marcadores discursivos	4	5

A análise dos marcadores discursivos, nos excertos textuais extraídos de ‘Vidas Secas’, a partir do quadro 7, evidencia que Graciliano Ramos faz uso desse traço do texto oral, a partir de marcadores linguísticos e não linguísticos, entendidos conforme ilustra a citação:

Uma rápida verificação no rol dos marcadores revela marcadores de diversos tipos quanto ao aspecto formal ou estrutural. Assim, pode-se separá-los, inicialmente, em marcadores linguísticos e não linguísticos. Os primeiros são de duas naturezas: há os verbais e os prosódicos. Os verbais podem ser lexicalizados, como sabe?, eu acho que ou não lexicalizados, como ahn ahn, eh eh. Os de natureza prosódica são a pausa, a entonação, o alongamento, a mudança de ritmo e de altura por exemplo. Os não linguísticos são o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação. (URBANO, 2001, p. 86)

Urbano (2001) trata dos marcadores através da divisão entre linguísticos e não linguísticos⁷. Compreendendo que os marcadores fazem parte da construção textual, presentes na escrita e na fala, e são carregados de valores, critica-se a divisão proposta pelo referido autor, entendendo que o texto, pautado nas acepções bakhtinianas, pode ser concebido enquanto evento dialógico, “[...] linguístico-semiótico, falado, escrito, abarcando, pois não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios de cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc.) [...]” (HEINE, 2014, 60).

Na verdade, esses traços da oralidade em ‘Vidas Secas’ devem ser vistos na perspectiva do contínuo dos gêneros, ou seja, como um gênero híbrido, onde a fala e escrita se imbricam entre si. Nesse sentido, considerem-se os exemplos de (27) a (30):

Exemplo 27

Fabiano caiu de joelhos, repentinamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando:

- **Hum! Hum!**

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir.

- **Bem! bem!** (RAMOS, 2012, p. 31)

No exemplo 27, excerto textual extraído de ‘Vidas Seca’, identifica-se a presença de dois marcadores discursivos, ambos são lexicalizados, materializados através das seguintes classes gramaticais: interjeição, expressa pela palavra “hum! hum!”, um termo invariável que exprime sentimentos, emoções, sensações; e outro termo, “bem! bem!”, que a depender da sua colocação na instância do discurso pode ser classificado como substantivo (posse, moral, valor), advérbio (modo, intensidade) ou interjeição.

⁷ A divisão proposta por Urbano (2001) sugere, inicialmente, a existência de duas categorias quanto ao aspecto formal ou estrutural, a saber: linguístico e não linguístico. Segundo o referido autor, os linguísticos podem ser verbais (lexicalizados ou não lexicalizados) e prosódicos (pausas, entonações, alongamento, etc.). E os não linguísticos podem ser o riso, os meneios de cabeças, a gesticulação. Nota-se que essa visão é ampliada nos estudos funcionais, a partir da perspectiva do contínuo de gêneros, na relação fala – escrita, bem como nas pesquisas do texto falado que passa a englobar o texto como evento dialógico, cuja perspectiva compreende que o sujeito se constrói na relação com o outro e o seu discurso não neutro, sendo assim, passa-se a contemplar os aspectos verbais e não-verbais sem separá-los, pois o corpo é parte constituinte do texto oral.

Os termos utilizados por Fabiano no exemplo 27, “hum, hum” e “bem, bem”, podem ser classificados como interjeições, cujas ideias, em sua grande maioria, dependem da prosódia, por isso pode ocorrer mais de um significado. Na sua abordagem clássica, os elementos prosódicos e os elementos não lexicalizados, são esvaziados do conteúdo semântico original. No entanto, critica-se esse posicionamento, pois os sentidos são construídos discursivamente, como assevera Heine (2014), a seguir:

Considera a língua nas suas práticas sociais, isto é, a linguagem no efetivo processo de comunicação. Dessa forma, a língua não é vista em si mesma e por ela mesma, voltada apenas para o código linguístico, como pretenderam os estruturalistas, mas sim, dentro de um feixe de dados que constituem o fenômeno comunicativo na sua totalidade (contexto imediato e contexto mediato). (HEINE, 2014, p. 165)

A citação de Heine (2014) discorre sobre a perspectiva de Marcuschi (2001), voltada para o contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita, como também para a abordagem bakhtiniana acerca de ver a língua nas práticas sociais, ou seja, *real unidade* da comunicação discursiva, diferente dos estudos formais. Dessa forma, os marcadores presentes numa prática discursiva de Fabiano, inserido no gênero romance, possuem sentidos que só podem ser construídos na instância comunicativa.

Os marcadores discursivos, evidenciados em 27, são tradicionalmente traços do texto oral, mas ocorrem também na escrita. Eles se localizam no terceiro capítulo de ‘Vidas Secas’, Cadeia. Nesse capítulo, existe um momento de confronto entre Fabiano e o soldado amarelo, conforme já foi visto anteriormente. Na cena, percebe-se que o personagem principal faz uso de dois marcadores, ‘hum! hum!’ e ‘bem! bem!’, após ser levado para a prisão pelo destacamento militar, numa condição degradante e humilhante, expresso pelo seguinte enunciado: “Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.” (RAMOS, 2012, p. 31).

Observa-se, ainda no exemplo em análise, que o uso do primeiro marcador discursivo (hum! hum!) é um rosnado, com a função de tentativa de interação, sendo apresentado com indignação e raiva, pois, Fabiano acaba de ser lançado na prisão: “Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere.” (RAMOS, 2012, p. 31). Nesse caso, nota-se a partir do tom da fala, com a interjeição “hum, hum”, que o personagem se encontra decepcionado. Sugere-se que ele resmungue sobre o momento da sua condição social, como também por não saber falar e defender-se da injustiça contra a sua vida, levando a um sentimento de ódio e raiva: “Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia

saber.” (RAMOS, 2012, p. 31). Sensações que podem ser observadas pelo leitor que acompanha a narração dos fatos.

Registra-se também nesse exemplo da interjeição “hum, hum,” extraída do excerto textual de ‘Vidas Secas’ que o uso de palavras pelo personagem é seco, limitado, e, quando se encontra em situações que extrapolam seus conhecimentos, responde com grunhidos, gestos, isto é, elementos constitutivos da língua falada, conforme a citação: “A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando: [...]” (RAMOS, 2012, p. 31). Movimentos corporais que podem ser entendidos como parte do texto oral.

O segundo marcador discursivo, identificado no Exemplo 27, está no início do enunciado, sendo realizado com o vocábulo “bem, bem”. Ele funciona como uma tentativa de pronunciamento de Fabiano sobre uma ação do destacamento militar. Nota-se que o tom da fala do personagem indica uma raiva contida, um cansaço, um sentido que apenas se constrói no discurso, como se observa a ilustração: “De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir.” (RAMOS, 2012, p. 31). Logo em seguida, o personagem enuncia os marcadores discursivos, “bem, bem”, mostrando no tom da fala um desgaste físico e psicológico, vividos após um trauma, cujo corpo aparenta sinais evidentes: “passou as mãos nas costas e no peito, sentiu-se moído, os olhos azulados brilharam como olhos de gato. Tinham-no realmente surrado e prendido.” (RAMOS, 2012, p. 32).

Considere-se o exemplo a seguir:

Exemplo 28

Suspirava atijando o fogo com o cabo da quenga de coco. Deus não permitiria que sucedesse tal desgraça.

- **An!**

A casa era forte.

- **An!**

Os esteios de aroeira estavam bem fincados no chão duro. Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das paredes de taipa. Deus protegeria a família.

- **An!**

As varas estavam bem amarradas com cipós nos esteios de aroeira. O arcabouço da casa resistiria. Sim, viveriam todos no mato, como preás. Mas voltariam quando as águas baixassem, teriam do barreiro terra para vestir o esqueleto da casa.

- **An!** (RAMOS, 2012, p. 66)

O exemplo 28, extraído do romance de ‘Vidas Secas’, traz o marcador discursivo não lexicalizado, “An!”. Ele é expresso por Fabiano e foi extraído do sétimo capítulo, ‘Inverno’. Percebe-se que a evidência desse traço da oralidade na escrita do romance possibilita que o leitor conheça algumas das características da fala do sertanejo, cuja presença de poucas falas permite a inclusão de itens não lexicalizados que auxiliam também na construção textual. Isso leva ao tratamento da relação fala e escrita dentro de um contínuo e não em pólos opostos, como eram vistos nos estudos formais da linguagem. Nesse sentido, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2011), considera-se que os marcadores discursivos são:

[...] meios de que a língua se serve para facilitar a articulação entre o dito e o contexto. Eles asseguram não só o desenvolvimento continuado do discurso, mas também operam na organização hierárquica do tópico discursivo. Conferem coesão ao texto, mas também deixam evidências de sua segmentação. Observa-se, ainda, que eles suprem, em certa medida, o papel de pontuação que inexiste na fala. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2011, p. 19-20)

Os marcadores discursivos, segundo a citação, servem para facilitar a articulação entre o dito e o contexto, proporcionando coesão na construção textual, confirmando o que se verifica em 28, isto é, a ocorrência de marcadores não lexicalizados, independentes e autônomos, que são intercalados por enunciados, auxiliando na construção do texto de Fabiano através do discurso direto. Por outras palavras, os sentidos da expressão ‘An’ só são construídos, em cada repetição, justamente, pela articulação entre a palavra e o contexto, isso porque as palavras só ganham vida no uso efetivo do discurso, consoante Wittgenstein (apud COSTA, 2003).

A cena, referente ao exemplo em análise, descreve as personagens sentadas diante de um fogo, numa tentativa de se aquecerem, devido às condições climáticas com a presença de fortes chuvas e muito frio, haja vista, a condição miserável em que se encontram. Nesse momento, percebe-se que Fabiano reflete a condição da estrutura física do local e “suspira atijando o fogo com o cabo da quenga de coco.” (RAMOS, 2012, p. 66). Esse movimento feito com o corpo do personagem principal é acompanhado por itens não lexicalizados que, por sua vez, não são esvaziados de sentidos, como já foi dito anteriormente. Como se vê, ao suspirar, o corpo traz consigo valores, histórias, ideologias, pois ele é um elemento constituinte do texto falado, auxiliando no processo textual.

Ressalta-se, ainda no exemplo 28, que o uso repetitivo do marcador discursivo ‘An!’, através de Fabiano, aglutinando variadas funções como concordância, coesão, coerência, é

carregado de informações e polissêmico, sugerindo um tom de cansaço, de desânimo, de frustração, de medo nas três primeiras expressões. Diferentemente, da última vez que repete, pois, sugere-se um tom de confiança de que vai conseguir enfrentar os desafios, visto na citação:

“As varas estavam bem amarradas com cipós nos esteios de aroeira. O arcabouço da casa resistiria. Sim, viveriam todos no mato, como preás. Mas voltariam quando as águas baixassem, teriam do barreiro terra para vestir o esqueleto da casa.”

[...]

Fabiano estava contente e esfrega as mãos. Como o frio era grande, aproximou-as das labaredas. Relatava um fuzuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes. (RAMOS, 2012, p. 66-67)

Os exemplos (29) e (30) trazem, ainda, evidências de marcadores discursivos com vocábulos a partir de itens não lexicalizados. Eles foram extraídos dos excertos textuais do romance de ‘Vidas Secas’. De acordo com Castilho (2004, p. 46-47), “[...] recursos prosódicos tais como pausas, articulação enfática, alongamentos, certos itens lexicais e pré-lexicais, ou mesmo expressões mais complexas recorrem com certa frequência, funcionando como articuladores da conversação.”

Considere-se o exemplo 29:

Exemplo 29

Aproximou-se do canto onde o pote se erguia numa forquilha de três pontas, bebeu um caneco de água. Água saloba.

-Ixe!

Isto lhe sugeriu duas imagens quase simultâneas, que se confundiram e neutralizaram: panelas e bebedouros. (RAMOS, 2012, p. 42).

O exemplo 29, selecionado do romance de Graciliano Ramos, localiza-se no capítulo ‘Sinha Vitória’. O marcador discursivo, evidenciado em 29, faz parte do discurso da esposa de Fabiano. Esse traço, materializado com o item não lexicalizado ‘Ixe’, é classificado como verbal, cuja emissão é completa por si e pode ser considerada como autônoma entonacionalmente, ou seja, total independência sintática, consoante Urbano (2001). Nota-se que a sua utilização se dá, quando sinha Vitória após ingerir o líquido espanta-se, tendo um sobressalto que a faz lembrar objetos significativos na sua história de vida, dados a seguir

na ilustração: “Isto lhe sugeriu duas imagens quase simultâneas, que se confundiram e neutralizaram: painéis e bebedouros.” (RAMOS, 2012, p. 42).

O item não lexicalizado, apresentado no exemplo em análise, apenas ganha sentido, carregado de valores, no instante que é proferido pela personagem, pois a palavra em si é neutra e só adquire vida no fluxo da vida, como assevera Wittgenstein (COSTA, 2003). Por outras palavras, o sentido para ‘Ixe’ só acontece a partir da prática discursiva vivenciada por sinha Vitória, onde o tom da fala sugere um desgosto, uma amargura, como também lembranças ruins.

Ressalta-se, ainda referente ao exemplo 29, que a língua utilizada pelas personagens de ‘Vidas Secas’, traz características de uma região árida e seca, como se observa nas palavras de Silva (1998), a seguir:

A primeira observação que, nesse sentido, pode-se fazer, diz respeito à relação presente em Vidas Secas, entre linguagem e paisagem: tanto a língua de Fabiano, quanto a dos demais membros de sua família espelham-se diretamente no cenário natural do qual fazem parte, sobretudo se pensarmos no que há de animallescamente irracional nesta mesma linguagem. Desse modo, não nos parece exagero afirmar que, antes de se expressarem por meio de uma linguagem reconhecidamente humana, Fabiano e sua família empregam uma linguagem particularmente moldada pela realidade natural, pela natureza mesma. Isso, aliás, está de acordo com a tendência de Graciliano Ramos em procurar adequar o homem ao seu meio, à paisagem circundante, como já notou mais de uma vez a crítica especializada (Cândido, 1956; Cândido, 1964; Lins, 1977). (SILVA, 1998, p. 116)

Por outras palavras, o uso de poucos vocábulos ou itens não lexicalizados pelas personagens do romance são algumas das possibilidades criativas que Graciliano Ramos construiu para tecer associações entre o cenário real e a linguagem humana de uma específica região. “De fato, em Vidas Secas, as falas das personagens são sempre precárias, havendo uma visível economia de diálogos e discursos diretos, o que caracteriza uma evidente intenção por parte do autor de dotá-los da mais manifesta carência lingüística.” (SILVA, 1998, p. 116).

Veja-se o exemplo a seguir:

Exemplo 30

Fabiano estirou o beijo e enrugou mais a testa suada: impossível compreender a intenção da mulher. Não atinava. Um bicho tão pequeno! Achou a coisa obscura e desistiu de aprofundá-la. Entrou em casa, trouxe o aió, preparou um cigarro, bateu com o fuzil na pedra, chupou uma tragada longa. Espiou os quatro cantos, ficou alguns minutos voltados para o norte, coçando o queixo.
- **Chi!** Que fim de mundo!
Não permaneceria ali muito tempo. No silêncio comprido só se ouvia um rumor de asas. (RAMOS, 2012, p. 110)

O exemplo 30, extraído do excerto textual de ‘Vidas Secas’, encontra-se no capítulo ‘O mundo coberto de Penas’. Percebe-se que o autor faz uso do marcador discursivo, no início do enunciado, através do discurso de Fabiano, realizado com o item não lexicalizado ‘chi’. Como se vê, esse marcador discursivo tem como função organizar o texto, sugerindo um tom de surpresa, espanto, diante da imagem do lugar, expressa na citação: “Espiou os quatro cantos, ficou alguns minutos voltados para o norte, coçando o queixo.” (RAMOS, 2012, p. 110).

Verifica-se que os marcadores discursivos como os não lexicalizados, às vezes, vistos por autores como esvaziados de sentido, possuem caráter dialógico, recuperados na instância discursiva, pois toda palavra é dialógica, isto é, constitui-se da interação entre o locutor e o ouvinte, “[...] serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro”, consoante Bakhtin e Volochinov (1997, p. 113). Desse modo, percebe-se que foram identificados alguns excertos que possuem tal traço da oralidade, e, portanto, não são esvaziados de sentido, porquanto, ora são usados com a finalidade de resmungos/murmúrios, com o tom de desgosto, amargura como no exemplo (29), ora são usados com a finalidade de susto/espanto num tom de surpresa como no exemplo (30).

Verifica-se também que os excertos textuais, ora tratados, evidenciam as ocorrências de marcadores discursivos com formações simples, indicando momentos de planejamento textual. Nesse caso, o autor faz uso, em sua grande maioria, de marcadores a partir de itens não lexicalizados, uma característica do sertanejo que pouco se expressa, aproximando o leitor da sintaxe e prosódia do povo nordestino. Isso significa dizer que os exemplos analisados acima, com evidências de marcadores discursivos, não são caóticos, agravando a compreensão do texto. Os enunciados, construídos com a presença desse traço do texto oral, refletem aspectos históricos, sociais e ideológicos sobre a vida dos nordestinos, pois os sentidos são construídos na instância do discurso, assim não devem ser vistos como esvaziados de sentidos.

Ressalta-se, ainda, a existência de outro marcador discursivo presente em alguns dos excertos selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa, neste caso, são os de caráter não linguísticos, ou seja, com signos semióticos, que “constituem-se, de fato, uma característica fundamental na construção do texto falado” (HEINE, 2012, p. 211), podendo ser expressos através de meneios de cabeça, gesticulação, olhar etc. Considere-se a citação seguinte:

Elemento básico nos processos de comunicação, o gesto é uma das primeiras expressões de sentimento que a natureza deu ao homem e a expressividade é a sua função primordial: fala-se melhor aos olhos que aos ouvidos' (Rousseau). Na verdade, um gesto dirige-se sempre a um outro (real ou imaginário), revelando uma situação de interlocução que não é redutível à comunicação, mas o significado de um gesto não depende da intenção e o que se descreve não é tanto o gesto como o contexto. Cada gesto é sempre a cena silenciosa que integra a atividade verbal. (FÁVERO; ANDRADE, 1999, p. 160)

A citação de Fávero e Andrade (1999) traz uma relevante abordagem sobre a presença do gesto na comunicação, pois faz parte da construção textual. Mas deve ser integrado aos outros signos semióticos para compor a noção de texto. Isso porque entende-se o texto como evento linguístico-semiótico, contemplando os gestos, meneios de cabeça, olhar, riso etc. Nesse sentido, nota-se que o escritor Graciliano Ramos apresenta situações descritas com a presença de signos semióticos, com os diferentes personagens.

5.2.5 Palavra Genérica

As palavras genéricas se referem a termos que conseguem abarcar múltiplos significados a depender do contexto de uso, pois, na grande maioria, o sentido é construído no processo de construção do texto.

Desse modo, considere-se o quadro 8, cuja informação traz dados quantitativos da ocorrência de palavra genérica, nos excertos textuais extraídos de 'Vidas Secas'.

Quadro 8. Ocorrência de palavras genéricas do total de 22 excertos

Traço da oralidade	Quantidade de excertos	Palavra genérica
Palavra genérica	1	1

A análise da ocorrência de palavra genérica, nos excertos textuais da obra em tela, permitiu observar que houve apenas uma única evidência de um total de vinte e dois excertos textuais analisados. No entanto, percebe-se que existe uma recorrência do uso do mesmo termo no percurso do enredo do livro.

Logo, fica evidente que dos excertos textuais selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa, identificou-se a presença do Exemplo 31, localizado no segundo capítulo do romance, nomeado de 'Fabiano'.

Exemplo 31

Uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer **coisa**. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. (RAMOS, 2012, p. 20)

Nesse exemplo, como se pode notar, a personagem principal encontra-se caminhando, em busca de condições melhores de vida para a sua família, e, refletindo acerca da dualidade, ser homem ou ser bicho, quando é interrompido pela curiosidade do filho através de indagações. Assim, Fabiano interrompe o seu trajeto, esperando ouvir, novamente, a pergunta, cuja repetição não acontece. Isso o leva a cogitar que a criança havia perguntado qualquer coisa.

O item lexical ‘coisa’, classificado gramaticalmente como substantivo, no exemplo 31, utilizado pelo personagem Fabiano, é polissêmico, ou seja, possui vários significados. Desse modo, entende-se que, para construir os sentidos da palavra genérica ‘coisa’, os sujeitos leitores interligam os elementos constitutivos do excerto textual com os seus conhecimentos de mundo. Dentre as possibilidades de sentidos para esse termo, têm-se os questionamentos: o que o pai fazia; qual o destino da viagem; quando iriam descansar e comer; como ele sabia o percurso da viagem; dentre outros.

O termo ‘coisa’, ainda no exemplo 31, além de ser carregado de múltiplos sentidos é enfatizado pelo personagem com o auxílio do pronome indefinido ‘qualquer’, cuja característica é nomear algo ou alguém que não possui especificação, como ilustra a citação: “[...] perguntou-lhe qualquer coisa.” (RAMOS, 2012, p. 20). Outro aspecto relevante acerca do termo ‘coisa’ é a sua utilização constante no dia a dia dos discursos dos sujeitos, seja na escrita ou na fala.

A palavra ‘coisa’, muitíssimo comum no cotidiano oral brasileiro, também ocorre em nosso *corpus*. Considerado pelos funcionalistas como uma pró-forma lexicalizada (ou seja, uma palavra ‘coringa’, de sentido fortemente impreciso, usada no discurso para substituir outras), o vocábulo ‘coisa’ é usado pelos falantes nos processos de referência textual, mais especificadamente nos processos de substituição de um vocábulo por outro mais geral. (NEGREIROS, 2011, p. 72)

Conforme apresenta Negreiros (2011), o vocábulo ‘coisa’ está presente na língua oral, mas, tem-se a ocorrência nos textos escritos como ele constatou no seu próprio *corpus*. Segundo o referido autor, verifica-se também a presença na pesquisa em análise, confirmando que pode ser utilizada tanto na escrita como na fala. Logo, permite-se enfatizar sobre o tratamento dos excertos textuais de ‘Vidas Secas’ dentro de um contínuo de gêneros.

A título de exemplificação do que foi dito acima, tanto da frequência de termos genéricos nos textos escritos, como também da recorrência do termo ‘coisa’ nos excertos textuais de ‘Vidas Secas’, considere-se a seguinte ilustração:

Pensou na família, sentiu fome. Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás. Agora, deitado, apertava a barriga e batia os dentes. Que fim teria levado a bolandeira de seu Tomás? (RAMOS, 2012, p. 15)

Na citação expressa acima, localizada no primeiro capítulo – ‘Mudanças’, Graciliano Ramos (2012) descreve uma das cenas vivenciadas pelas personagens de ‘Vidas Secas’ que retrata a travessia do sertão. Nesse momento, a personagem principal caminha de volta para os familiares após ter encontrado água para saciar-se. No entanto, a forma como anda no caminho é apresentada pelo autor a partir do termo ‘coisa’, numa tentativa de indeterminar o que ou quem Fabiano se assemelha. Dentre as possibilidades de sentidos, podem-se exemplificar: um animal faminto, sujo, com medo, rastejando-se pelo chão; um objeto desprezado, sendo levado pelo vento, sem rumo ou direção; um bem material que pode ou não existir, sem causar nenhuma diferença às pessoas; um ser humano fracassado, desanimado, desprezado, marginalizado que, ainda, sonha. Sabe-se que para cada uma das escolhas do sujeito leitor haverá outras possibilidades de sentidos, pois necessitará fazer a interligação entre seus conhecimentos de mundo e o texto.

Tem-se, novamente, a utilização do vocábulo ‘coisa’, pelo autor Graciliano Ramos, no capítulo ‘Cadeia’, como se observa, a seguir:

E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza. (RAMOS, 2012, p. 33).

Nessa citação, Graciliano Ramos (2012) possibilita ao sujeito leitor inferenciar a partir do seu conhecimento de mundo, conhecimento ideológico, dentre outros, os sentidos que podem ser dados ao termo ‘coisa’, usado pelo discurso indireto livre de Fabiano acerca da representatividade do vocábulo governo. Segundo o personagem, o governo é uma coisa distante e perfeita. Dentre as possibilidades de significados para a ‘coisa’, têm-se: uma instituição, localizada muita longe; um grupo de pessoas poderosas, cujo acesso é quase impossível; uma autoridade superior a todos e todas. Nesse caso, resume-se que, a palavra

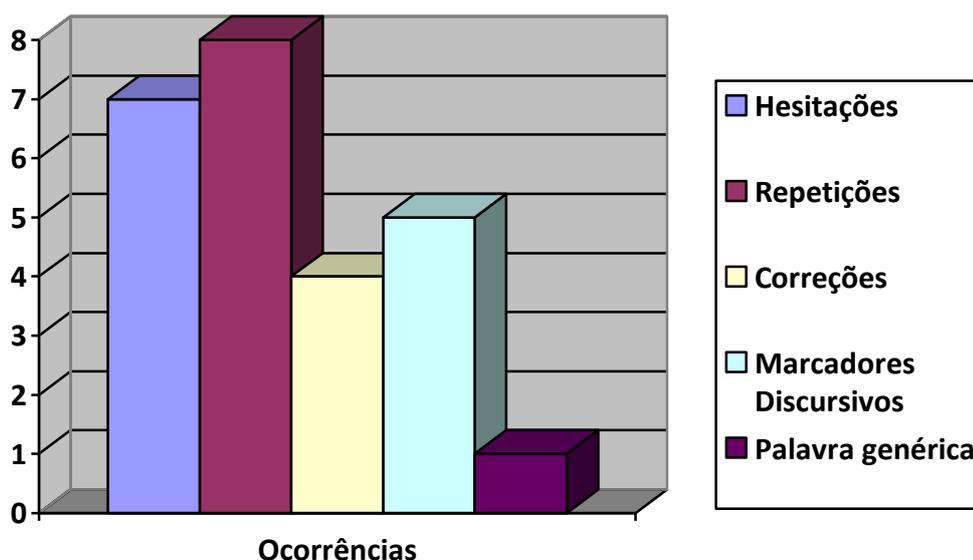
‘coisa’, por não ser neutra e, também, não existir fora de um contexto social (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1997), então, ela é carregada de valores e ideologias.

Portanto, os exemplos, ora analisados, demonstraram tanto a evidência da palavra genérica ‘coisa’, nos excertos textuais extraídos de ‘Vidas Secas’, como também a sua recorrência em vários capítulos dessa obra. Ressalta-se que, a cada exemplo citado, o sentido desse termo era diferenciado, ou seja, “[...] repetir as mesmas palavras num evento comunicativo não equivale dizer a mesma coisa” (MARCUSCHI, 2006, p. 220), pois a sua repetição traz novos significados: o sentido não está *a priori*, mas construído a partir dos conhecimentos inerentes a duas camadas: linguístico-formal e camada histórico-ideológica, consoante Heine (2014).

5.3 CONSIDERAÇÕES DA ANÁLISE

No que tange à presença de marcas de oralidade nos excertos textuais, extraídos de ‘Vidas Secas’, do autor Graciliano Ramos, constatou-se que de um total de vinte e dois excertos, nota-se a presença significativa de traços com mais incidências do que outros, como se observa no gráfico a seguir:

Gráfico 1. Quantidade geral de traços da oralidade no total de 22 excertos



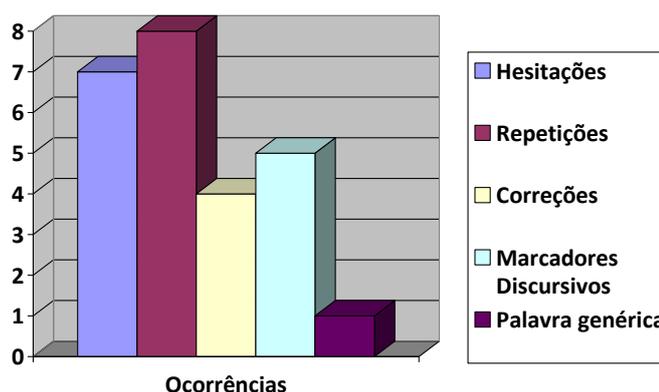
O gráfico 1, das ocorrências de traços da oralidade no *corpus* da presente pesquisa, demonstrou que o autor Graciliano Ramos fez uso das marcas do texto oral num gênero escrito, considerado na tradição, a partir do contínuo tipológico, como uma escrita mais próxima do pólo formal da língua, para aproximar o leitor à realidade do nordeste brasileiro, num tempo específico, com personagens que caracterizam um grupo social marginalizado, trazendo temáticas que refletem aspectos sociais, culturais e ideológicos. Por outras palavras, o autor faz uso de hesitações e repetições quase na mesma proporção, diferentemente do uso de correções e marcadores discursivos. Observa-se também com o gráfico 1 que o autor utiliza uma única vez a presença de palavra genérica.

6 CONCLUSÕES

Em linhas gerais, a proposta desta dissertação considerou como ponto de partida o problema de identificar marcas da oralidade nos excertos textuais de ‘Vidas Secas’, visando ressaltar os traços híbridos da relação entre a fala e a escrita, a partir da perspectiva de Marcuschi (2001). Para tanto, esta pesquisa pautou-se na fase bakhtiniana, consoante à proposta de Heine (2012), como se verifica no capítulo teórico, tendo como enfoque linguístico textual os aspectos de cunho histórico-ideológico.

Com a análise realizada, percebeu-se que, nos excertos textuais selecionados do romance, há evidências de traços como a hesitação, a correção, a repetição, o marcador discursivo e a palavra genérica, observados no gráfico a seguir, que caracterizam a oralidade, confirmando a primeira hipótese levantada para o trabalho.

Gráfico 1. Quantidade geral de traços da oralidade no total de 22 excertos



O quadro 1, referente aos dados extraídos dos excertos textuais de ‘Vidas Secas’, possibilita confirmar que os traços da oralidade podem ser evidenciados nos textos escritos ou orais, considerados por Marcuschi (2001), como gêneros híbridos, onde eles se imbricam entre si, diferentemente da proposta dicotômica da língua, cuja abordagem tratava a fala e escrita em pólos opostos.

Além disso, constatou-se que a ocorrência das marcas da oralidade na pesquisa possibilitou o tratamento da relação entre fala e escrita, na perspectiva do *continuum* dos gêneros discursivos, delineada por Marcuschi (2001). Pesquisa essa, cujas contribuições auxiliaram aos estudos do texto, como também na escrita desta dissertação, tais como:

- refuta a abordagem dicotômica da linguagem, cujas acepções tratam dos gêneros textuais prototípicos de cada modalidade da língua: fala e escrita;

- considera a linguagem no efetivo processo dialógico, permitindo que a língua não seja vista apenas a partir da materialidade linguística, como era concebido nos estudos formais, mas como a *real unidade* da comunicação discursiva, pois o discurso apenas existe na forma de enunciações concretas de específicos falantes, ou seja, sujeitos discursivos, consoante Bakhtin (2003);
- observa a modalidade escrita da língua não como representação da fala; Rejeita a supremacia da modalidade escrita sobre a fala ou vice-versa.

Outro aspecto observado com as análises dos excertos textuais é a aproximação e inclusão linguística da sintaxe e prosódia nordestina, da década de 30 do século XX. Nota-se que o autor, conhecedor dos usos linguísticos, apropria-se de marcas da língua falada de sujeitos específicos de uma região do Brasil. Esses traços, segundo as críticas literárias da época, são incluídos de forma paulatina na literatura brasileira, pois são oriundos de sujeitos marginalizados.

Além disso, verificou-se com as análises que os monólogos – discurso indireto ou discurso indireto livre, e discursos diretos das personagens fazem parte do processo de construção do texto, pois, consoante Bakhtin (2003, p. 19), “[...] todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos. Neles existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro.” Por outras palavras, para o referido autor, o sujeito é constituído de um eu e do outro. Nesse caso, entende-se que os monólogos e pensamentos-discursos terão sempre um destinatário, pois os sujeitos se constituem através das relações.

Os traços da oralidade, nos excertos textuais retirados da obra de Graciliano Ramos, foram analisados a partir de duas camadas: linguístico-formal e contexto histórico-ideológico, consoante Heine (2014), por entender que a análise linguística não deve priorizar apenas os aspectos formais, mas voltar-se também para os fatores semióticos, contexto mediato e imediato. Dessa forma, enfatiza-se a relevância de compreender que os sentidos das marcas da língua falada, nos excertos textuais, não estavam *a priori* ao texto, pois, só eram processados a partir de diferentes estratégias como conhecimentos de mundo, conhecimentos partilhados, intencionais, conhecimentos ideológicos, etc.

No que diz respeito ao gênero do romance de ‘Vidas Secas’, Bakhtin (2003) traz na citação, a seguir, informações acerca dos gêneros discursivos secundários. Nesse sentido, percebe-se que o romance de Graciliano Ramos está incluso nessa categoria, pois, utiliza-se de conversas, monólogos, entre outros. No entanto, também possui características que o

classifica como um gênero híbrido, justamente, por contemplar a fala e a escrita, imbricando entre si.

Assim, verificou-se que, nos excertos textuais da obra em tela, é visível a réplica de diálogos cotidianos com suas marcas características do texto oral, possibilitando classificá-lo como um gênero secundário. A forma e o significado dos diálogos cotidianos, nas réplicas produzidas por Graciliano Ramos, são mantidas e integram a realidade através do conjunto do romance.

Logo, fica evidente que a frequência de traços da oralidade na escrita, a partir dos excertos textuais do gênero romance, permite a construção de propostas viáveis para serem tratadas no contexto escolar, considerando o contínuo entre fala e escrita, confirmando a segunda hipótese levantada pela pesquisa. Porém, constatou-se que o conhecimento sobre a língua falada e língua escrita, nessa perspectiva, ainda é mínimo, como se observa na ilustração:

Para tratar da oralidade em sala de aula, os conhecimentos em torno do conceito de língua falada e de língua escrita não são suficientes; é preciso que o professor disponha de subsídios em relação às especificidades dos textos que circulam na sociedade em domínios discursivos determinados, como o jornalístico, o acadêmico, o religioso, o jurídico etc., para que reconheça como se instaura seu processo de produção e de qual (ou quais) unidade(s) de análise se pode fazer uso para um estudo efetivo. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2011, p. 24-25)

As referidas autoras se atentam para a importância da formação dos discentes com base linguística para o tratamento da oralidade no ensino de Língua Portuguesa, visto que, “[...], em se criando condições e metodologias específicas ao estudo do texto oral, vivo, audível e contextualizado, essa modalidade de língua adquirirá, paulatinamente, o mesmo respeito e prestígio que o texto escrito adquiriu no âmbito escolar e fora dele.” (CRESCITELLI; REIS, 2011, p. 39).

O filósofo Bakhtin (2003) refere-se também à definição de romance como sendo um enunciado. Nesse aspecto, entende-se que como todo enunciado é ideológico, assim o romance pode ser visto como ideológico, pois não existe enunciado neutro.

Ademais, constatou-se que, os enunciados dos excertos textuais com ocorrência de traços da oralidade são ideológicos, pois segundo o filósofo Bakhtin (2003), supracitado, o gênero romance é definido como sendo enunciado. Nesse aspecto, os excertos textuais de romances com marcas da língua falada, efetivando o hibridismo, podem ser trabalhados no

ensino de língua materna, haja vista que os estudos da língua falada, ainda, representam um dos grandes desafios do ensino de Língua Portuguesa, como se observa na ilustração a seguir:

O tratamento da língua falada, em sala de aula, daria condição de o aluno melhor compreender as modalidades do sistema linguístico – a fala e a escrita, como entidades oriundas do efetivo processo de comunicação, ressaltando a sua variabilidade (tão cara à Linguística) e os usos específicos face ao contexto sócio discursivo (local de sua realização, a relação entre interlocutores, o momento histórico etc.). (HEINE, 2014, p. 140)

Em concordância com a citação de Heine (2014), registra-se que o tratamento do romance ‘Vidas Secas’, em sala de aula, pautado na perspectiva bakhtiniana da LT, vai possibilitar que o/a discente tenha condição de compreender tanto acerca das modalidades da língua (a fala e a escrita) quanto sobre o texto como evento dialógico, linguístico-semiótico. Isso porque, a relação da fala e da escrita deve ser a partir da perspectiva do *continuum* de gêneros e não como pólos opostos. E o texto deve ser visto em sua totalidade, com os aspectos linguísticos-semióticos e os aspectos histórico-ideológicos.

Enfim, a contribuição desta pesquisa consiste em propor a valorização do gênero híbrido ao sugerir que sejam realizadas análises em romance, mais especificamente em excertos retirados de ‘Vidas Secas’, no contexto escolar, possibilitando uma compreensão de sua forma plural, pois abarca os diversos gêneros (bilhetes, cartas, conversação, receitas, piadas, sermões, dentre outros). Ressalta-se que a língua falada realiza-se através de gêneros textuais, consoante Marcuschi (2005), e, o referido autor chama a atenção para o tratamento com os gêneros híbridos, haja vista serem desprezados no ambiente escolar. Isso denota que o uso do hibridismo pode ser uma das perspectivas de trabalho nas práticas educativas da sala de aula, no ensino de língua portuguesa. Para tanto, deve-se promover aos docentes possibilidades de horários e financiamentos para aquisição de livros e participação em formações continuadas indispensáveis para um bom desenvolvimento do fazer pedagógico.

REFERÊNCIAS

- ABADALA-JUNIOR, Benjamin. CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da literatura brasileira*. São Paulo: Circulo do livro, 1987.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Procedimentos de reformulação: correção. In.: PRETI, D. (org). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. p. 129-156.
- BASTOS, H. Infernos, alpercata: trabalho e liberdade em ‘Vidas Secas’. In.: RAMOS, Graciliano. *‘Vidas Secas’*. São Paulo: Record, 2012.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 245-285.
- BORGES NETO, J. De que trata a linguística, afinal? In.: BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola editorial, 2004. p. 31-65
- CASTILHO, A. T. de. (Org.) Apresentação. In. Clélia Spinardi Jubran. *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado* v. 1. São Paulo: Unicamp, 2006. v. 1. p. 9-26.
- CASTILHO, A. T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CRESCITELLI, Mercedes Canha; REIS, Amália Salazar. O ingresso do texto oral em sala de aula. In.: Vanda Maria Elias (Org). *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 29-40.
- CUNHA, A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 157-176.
- FAVERO, L. L.; KOCK, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 2008.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda. Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa. In.: Vanda Maria Elias (Org). *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 13-28.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. OL.; AQUINO, Z. G. O. Correção. In. JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas-SP, Editora da UNICAMP, 2006. p. 255-274.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

- GABAS JR, N. Linguística histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 77-104.
- HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HEINE, L. M. B. Oralidade. In.: *Notas de aulas*, Salvador: UFBA, 2016.
- HEINE, Lícia Maria Bahia. A fase bakhtiniana da linguística textual. In: HEINE, Lícia Maria Bahia [et al.]. *Sujeito e discurso: diferentes perspectivas teóricas*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 83-122.
- HEINE, Lícia Maria Bahia. *O texto no livro didático: reflexões e sugestões* [et al.]. Salvador: EDUFBA, 2014.
- HEINE, L. M. B. Aspectos da língua falada. In.: *Revista (CON) TEXTOS Linguísticos*. Vitória – v.6, n.7. p. (2012) 196-216.
- HEINE, L. M. B.; HEINE, Palmira. (Org). *Questões do texto e do discurso*. Salvador: UFBA, 2010. No prelo.
- HEINE, L. M. B. Aspectos da perspectiva funcionalista da análise linguística. In: HEINE, Lícia M. B.; HEINE, P. (Org.). *Entre o texto e o discurso*. Salvador: Kalango, 2011a. p. 13-60.
- HEINE, L. M. B. *A linguística textual e sua fase bakhtiniana*. Salvador: UFBA, 2011b. (não publicado).
- HEINE, L. M. B. A escrita enquanto prática social. In: _____; HEINE, P. (Org.). *Pesquisando o texto e o discurso*. São Paulo: Ixtlan, 2011c. p. 61-74.
- JUBRAN, C. C. A. S. Introdução: a perspectiva textual-interativa. In.: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs) *Gramática do Português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: UNICAMP, 2006. Vol.1
- KOCK, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- KOCK, I. G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- KOCK, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- KOCH, I. G. V. ELIAS, V. M. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCK, I. G. V. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs) *Gramática do Português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: UNICAMP, 2006. Vol.1 p. 39-46.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Contexto, 2004.

- KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2000.
- KOCH, I. G. V; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre fala e escrita. In: MARCUSCHI, L. A. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica. [2005] 2007. p. 13-30.
- MARCUSCHI, L. A. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. In.: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (orgs) *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 57-84.
- MARCUSCHI, L. A. Fenômenos intrínsecos da oralidade. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs) *Gramática do Português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: UNICAMP, 2006. Vol.1 p. 47-70.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001. [2010]
- MARCUSCHI, L. A. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In. KOCH, I. G. V. (Org.) *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESB, 1996, p. 95-130.
- MARTELOTA, M. E. Conceitos de Gramática. In: MARTELOTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 43-70.
- MELO, Ana Amélia M. C. A crítica social e a escrita em Vidas Secas. In.: *Revista Estud.soc.agric.*, vol. 13, no. 2, Rio de Janeiro, 2005. p. 369-398.
- MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- NEGREIROS, Gil. Oralidade e poesia em sala de aula. In.: Vanda Maria Elias (Org). *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 67-78.
- PINTO, J. P. Pragmática. In.: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2011. p. 47-68.
- PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2004.
- RAMOS, Graciliano. *'Vidas Secas'*. São Paulo: Record, 2012.

RIBEIRO, G. S. *A língua de Fabiano*. In. Revista Floema. Ano VIII, n. 11. Jul./dez. 2014. P. 147-162.

RISSO, M. S; SILVA; G. M. de O. e; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In.: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs) *Gramática do Português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: UNICAMP, 2006. Vol.1 p. 403-426.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e; KOCH, I. G. V. Estratégias de desaceleração do texto falado. In.: KATO, Mary A. *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996. – p. 327-338.

SILVA, Maurício. Entre o poder e o silêncio: uma abordagem sociolinguística de Vidas Secas. *Revista Mimesis*. v. 19, n. 1. Bauru, 1998. p. 113-128.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In.: PRETI, D. (org). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. p. 81-102.

ANEXOS (A)

Exemplos vistos nos Capítulos 2 e 3

Exemplo 1

paredes e pelas gretas da janela. Por isso não podiam dormir. Quando iam pegando no sono, arrepiavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se à trempe e ouviam a conversa dos pais. Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto.

Fabiano tornou a esfregar as mãos e iniciou uma história bastante confusa, mas como só estavam iluminadas as alpercatas dele, o gesto passou despercebido. O menino mais velho abriu os ouvidos, atento. Se pudesse ver o rosto do pai, compreenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande. Levantou-se, foi a um canto da cozinha, trouxe de lá uma braçada de lenha. Sinha Vitória aprovou este ato com um rugido, mas Fabiano condenou a interrupção, achou que o procedimento do filho revelava falta de respeito e estirou o braço para castigá-lo. O pequeno escapuliu-se, foi enrolar-se na saia da mãe, que se pôs francamente do lado dele.

— Hum! hum! Que brabeza!

Aquele homem era assim mesmo, tinha o coração perto da goela.

— Estourado.

Remexeu as brasas com o cabo da quenga de coco, arrumou entre as pedras achas de angico molhado, procurou

Exemplos 2 e 8

— Festa é festa.

Bebeu ainda uma vez e empertigou-se, olhou as pessoas desafiando-as. Estava resolvido a fazer uma asneira. Se topasse o soldado amarelo, esbodegava-se com ele. Andou entre as barracas, emproado, atirando coices no chão, insensível às esfoladuras dos pés. Queria era desgraçar-se, dar um pano de amostra àquele safado. Não ligava importância à mulher e aos filhos, que o seguiam.

— Apareça um homem! berrou.

No barulho que enchia a praça ninguém notou a provocação. E Fabiano foi esconder-se por detrás das barracas, para lá dos tabuleiros de doces. Estava disposto a esbagaçar-se, mas havia nele um resto de prudência. Ali podia irritar-se, dirigir ameaças e desaforos a inimigos invisíveis. Impelido por forças opostas, expunha-se e acautelava-se. Sabia que aquela explosão era perigosa, temia que o soldado amarelo surgisse de repente, viesse plantar-lhe no pé a reiuna. O soldado amarelo, falto de substância, ganhava fumaça na companhia dos parceiros. Era bom evitá-lo. Mas a lembrança dele tornava-se às vezes horrível. E Fabiano estava tirando uma desforra. Estimulado pela cachaça, fortalecia-se:

— Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem.

Lançava o desafio numa fala atrapalhada, com o vago receio de ser ouvido. Ninguém apareceu. E Fabiano roncou alto, gritou que eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor. Depois de muitos berros, supôs que havia ali perto homens escondidos, com medo dele.

Exemplos 3 e 5

— Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jogo?

Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reiuna em cima da alpercata do vaqueiro.

— Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

— Toca pra frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.

— Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano.

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando:

— Hum! hum!

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir.

— Bem, bem.

Exemplo 4

Então por que um sem-vergonha desordeiro se arreliava, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações: — “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.”

Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?
— An!

E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza.

Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acalmou-se:

— Bem, bem. Não há nada não. ✎

Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as ventas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de sinha Vitória, deitar-se na cama de varas. Por que vinham bulir com um homem que só queria descansar? Deviam bulir com outros.

— An!

Estava tudo errado.

Exemplo 6

Pobre de sinha Vitória, inquieta e sossegando os meninos. Baleia vigiando, perto da trempe. Se não fossem eles...

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a ideia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha.

Fabiano gritou, assustando o bêbedo, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinha Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.

Exemplo 8

Seguiu a direção que a égua havia tomado. Andara cerca de cem braças quando o cabresto de cabelo que trazia no ombro se enganchou num pé de quipá. Desembaraçou o cabresto, puxou o facão, pôs-se a cortar as quipás e as palmatórias que interrompiam a passagem.

Tinha feito um estrago feio, a terra se cobria de palmas espinhosas. Deteve-se percebendo rumor de garranchos, voltou-se e deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levara à cadeia, onde ele aguentara uma surra e passara a noite. Baixou a arma. Aquilo durou um segundo. Menos: durou uma fração de segundo. Se houvesse durado mais tempo, o amarelo teria caído esperneando na poeira, com o quengo rachado. Como o impulso que moveu o braço de Fabiano foi muito forte, o gesto que ele fez teria sido bastante para um homicídio se outro impulso não lhe dirigisse o braço em sentido contrário. A lâmina parou de chofre, junto à cabeça do intruso, bem em cima do boné vermelho. A princípio o vaqueiro não compreendeu nada. Viu apenas que estava ali um inimigo. De repente notou que aquilo era um homem e, coisa mais grave, uma autoridade. Sentiu um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo, inclinando-se para um lado e para outro.

O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia. E Fabiano tinha vontade de levantar o facão de novo. Tinha vontade, mas os músculos afrouxavam. Realmente não quisera matar um cristão: procedera como quando, a montar brabo, evitava galhos e espinhos. Ignorava os movimentos que fazia na sela. Alguma coisa o empurrava para a direita ou para a esquerda. Era essa coisa que ia partindo

Exemplo 9

Então por que um sem-vergonha desordeiro se arreliava, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações: — “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.”

Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?
— An!

E, por mais que forcejasse, não se convenciam de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza.

Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acalmou-se:

— Bem, bem. Não há nada não. /

Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as ventas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de sinha Vitória, deitar-se na cama de varas. Por que vi-nham bulir com um homem que só queria descansar? Deviam bulir com outros.

— An!

Estava tudo errado.

— An!

Tinham lá coragem? Imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na catinga. Tinha graça. Não dava um caldo.

Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedras. Sinha Vitória punha sal na comida. Abriu os alforjes novamente: a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem. Sinha Vitória prova o caldo na quenga de coco. E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente. Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um preá. Ia envelhecendo, coitada. Sinha Vitória, inquieta, com certeza fora muitas vezes escutar na porta da frente. O galo batia as asas, os bichos bodejavam no chiqueiro, os chocalhos das vacas tiniam.

Se não fosse isso... An! Em que estava pensando? Meteu os olhos pela grade da rua. Chi! que pretume! O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de querosene.

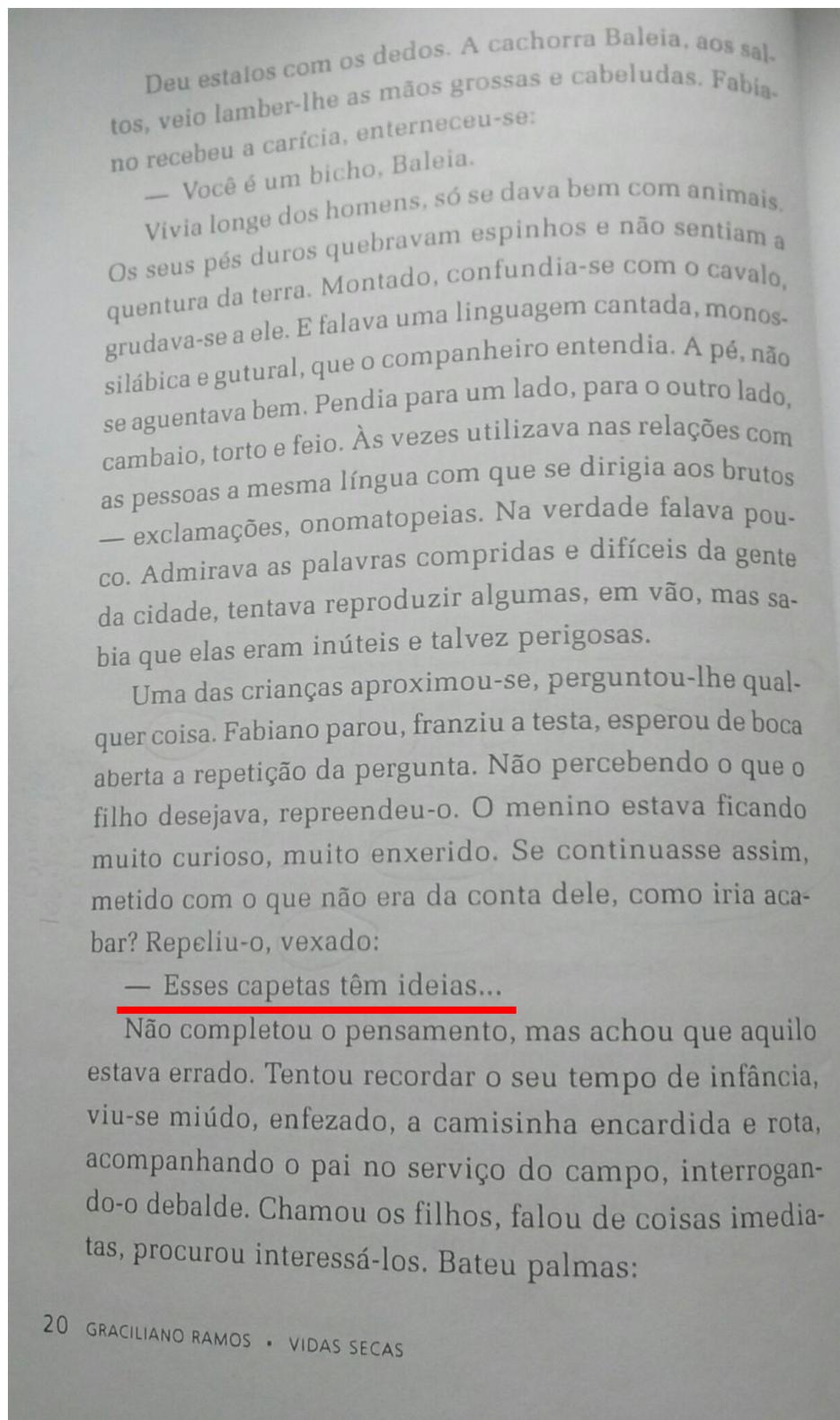
Pobre de sinha Vitória, cheia de cuidados, na escuridão. Os meninos sentados perto do lume, a panela chiando na trempe de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede.

Estava tão cansado, tão machucado, que ia quase adormecendo no meio daquela desgraça. Havia ali um bêbedo tresvariando em voz alta e alguns homens agachados em redor de um fogo que enchia o cárcere de fumaça. Discutiam e queixavam-se da lenha molhada.

ANEXOS (B)

Exemplos vistos no Capítulo 5

Exemplo 10



Exemplo 11

— An!

Tinham lá coragem? Imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na catinga. Tinha graça. Não dava um caldo.

Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedras. Sinha Vitória punha sal na comida. Abriu os alforjes novamente: a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem. Sinha Vitória prova o caldo na quenga de coco. E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente. Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um preá. Ia envelhecendo, coitada. Sinha Vitória, inquieta, com certeza fora muitas vezes escutar na porta da frente. O galo batia as asas, os bichos bodejavam no chiqueiro, os chocalhos das vacas tiniam.

Se não fosse isso... An! Em que estava pensando? Meteu os olhos pela grade da rua. Chi! que pretume! O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de querosene.

Pobre de sinha Vitória, cheia de cuidados, na escuridão. Os meninos sentados perto do lume, a panela chiando na trempe de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede.

Estava tão cansado, tão machucado, que ia quase adormecendo no meio daquela desgraça. Havia ali um bêbedo tresvariando em voz alta e alguns homens agachados em redor de um fogo que enchia o cárcere de fumaça. Discutiam e queixavam-se da lenha molhada.

Exemplo 12

Fabiano cochilava, a cabeça pesada inclinava-se para o peito e levantava-se. Devia ter comprado o querosene de seu Inácio. A mulher e os meninos aguentando fumaça nos olhos.

Acordou sobressaltado. Pois não estava misturando as pessoas, desatinando? Talvez fosse efeito da cachaça. Não era: tinha bebido um copo, tanto assim, quatro dedos. Se lhe dessem tempo, contaria o que se passara.

Ouviu o falatório desconexo do bêbedo, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais — aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?

Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou — e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos.

Enfim, contanto... Seu Tomás daria informações. Fossem perguntar a ele. Homem bom, seu Tomás da boiandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fez. Ele, Fabiano, era aquilo mesmo, um bruto.

Exemplo 13

O que desejava... An! Esquecia-se. Agora se recordava da viagem que tinha feito pelo sertão, a cair de fome. As pernas dos meninos eram finas como bilros, sinha Vitória tropicava debaixo do baú dos trens. Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade.

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas.

Bateu na cabeça, apertou-a. Que faziam aqueles sujeitos acorados em torno do fogo? Que dizia aquele bêbedo que se esgoelava como um doido, gastando fôlego à toa? Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles não prestavam para nada. Ouviu uma voz fina. Alguém no xadrez das mulheres chorava e arrenegava as pulgas. Rapariga da vida, certamente, de porta aberta. Essa também não prestava para nada. Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. Ele, os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele queria dizer.

E havia também aquele fogo-corredor que ia e vinha no espírito dele. Sim, havia aquilo. Como era? Precisava descansar. Estava com a testa doendo, provavelmente em consequência de uma pancada de cabo de facão. E doía-lhe a cabeça toda, parecia-lhe que tinha fogo por dentro, parecia-lhe que tinha nos miolos uma panela fervendo.

Exemplo 14

matutos em dias de festa. Para que Fabiano fora despertar-lhe aquela recordação?

Chegou à porta, olhou as folhas amarelas das catingueiras. Suspirou. Deus não havia de permitir outra desgraça. Agitou a cabeça e procurou ocupações para entreter-se. Tomou a cuia grande, encaminhou-se ao barreiro, encheu de água o caco das galinhas, endireitou o poleiro. Em seguida foi ao quintalzinho regar os craveiros e as panelas de losna. E botou os filhos para dentro de casa, que tinham barro até nas meninas dos olhos. Repreendeu-os:

— Safadinhos! porcos! sujos como...

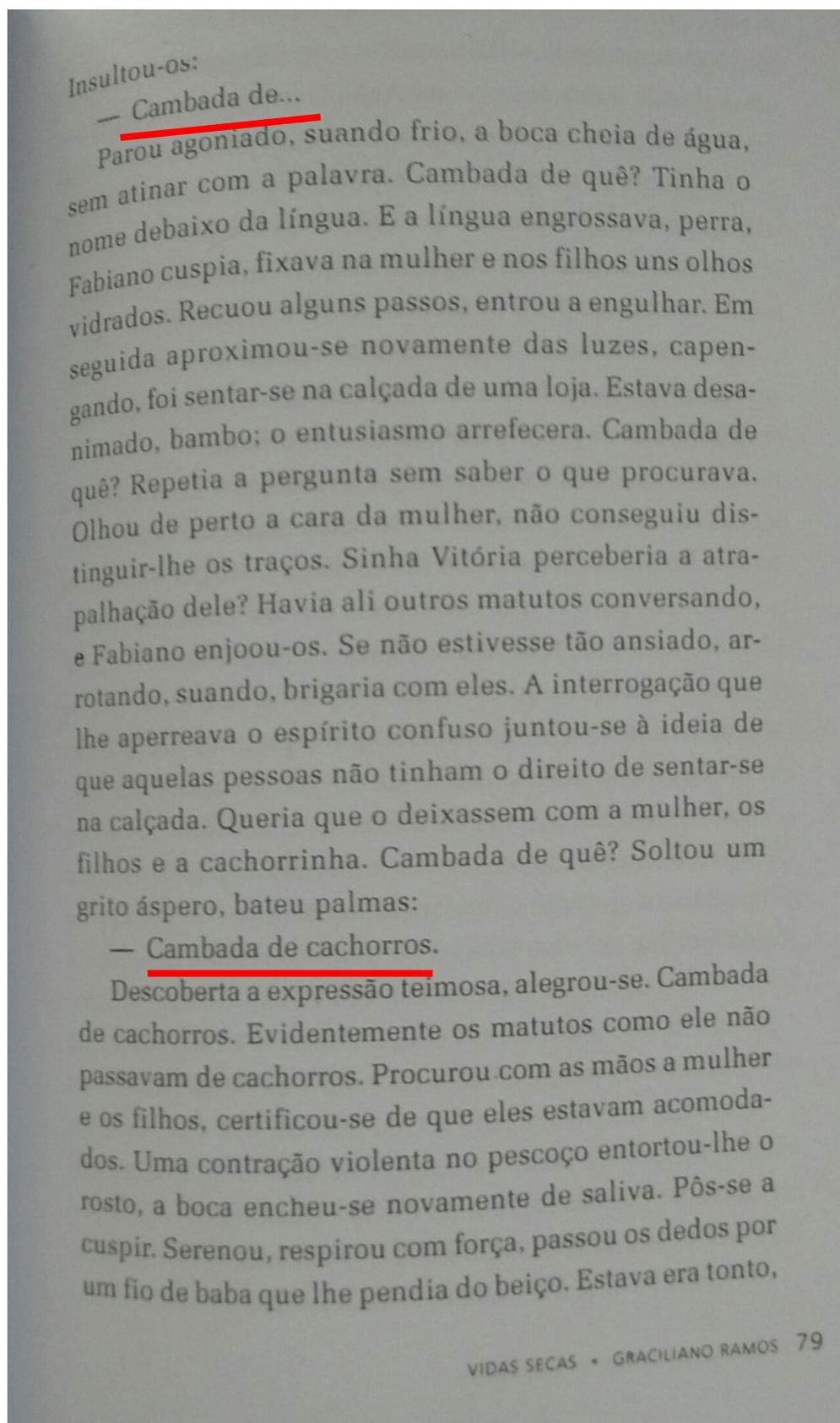
Deteve-se. Ia dizer que eles estavam sujos como papagaios.

Os pequenos fugiram, foram enrolar-se na esteira da sala, por baixo do caritó, e sinha Vitória voltou para junto da trempe, reacendeu o cachimbo. A panela chiava; um vento morno e empoeirado sacudia as teias de aranha e as cortinas de pucumã do teto; Baleia, sob o jirau, coçava-se com os dentes e pegava moscas. Ouviam-se distintamente os roncões de Fabiano, compassados, e o ritmo deles influenciou nas ideias de sinha Vitória. Fabiano roncava com segurança. Provavelmente não havia perigo, a seca devia estar longe.

Outra vez sinha Vitória pôs-se a sonhar com a cama de lastro de couro. Mas o sonho se ligava à recordação do papagaio, e foi-lhe preciso um grande esforço para isolar o objeto do seu desejo.

Tudo ali era estável, seguro. O sono de Fabiano, o fogo que estalava, o toque dos chocalhos, até o zumbido das moscas, davam-lhe sensação de firmeza e repouso. Tinha

Exemplo 15



Exemplo 16

Naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne-seca e pedaços de toicinho. A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo corria para o bebedouro. Ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de macambira.

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Balleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.

— Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com sinha Vitória. Se ela houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem. Sinha Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo. Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga delas era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas. Esta convicção tornava o desconfiado, fazia-o observar os pais antes de se dirigir a eles. Animara-se a interrogar sinha

Exemplo 17

ameaçando-lhe os olhos. A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano. Se elas tivessem paciência, comeriam tranquilamente a carniça. Não tinham paciência, aquelas pestes vorazes que voavam lá em cima, fazendo curvas.

— Pestes.

Voavam sempre, não se podia saber donde vinha tanto urubu.

— Pestes.

Olhou as sombras movediças que enchiam a campina. Talvez estivessem fazendo círculos em redor do pobre cavalo esmorecido num canto de cerca. Os olhos de Fabiano se umedeceram. Coitado do cavalo. Estava magro, pelado, faminto, e arredondava uns olhos que pareciam de gente.

— Pestes.

O que indignava Fabiano era o costume que os miseráveis tinham de atirar bicadas aos olhos de criaturas que já não se podiam defender. Ergueu-se, assustado, como se os bichos tivessem descido do céu azul e andassem ali perto, num voo baixo, fazendo curvas cada vez menores em torno do seu corpo, de sinha Vitória e dos meninos.

Sinha Vitória percebeu-lhe a inquietação na cara torturada e levantou-se também, acordou os filhos, arrumou os picuás. Fabiano retomou o carregamento. Sinha Vitória desatou-lhe a correia presa ao cinturão, tirou a cuia e emborcou-a na cabeça do menino mais velho, sobre uma rodilha de molambos. Em cima pôs uma trouxa. Fabiano aprovou o arranjo, sorriu, esqueceu os urubus e o cavalo.

Exemplo 18

Passou as mãos nas costas e no peito, sentiu-se moído, os olhos azulados brilharam como olhos de gato. Tinham-no realmente surrado e prendido. Mas era um caso tão esquisito que instantes depois balançava a cabeça, duvidando, apesar das machucaduras.

Ora, o soldado amarelo... Sim, havia um amarelo, criatura desgraçada que ele, Fabiano, desmancharia com um tabefe. Não tinha desmanchado por causa dos homens que mandavam. Cuspiu, com desprezo:

— Safado, mofino, escarro de gente.

Por mor de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família. Pensou na mulher, nos filhos e na cachorrinha. Engatinhando, procurou os alforjes, que haviam caído no chão, certificou-se de que os objetos comprados na feira estavam todos ali. Podia ter-se perdido alguma coisa na confusão. Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e com ramagens, exatamente o que sinha Vitória desejava. Encalhendo um tostão em côvado, por sovínice, acabava o dia daquele jeito. Tornou a mexer nos alforjes. Sinha Vitória devia estar desassossegada com a demora dele. A casa no escuro, os meninos em redor do fogo, a cachorra Baleia vigiando. Com certeza haviam fechado a porta da frente.

Estirou as pernas, encostou as carnes doídas ao muro. Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito? Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso.

Exemplos 19 e 26

Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo — anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas — ela se avizinando a galope, com vontade de matá-lo.

Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se. Não queria morrer. Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.

— Um homem, Fabiano.

Coçou o queixo cabeludo, parou, reacendeu o cigarro. Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia.

Mas depois? Fabiano tinha a certeza de que não se acabaria tão cedo. Passara dias sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estômago. Viveria muitos anos, viveria um século. Mas se morresse de fome ou nas pontas de um touro, deixaria filhos robustos, que gerariam outros filhos.

Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.

Exemplos 20 e 22

Então por que um sem-vergonha desordeiro se arreliava, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações: — “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.”

Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?
— An!

E, por mais que forcejasse, não se convenciu de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza.

Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acalmou-se:

— Bem, bem. Não há nada não.

Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as vendas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de sinha Vitória, deitar-se na cama de varas. Por que vinham bulir com um homem que só queria descansar? Deviam bulir com outros.

— An!

Estava tudo errado.

Exemplo 21

Sinha Terta era pessoa de muito saber naquelas beiradas. Como andariam as contas com o patrão? Estava ali o que ele não conseguiria nunca decifrar. Aquele negócio de juro engolia tudo, e afinal o branco ainda achava que fazia favor. O soldado amarelo...

Fabiano, encaiporado, fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma infelicidade, e vinham outras infelicidades. Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. Mas lembrava-se, com desespero, enroscando-se como uma cascavel assanhada. Era um infeliz, era a criatura mais infeliz do mundo. Devia ter ferido naquela tarde o soldado amarelo, devia tê-lo cortado a facão. Cabra ordinário, mofino, encolhera-se e ensinara o caminho. Esfregou a testa suada e enrugada. Para que recordar vergonha? Pobre dele. Estava então decidido que viveria sempre assim? Cabra safado, mole. Se não fosse tão fraco, teria entrado no cangaço e feito misérias. Depois levaria um tiro de emboscada ou envelheceria na cadeia, cumprindo sentença, mas isto era melhor que acabar-se numa beira de caminho, assando no calor, a mulher e os filhos acabando-se também. Devia ter furado o pescoço do amarelo com faca de ponta, devagar. Talvez estivesse preso e respeitado, um homem respeitado, um homem. Assim como estava, ninguém podia respeitá-lo. Não era homem, não era nada. Aguentava zinco no lombo e não se vingava.

— Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha. Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele.

Exemplo 23

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de sinha Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava.

Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.

Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiar a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares.

Sinha Vitória remexeu no baú, os meninos foram quebrar uma haste de alecrim para fazer um espeto. Baleia, o ouvido atento, o traseiro em repouso e as pernas da frente erguidas, vigiava, aguardando a parte que lhe iria tocar, provavelmente os ossos do bicho e talvez o couro.

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente

Exemplo 24

mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário.

Chape-chape. Os três pares de alpercatas batiam na lama rachada, seca e branca por cima, preta e mole por baixo. A lama da beira do rio, calcada pelas alpercatas, balançava.

A cachorra Baleia corria na frente, o focinho arregaçado, procurando na catinga a novilha raposa.

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos — e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera.

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

— Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha — e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

— Um bicho, Fabiano.

Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoada. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro.

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra.

Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hóspede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite.

Exemplo 25

Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam?

Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse.

Sinha Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de um pau.

Olhou a catanga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se.

Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo — anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas — ela se avizinando a galope, com vontade de matá-lo.

Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se. Não queria morrer. Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.

— Um homem, Fabiano.

Coçou o queixo cabeludo, parou, reacendeu o cigarro. Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia.

Mas depois? Fabiano tinha a certeza de que não se acabaria tão cedo. Passara dias sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estômago. Viveria muitos anos, viveria um século. Mas se morresse de fome ou nas pontas de um touro, deixaria filhos robustos, que gerariam outros filhos.

Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.

Exemplo 27

— Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jogo?

Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reiuna em cima da alpercata do vaqueiro.

— Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

— Toca pra frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.

— Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano.

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando:

— Hum! hum!

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir.

— Bem, bem.

Exemplo 28

Mas aquela brutalidade findara de chofre, a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos. A água tinha subido, alcançado a ladeira, estava com vontade de chegar aos juazeiros do fim do pátio. Sinha Vitória andava amedrontada. Seria possível que a água topasse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como preás.

Suspirava atijando o fogo com o cabo da quenga de coco. Deus não permitiria que sucedesse tal desgraça.

— An!

A casa era forte.

— An!

Os esteios de aroeira estavam bem fincados no chão duro. Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das paredes de taipa. Deus protegeria a família.

— An!

As varas estavam bem amarradas com cipós nos esteios de aroeira. O arcabouço da casa resistiria à fúria das águas. E quando elas baixassem, a família regressaria. Sim, viveriam todos no mato, como preás. Mas voltariam quando as águas baixassem, tirariam do barreiro terra para vestir o esqueleto da casa.

— An!

Sinha Vitória moveu o abano com força para não ouvir o barulho do rio, que se aproximava. Seria que ele estava com intenção de progredir? O abano zumbia, e o rumor da enchente era um sopro, um sopro que esmorecia para lá dos juazeiros.

Exemplo 29

recordação, temendo que ela virasse realidade. Rezou baixinho uma ave-maria, já tranquila, a atenção desviada para um buraco que havia na cerca do chiqueiro das cabras. Esfarelou a pele de fumo entre as palmas das mãos grossas, encheu o cachimbo de barro, foi consertar a cerca. Voltou, circulou a casa atravessando o cercadinho do oitão, entrou na cozinha.

— É capaz de Fabiano ter-se esquecido da vaca laranja.

Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e foi cair no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse ato com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. Encheu a boca de saliva, inclinou-se — e não conseguiu o que esperava. Fez várias tentativas, inutilmente. O resultado foi secar a garganta. Ergueu-se desapontada. Besteira, aquilo não valia.

Aproximou-se do canto onde o pote se erguia numa forquilha de três pontas, bebeu um caneco de água. Água salobra.

— Ixe!

Isto lhe sugeriu duas imagens quase simultâneas, que se confundiram e neutralizaram: panelas e bebedouros. Encostou o fura-bolos à testa, indecisa. Em que estava pensando? Olhou o chão, concentrada, procurando recordar-se, viu os pés chatos, largos, os dedos separados. De repente as duas ideias voltaram: o bebedouro secava, a panela não tinha sido temperada.

Exemplo 30

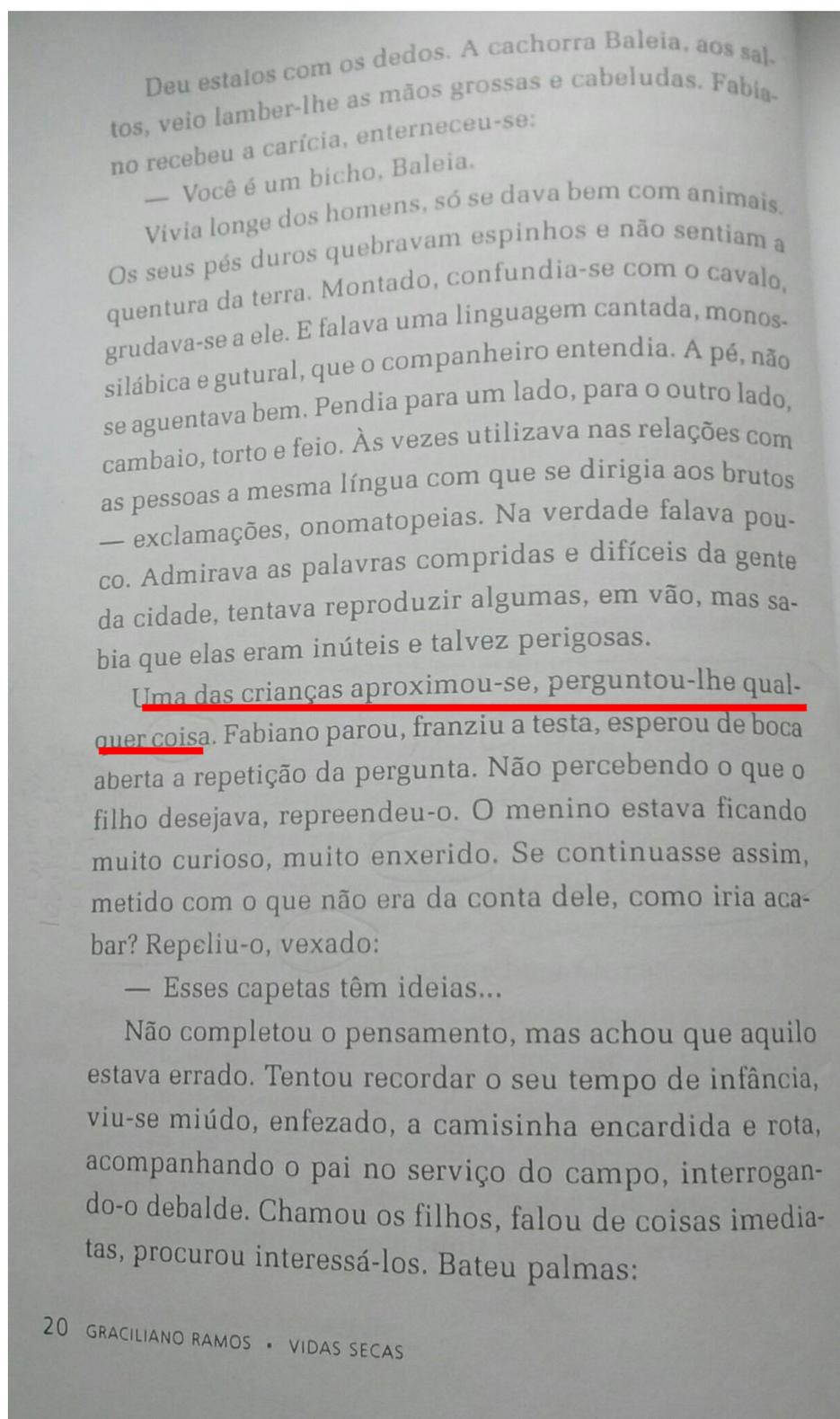
atinava. Um bicho tão pequeno! Achou a coisa obscura e desistiu de aprofundá-la. Entrou em casa, trouxe o aió, preparou um cigarro, bateu com o fuzil na pedra, chupou uma tragada longa. Espiou os quatro cantos, ficou alguns minutos voltado para o norte, coçando o queixo.

— Chi! Que fim de mundo!

Não permaneceria ali muito tempo. No silêncio comprido só se ouvia um rumor de asas.

Como era que sinha Vitória tinha dito? A frase dela tornou ao espírito de Fabiano e logo a significação apareceu. As arribações bebiam a água. Bem. O gado curtia sede e morria. Muito bem. As arribações matavam o gado. Estava certo. Matutando, a gente via que era assim, mas sinha Vitória largava tiradas embaraçosas. Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer. Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de sinha Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha ideias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo. Nas situações difíceis encontrava saída. Então! Descobrir que as arribações matavam o gado! E matavam. Aquela hora o mulungu do bebedouro, sem folhas e sem flores, uma garrancharia pelada, enfeitava-se de penas.

Desejou ver aquilo de perto, levantou-se, botou o aió a tiracolo, foi buscar o chapéu de couro e a espingarda de pederneira. Desceu o copiar, atravessou o pátio, avizinhou-se da ladeira pensando na cachorra Baleia. Coitadinha. Tinham-lhe aparecido aquelas coisas horríveis na boca, o pelo caíra, e ele precisara matá-la. Teria procedido bem? Nunca havia refletido nisso. A cachorra estava doente. Podia consentir que ela mordesse os meninos?

Exemplo 31

(RAMOS, 2012, p. 20)